

Elizete Maria de Souza

***Sujeitos de Referência Arbitrária:
uma classe homogênea?***

**Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2013**

Elizete Maria de Souza

***Sujeitos de Referência Arbitrária:
uma classe homogênea?***

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística Teórica e Descritiva

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística – Linha (1A)

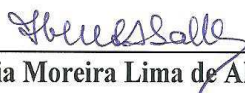
Orientadora: Dra. Jânia Martins Ramos

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2013

Tese intitulada *Sujeitos de referência arbitrária: uma classe homogênea?*,
defendida por ELIZETE MARIA DE SOUZA em 28/02/2013 e aprovada pela Banca Examinadora
constituída pelos Professores:



Dra. Jânia Martins Ramos - UFMG
Orientadora



Dr. Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles - UnB



Dr. Clézio Roberto Gonçalves - UFOP



Dr. Lorenzo Teixeira Vitral - UFMG



Dr. Eduardo Tadeu Roque Amaral - UFMG

Dedico esta tese

*à minha mãe e queridas irmãs,
que estiveram ao meu lado
partilhando as dores e as flores
dessa conquista;*

*à minha orientadora,
Dra. Jânia Ramos,
exemplo de trabalho e perseverança.*

AGRADECIMENTOS

Obrigado Senhor pelo que me deste.

Muito obrigado pelo que me dás

Obrigado pelo pão, pela vida, pelo ar, pela paz

Muito obrigado pela beleza que os meus olhos veem no altar da natureza.

Olhos que fitam o céu, a terra e o mar

Que acompanham a ave ligeira que corre fagueira pelo céu de anil

E se detém na terra verde, salpicada de flores em tonalidades mil [...]¹

Muito obrigada à minha orientadora, Dra. Jânia Ramos, pelo cuidado, paciência, dedicação e perseverança ao acompanhar de perto cada etapa deste trabalho. Obrigada por conduzir e reconduzir as tarefas realizadas sempre com entusiasmo e profissionalismo. Obrigada pelas inúmeras indicações bibliográficas e materiais disponibilizados e, sobretudo, pela confiança e preciosas sugestões que vão além das páginas desta tese.

Como não poderia deixar de ser, quero aqui fazer dois agradecimentos muito especiais. Primeiro, à minha mãe, por me transmitir valores preciosos que hoje me permitem trilhar o caminho do bem, sabendo enfrentar as dificuldades com coragem e otimismo, sem jamais perder a fé. Sei que minhas energias muitas vezes consumidas pela angústia de dar conta de conciliar o exercício do magistério com as tarefas do doutorado, participação em congressos, publicações, prazos a cumprir, foram revigoradas pelo silêncio de suas orações. Muito obrigada pelo aconchego de suas palavras e por me encorajar dizendo que era preciso seguir em frente; segundo, quero agradecer às minhas irmãs e sobrinhos por me fazerem sentir uma pessoa tão especial. Sem a ajuda e compreensão de vocês, cada um a sua maneira, essa conquista não seria alcançada. Obrigada pelo amor e cuidado que ultrapassam os limites dessa existência

Agradeço à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Dra. Célia Magalhães e ao Dr. Rui Rothe, que me viu chegar ainda no mestrado e agora compartilha comigo essa vitória.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa parcial de estudos.

¹ Trecho da “Oração do agradecimento”, por Divaldo P. Franco médium e orador espírita.

Agradeço ao Núcleo de Pesquisa em Variação (NuPeVar), pelo espaço de interlocução, pelos materiais e equipamentos disponibilizados.

Agradeço ao professor Dr. Fábio Bonfim, pelo tratamento sempre atencioso, pela amizade, pelas sugestões bibliográficas e, principalmente, por me encorajar nos momentos de maior dificuldade.

Agradeço ao professor Dr. Lorenzo Vitral, pela atenção e olhar cuidadoso em vários momentos do curso e por estar presente nas bancas de avaliação dos meus trabalhos desde a época do mestrado.

Agradeço à profa. Dra. Maria Antonieta Cohen (carinhosamente, profa. Tilah), pelo interesse de me ajudar quando estive à frente da coordenação do POSLIN. Obrigada pelo carinho e pelas lições de Reanálise durante o curso.

Agradeço aos demais professores do Programa, em especial aos professores Dr. José Olímpio Magalhães, Dra. Maria do Carmo Viegas, Dra. Sueli Coelho, pela atenção, carinho e ajuda em vários momentos do curso.

Muito obrigada aos membros da minha banca de qualificação, Dra. Heloisa Salles (UnB) e Dr. Fábio Bonfim (UFMG), pela leitura cuidadosa do meu texto, pelas valiosas sugestões e pelo interesse e disponibilidade em contribuir com minha pesquisa.

Obrigada aos professores, Dra. Heloisa M. M. L. de Almeida Salles (UnB), Dr. Clézio Roberto Gonçalves (UFOP), Dr. Lorenzo Vitral (UFMG), Dr. Eduardo Tadeu Roque Amaral (UFMG) e aos suplentes, Dr. Daniel Carvalho (UFBA) e Dr. Fábio Bonfim Duarte (UFMG), por tão prontamente aceitarem o convite para fazer parte da minha banca de doutorado. Obrigada, mais uma vez, pelas contribuições na ocasião da defesa.

Agradeço aos funcionários do POSLIN, especialmente à Malu, à Cida, à Graça e ao Divino, que sempre atenderam minhas solicitações com atenção, presteza e, sobretudo, delicadeza.

Sou muito grata à amiga Elaine Chaves, com quem pude dividir não somente minhas dúvidas, angústias e dificuldades, mas também as conquistas e alegrias dentro e fora da esfera acadêmica. Obrigada, minha grande parceira de trabalho, com você pude aprimorar meu olhar investigativo ao longo do doutorado. Obrigada pela companhia em vários congressos, por me receber sempre tão prontamente em sua casa, pelos pensamentos positivos, orações e pela torcida verdadeira!

Agradeço à amiga Juliana Costa Moreira, pela amizade genuinamente sincera. Obrigada pelas discussões acadêmicas, pelas conversas sobre assuntos diversos, pelos momentos de descontração e principalmente por desejar verdadeiramente que tudo desse certo! Foi muito bom ter sua companhia em vários momentos do curso, sobretudo nas viagens de estudo e nos momentos de lazer.

Obrigada ao amigo Ricardo Machado Rocha, pelas preciosas sugestões, ainda que por e-mails, pelo olhar crítico ao meu trabalho, pela amizade e pelos constantes encorajamentos.

Obrigada à amiga Melina Rezende Dias, pelo carinho, pela amizade e pela companhia nos congressos e também por compartilhar comigo várias expectativas profissionais.

Agradeço à Juvanete Brito, Rosana Alves, Luís de Gomes e à Joana Angélica Lima, meus queridos amigos da Bahia, pelo carinho, pela presença em vários momentos, por estarem sempre prontos a atender minhas solicitações. Nossos laços de amizade estarão sempre bem atados, pois a distância física que separa Minas e Bahia é apenas um detalhe.

Agradeço às amigas, Lílian T. de Sousa e Iara Lages Albuquerque, pelo carinho e disponibilidade em colaborar todas as vezes que solicitei materiais e pedi sugestões.

Agradeço aos demais amigos e colegas do curso, Ceriz, Marisa, Ana Luiza, Maria Alice, Chris, Zezé, Isadora, Priscila, Luciana, Camila, Joviano e tantos outros por tornarem o árduo período de doutorado mais leve.

Agradeço aos amigos de Vespasiano, a todos e a cada um em especial, que mesmo sem compreender muito da minha pesquisa, sempre torceram pelo meu sucesso. Minha felicidade de poder compartilhar essa conquista com vocês é enorme.

Agradeço aos meus amigos e colegas professores, que souberam reconhecer o meu esforço na árdua tarefa de lecionar na Educação Fundamental da Rede Pública de Ensino e ao mesmo tempo buscar o aperfeiçoamento profissional sem apoio institucional. Obrigada pelo apoio e força, especialmente à amiga Eliane Teixeira, por estar sempre me encorajando e me reanimando e por não se cansar de dizer “e aí doutora”!

Agradeço aos meus familiares, especialmente à tia Licota, Karine e Vó Maria, pelo enorme amor, cuidado e confiança, e também pelas orações. Agradeço aos demais primos e tios.

Agradeço à minha irmã Edivane, por se privar de seu último dia de férias pra me ajudar com os arquivos pré-textuais. Valeu demais sua ajuda! Agradeço também à Elaine, minha irmã, por ajudar a conferir as referências bibliográficas!

Quero ainda fazer um agradecimento pouco convencional. Imagino que pelo menos aqueles que já escreveram uma tese ou fez algo parecido vão compreender o que estou dizendo: poder se sentir aquecido, envolvido pelo aconchego de um simples “agasalho” nas noites frias, intermináveis, podendo ter ainda a companhia e carinho de seu cão. Obrigada Safira, por tantas vezes ter me aliviado o estresse com seu jeito doce e brincalhão.

Agradeço, por fim, aos informantes sem os quais este estudo não seria possível.

Agradeço a Deus, mais uma vez, por me conceder a benção de alcançar esta conquista!

[..] Muito obrigado Senhor, pela minha voz!

E também pela Tua voz, pela voz que canta, que ensina, que alfabetiza

*Pela voz que com emoção, profere uma sentida oração!*²

² Trecho da “Oração do agradecimento”, por Divaldo P. Franco – médium e orador espírita.

Este trabalho foi parcialmente financiado
por uma bolsa do CNPQ.

ÁPORO

*Um inseto cava
cava sem alarme
perfurando a terra
sem achar escape.*

*Que fazer, exausto,
em país bloqueado,
enlace de noite
raiz e minério?*

*Eis o labirinto
(oh razão, mistério)
presto se desata:*

*em verde, sozinha,
antieuclidiana,
uma orquídea forma-se.*

Carlos Drummond de Andrade
Antologia Poética

RESUMO

Esta tese examina um caso de variação de sujeito de referência arbitrária. Mais exatamente, nosso foco são as construções impessoais que trazem o pronome ‘eles’ pleno ou sua forma reduzida ‘es’ na posição de sujeito. Nestas construções entrecruzam-se os processos de impessoalização e de preenchimento de sujeito no Português Brasileiro. Inicialmente, observa-se que as construções impessoais não são *per se* um objeto de estudo homogêneo: trata-se de um conjunto heterogêneo de estratégias, como mostra a descrição de diferentes tipologias de construções impessoais em várias línguas (CABREDO HOFHERR, 2003, 2006; SIEWIERSKA, 2007, CREISSELS, 2008; SIEWIERSKA & PAPASTATHI, 2011). Estes estudos tipológicos nos permitem enxergar as construções impessoais como uma classe não homogênea, o que nos leva a postular que a impessoalidade deve ser tratada como uma gradação, que pode ser descrita por meio de uma tipologia que se define em termos de traços: [-impessoal >...> + impessoal] – mais exatamente feixes de traços formais, incluindo os traços de especificidade e definitude que estão contidos na categoria D. A elaboração desta tipologia permite, por sua vez, uma releitura da Hierarquia de Referencialidade de Cyrino, Duarte e Kato (2000), mostrando que as construções impessoais de 3ª. pessoa no PB é uma classe não homogênea que apresenta gradação na expressão do sujeito de referência arbitrária, sendo que o uso da forma reduzida ‘es’ revela o grau mais alto de impessoalização do sujeito de 3ª. pessoa, plural. Este estudo permitiu ainda depreender um novo padrão de concordância de 3ª. pessoa no PB: [Es + V sing], o qual pode ser interpretado como um reflexo da simplificação do paradigma flexional do Português Brasileiro. O presente estudo insere-se no quadro da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968) e está ancorado nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972), além de lançar mão de estudos tipológicos de diferentes línguas e usar como ferramenta estatística o Programa de Regras Variáveis *Goldvarb 2001* – versão organizada por Robinsosn, Lawrence & Tagliamonte (2001) -, a fim de poder submeter os dados à análise quantitativa.

Palavras-Chave: pronome ‘eles’, sujeito arbitrário, construções impessoais, classe não homogênea, preenchimento de sujeito, Português Brasileiro.

ABSTRACT

This thesis examines a case of a referential arbitrary subject variation in Brazilian Portuguese. It analyses impersonal constructions with ‘eles’ (they pronoun) in subject position, describing that the use of ‘eles’ in its full and reduced form – ‘es’-, as subject of impersonal constructions, is related to the increase of overt pronominal subject in Brazilian Portuguese. Following typological approach (cf. CABREDO HOFHERR, 2003, 2006; SIEWIERSKA, 2007, CREISSELS, 2008; SIEWIERSKA & PAPASTATHI, 2011), several works have showed that impersonal constructions are not a homogenous class. However, in this work it is hypothesized that third person in Brazilian Portuguese is a gradual class and ‘eles’ pronoun in subject position is not a simple arbitrary subject. Regarding these assumptions, it is argued that ‘eles’ pronoun in impersonal constructions could be described in a typological distribution of definite and specific features, which can be translated to this typology as [-impersonal >...> +impersonal]. Therefore, it is argued that this typology of ‘eles’ pronoun in impersonal constructions provides a new interpretation to the Referential Hierarchy proposed by Cyrino, Duarte & Kato (2000), considering the insertion of the third person as a gradual class in this referential hierarchy. Furthermore, the research hereupon developed shows that ‘eles’ in its reduced form ‘es’ in impersonal constructions reveals a new pattern of the third person in Brazilian Portuguese: [Es + V sing]. This pattern can be seen as the highest level of impersonalization. It also shows that the use of ‘es’ contributes to the increase in overt pronominal subject in Brazilian Portuguese. The theoretical basis which supported this research relies fundamentally on the Variation Theory (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968), as well on the assumptions of Sociolinguistics (LABOV, 1972). For the quantitative analyses it has been used the *GOLDVARB* 2001 program, version organized by Robinson, Lawrence & Tagliamonte (2001), which provides the quantitative results to a case of referential arbitrary subject variation researched in this work.

Key-words: ‘eles’ (they) pronoun, impersonal constructions, overt pronominal subject, arbitrary subject, typology, Brazilian Portuguese.

LISTA DE QUADROS

CAPÍTULO 1

Quadro 1: Estratégias de indeterminação encontradas por Cavalcante (1999) no português escrito padrão	29
Quadro 2: Períodos de tempo analisados por Cavalcante (1999)	32

CAPÍTULO 3

Quadro 1: Tipologia de Creissels (2008)	66
Quadro 2: Distinção dos cinco tipos de impessoais de 3pl em termos de traços	71
Quadro 3: Tipologia de Creissels (2008) com acréscimos de dados do PB	73

CAPÍTULO 5

Quadro 1: Estratificação da amostra	94
---	----

CAPÍTULO 6

Quadro 1: Tipologia dos impessoais em termos de traços	123
--	-----

LISTA DE GRÁFICOS

CAPÍTULO 1

Gráfico 1: Distribuição das estratégias de indeterminação com formas verbais finitas por período de tempo	30
Gráfico 2: Distribuição dos sujeitos de referência arbitrária [+arb] por período de tempo em sentenças finitas	34
Gráfico 3: Ocorrência do sujeito pleno em sete períodos de tempo	39
Gráfico 4. Distribuição das formas pronominais plenas de indeterminação	40
Gráfico 5. Hierarquia Referencial de Cyrino, Duarte e Kato (2000)	42

CAPÍTULO 4

Gráfico 1: Perfil das construções impessoais com o pronome ‘eles’ foneticamente realizado	90
---	----

CAPÍTULO 5

Gráfico 1: Efeito do fator faixa etária do informante	101
Gráfico 2: Efeito do fator faixa etária na redução do pronome ‘eles’	101
Gráfico 3: Efeito do fator escolaridade no uso da forma ‘es’	103
Gráfico 4: Perfil da forma reduzida [es + V sing]	105
Gráfico 5: Perfil da variação ‘eles>es’ conforme a faixa etária do informante	110
Gráfico 6: Efeito da referencialidade do antecedente	115

CAPÍTULO 6

Gráfico 1: Hierarquia Referencial de Cyrino, Duarte & Kato (2000)	124
Gráfico 2: Hierarquia Referencial de Cyrino, Duarte & Kato (2000) reformulada	124

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO 1

Tabela 1: Distribuição de sujeitos com referência arbitrária com formas verbais finitas em cinco amostras de fala	32
Tabela 2: Preenchimento de ‘eles’ arbitrário em cinco períodos de tempo	36
Tabela 3: Preenchimento de ‘eles’ arbitrário em sete períodos de tempo	36
Tabela 4: Preenchimento de ‘eles’ arbitrário em comparação a outros pronomes	37

CAPÍTULO 4

Tabela 1: Distribuição das variantes ‘eles’ pleno e reduzido no <i>corpus</i> analisado por Corrêa (1998)	83
Tabela 2: Distribuição da variante ‘eles’ foneticamente realizado e ‘eles’ nulo, segundo o tipo de SN antecedente	89

CAPÍTULO 5

Tabela 1: Distribuição das ocorrências do pronome ‘eles’ em suas formas plena e reduzida no <i>corpus</i>	93
Tabela 2. Efeito do fator faixa etária do informante para a variante inovadora – A forma reduzida ‘es’	100
Tabela 3: Efeito do fator escolaridade no uso da forma reduzida ‘es’	102
Tabela 4: Efeito do tipo de verbo no uso da forma reduzida ‘es’	104
Tabela 5: Perfil de concordância verbal do pronome sujeito ‘eles’ + verbo	105
Tabela 6: Distribuição das ocorrências do pronome ‘eles’ em suas formas plena e reduzida, em construções impessoais	108
Tabela 7: Efeito do fator idade para a ocorrência de construções impessoais com o pronome ‘eles > es’	109
Tabela 8: Distribuição das construções impessoais conforme a referencialidade do antecedente	114

CAPÍTULO 6

Tabela 1: Preenchimento de sujeito de referência arbitrária em cinco períodos de tempo	118
Tabela 2: Distribuição das estratégias de indeterminação com formas verbais finitas em cinco amostras de fala	119
Tabela 3: Preenchimento de ‘eles’ conforme a referência do sujeito	119
Tabela 4: Preenchimento de ‘eles’ conforme a referência do sujeito - Resultados em pesos relativos	120
Tabela 5: Perfil da impessoalidade como gradação	121

SÍMBOLOS e ABREVIATURAS

* -	Agramatical
BH -	Belo Horizonte
Col -	Coletivo
D -	Determinante
Def -	Definido
DID -	Diálogo entre informante e investigador
DP -	Sintagma determinante (<i>Determiner Phrase</i>)
FL -	Faculdade da linguagem (<i>Faculty of language</i>)
FP -	Forma plena
FR -	Forma reduzida
Gen -	Genérico
GU -	Gramática Universal
Infl -	Flexão
IP -	Sintagma flexional
Indef -	Indefinido
LF -	Forma lógica (<i>Logical Form</i>)
Loc -	Locativo
Nom -	Nominativo
NuPeVar -	Núcleo de Pesquisa em Variação
NP -	Sintagma nominal (<i>Nominal Phrase</i>)
PB -	Português Brasileiro
PE -	Português Europeu
P&P -	Princípios e Parâmetros
PF -	Forma fonológica (<i>Phonological Form</i>)
<i>pro</i> -	Categoria pronominal vazia
<i>pro-drop</i> -	Sujeito Nulo
Ref -	Referencial
SN -	Sintagma nominal
TP -	Sintagma de tempo (<i>Tense Phrase</i>)
V -	Verbo
∅ -	zero, elemento vazio ou nulo
3 ^a . p. pl -	3 ^a . pessoa do plural

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO 1: O PROBLEMA A SER INVESTIGADO	27
1.1 Estudos de sujeitos de referência arbitrária	27
1.1.1 O estudo de Cavalcante (1999)	28
1.1.2 O Estudo de Vargas (2010)	33
1.1.3 A contribuição dos estudos de Duarte (1993, 1995)	37
1.1.3.1 Os resultados de Duarte (1993, 1995)	38
1.1.3.2 A pesquisa de Duarte (2003)	41
1.1.4 Considerações sobre o capítulo	43
CAPÍTULO 2: REFERENCIAL TEÓRICO	44
2.1 A escolha do tipo de estudo	46
2.1.1 O estudo em tempo aparente	46
2.1.2 O estudo em tempo real	47
2.2 A força dos Fatores Sociais e Linguísticos	48
2.3 Os princípios empíricos para a Teoria da Mudança Linguística	50
2.4 Considerações sobre o capítulo	51
CAPÍTULO 3: PESQUISA TIPOLÓGICA	52
3.1 Em busca de uma definição de impessoalidade	52
3.1.1. Conclusões	59
3.2 Tipologias de construções impessoais	60

3.2.1 A Tipologia de Siewierska (2007)	60
3.2.2 Tipologia com base em traços morfossintáticos	63
3.2.3 Tipologia de Cabredo Hofherr (2003, 2006)	67
3.2.4 Tipologia de Siewierska & Papastathi (2011) – reinterpretação a tipologia de Cabredo Hofherr (2003, 2006)	69
3.3 Tipos de construções impessoais no Português Brasileiro	71
4. Conclusões	74

CAPÍTULO 4: VARIAÇÃO EM CONSTRUÇÕES IMPESSOAIS COM

O PRONOME ‘ELES’ NA POSIÇÃO SUJEITO	77
4.1 As diferentes realizações do pronome ‘eles’	77
4.1.1 A realização do pronome ‘eles’ pleno e reduzido – ‘es’	78
4.1.1.1 A propósito da redução ‘eles>es’	78
4.1.1.2 Investigações sobre a redução ‘eles>es’	79
4.1.1.3 O estudo de Corrêa (1998)	83
4.1.1.4 A variação ‘eles’ e ‘zero’ e suas diferentes possibilidades de leitura	85

CAPÍTULO 5:

NOVO ESTUDO SOBRE O USO VARIÁVEL DO PRONOME ‘ELES’	92
5.1 A seleção da amostra	93
5.2 O levantamento dos dados e a montagem do <i>corpus</i>	96
5.3 A escolhas dos fatores linguísticos e sociais	96
5.3.1 Os fatores sociais	97
5.3.2 Os fatores linguísticos	97

5.4 Resultados	98
5.4.1 As variáveis linguísticas e extralinguísticas	98
5.4.1.1 O fator externo: faixa etária do informante	99
5.4.1.2 O fator externo: nível de escolaridade do informante	102
5.4.1.3 O fator interno: concordância verbal	103
5.5 Primeiras conclusões	106
5.6 Análise de ‘es’ em construções impessoais	107
5.6.1 A variável dependente	107
5.6.1.1 Os fatores extralinguísticos	109
5.6.1.1.1 O fator faixa etária do informante	109
5.6.1.1.2 O fator escolaridade do informante	110
5.6.2 Os fatores linguísticos	111
5.6.2.1 O fator concordância entre o pronome e o verbo	111
5.6.2.2 O fator tipo de oração	111
5.6.2.3 O fator tempo verbal da sentença	112
5.6.2.4 O fator referencialidade do antecedente	112
5.7 Conclusões	115
CAPÍTULO 6: IMPESSOALIDADE COMO GRADAÇÃO	118
6.1 Comparando resultados	118
6.2 Escala de referencialidade	125
6.3 Considerações sobre o capítulo	125
CONCLUSÃO	126
REFERÊNCIAS	128

INTRODUÇÃO

Esta tese tem por objeto de estudo um caso de variação de sujeito de referência arbitrária. Mais exatamente, nosso foco são as construções impessoais que trazem o pronome ‘eles’ pleno e sua forma reduzida ‘es’ na posição de sujeito. Nestas construções entrecruzam-se os processos de impessoalização e de preenchimento de sujeito no Português Brasileiro contemporâneo (doravante PB).

Inicialmente, observa-se que as construções impessoais, de modo geral, não são *per se* um objeto de estudo homogêneo. Trata-se de um conjunto heterogêneo de estratégias usado em diferentes línguas para tornar o sujeito impessoal. Vários estudos já descreveram a multiplicidade de estratégias na representação de sujeito de referência arbitrária, dentre os quais vamos discutir os estudos de Cavalcante (1999) e Vargas (2010). Há também na literatura uma vasta gama de estudos que tratam da representação do sujeito de referência definida, entre os quais estão os estudos de Duarte (1993, 1995), que tratam do aumento de preenchimento do sujeito de referência definida na posição de sujeito. Nestes estudos, a autora chega a apontar a tendência de aumento de preenchimento de sujeitos arbitrários, o que levou ao desenvolvimento dos trabalhos de Cavalcante (1999) e Vargas (2010). Estes estudos, porém, concebem os sujeitos de referência arbitrária como uma classe homogênea, diferentemente do estudo aqui proposto que analisa os sujeitos arbitrários de 3^a. pessoa do plural como uma classe não homogênea. Nossa hipótese é que os sujeitos de 3^a. pessoa do plural, em construções impessoais, devem ser vistos como uma classe não homogênea, uma vez que a impessoalidade é aqui tratada como gradação.

Para investigar essa questão, partimos do pressuposto de que no Português Brasileiro, o uso do pronome ‘eles’ constitui uma das estratégias de impessoalização do sujeito, principalmente se consideramos que este pronome possui a capacidade de retomar NPs de tipos semânticos distintos, isto é, NPs de referência definida e indefinida, que podem exibir diferentes arranjos de traços de *phi*, ou seja, traços de gênero, número e pessoa. Nossa expectativa é mostrar que o pronome ‘eles’ não constitui uma classe homogênea de sujeito arbitrário, pois a classe que eventualmente se denomina “sujeito arbitrário” revela um conjunto de informações mais graduais do que usualmente supomos. Essa hipótese ganha força quando observamos que o pronome ‘eles’ no PB possui propriedades que licenciam sua ocorrência com referência tanto definida quanto indefinida, como mostram as sentenças (1-2), podendo ainda recuperar NPs de tipos semânticos diversos, ou seja, com referência locativa (3), referência coletiva (4) ou referência genérica (5), conforme documentado por Corrêa (1998) e Souza (2007). Vejamos as ocorrências:

- (1) Os meninos rapidinho **eles** foram embora. (SOUZA, 2011. p. 84)
- (2) **Eles** param muito é ônibus do Paraguai. (SOUZA, 2007, p. 22)
- (3) Lá na Savassi, **eles** tão danado pra fazer isso. (SOUZA, 2011, p. 84)
- (4) Esse grupo de dança **eles** num eram daqui não. (DID. 14F)³
- (5) As pessoas que ficam nas repúblicas **eles** estão sempre dispostos a te receber. (Souza, 2011, p. 88)

A partir da observação destes dados, formulamos inicialmente uma pergunta: (i) como o pronome ‘eles’ passou a ser uma opção de realização de sujeito cujos antecedentes variam

³ O termo DID, seguido de um número e da letra ‘F’ informam que o dado apresentado pertence ao *corpus* utilizado neste estudo. DID que dizer: “Diálogo entre Informante e Documentador” e F “feminino”, já o n°. serve para o pesquisador localizar a entrevista. Essa descrição vale para os demais dados que aparecem na tese.

em relação aos traços-phi? Inevitavelmente, surge outra pergunta: (ii) sentenças do tipo (2-5) constituiriam uma classe de sujeito de referência arbitrária homogênea ou estaríamos diante de uma classe não homogênea; (iii) enquanto classe não homogênea, qual seria a gradualidade das construções impessoais; (iv) a realização do pronome ‘eles’ “arbitrário” refletiria mais um passo na alteração do Parâmetro do Sujeito Nulo; e por fim; (v) qual seria o efeito dessas construções no preenchimento do sujeito no Português Brasileiro contemporâneo considerando a força de uma hierarquia de referencialidade. Essas e outras indagações serão discutidas nos capítulos subsequentes.

Outra questão importante a ser discutida nesta tese busca dar continuidade à investigação de Corrêa (1998), que apresentou evidências de natureza quantitativa e qualitativa de que o pronome ‘eles’ é uma forma deficiente morfológica e sintaticamente no PB dialetal. Corrêa (1998) identificou ocorrências de formas plenas e reduzidas dos pronomes de 3ª. pessoa, plural e a nosso ver essas ocorrências estariam conectadas aos fenômenos de impessoalização e de preenchimento do sujeito no Português Brasileiro. Inicialmente, observa-se que a forma reduzida ‘es’ é uma forma variante do pronome ‘eles’ pleno e tanto a forma plena (6), quanto a forma reduzida (7), possuem a capacidade de retomar naturalmente um NP singular ou plural, um NP feminino ou masculino, abrindo espaço para mostrar que a discussão de que nem sempre há concordância total de traços phi (gênero, número e pessoa) entre o pronome sujeito e o NP correferente está conectada à noção de impessoalização do sujeito como gradação. A seguir, apresentamos dois pares de sentenças que ilustram: (6a-7a) - a variação ‘eles/es’; (6a-b) – a variação [Eles + V singular /Eles + V plural] e (7a-b) [Es + V plural/Es + V singular].

- (6) a. Agora **eles** colocaram um... **eles** fizeram tipo uma praça com... Como é que chama aquele negócio que jorra água? (DID. 12F)
- b. **Eles** fala que tem lugar lá que se coloca um ovo ele cozinha em cinco minutos. (DID. 7F)
- (7) a. Agora **es** fizeram um calçadão na beira da praia. (DID. 12F)
- b. Lá num é brinquedo não, lá **es** manda bala! (DID. 6F)

Em ambos os casos são identificados casos de variação linguística, de acordo os pressupostos da Sociolinguística Laboviana, uma vez que entende-se por variação duas maneiras ou mais de dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade, sendo cada uma das opções em (6a-7a), (6a-b) e (7a-b) tomadas como formas concorrentes que se expressam por meio de variantes linguísticas. Segundo Tarallo (2003, p. 5), as variantes linguísticas são “assim denominadas exatamente por se enfrentarem em um duelo de contemporização”.

Uma das características importantes do presente estudo é exatamente procurar discutir as perguntas que norteiam a presente discussão, buscando estabelecer um diálogo com outros trabalhos já realizados sobre temas afins. Completando o conjunto de estudos que serão comparados nesta tese estão os trabalhos de Corrêa (1998) e Souza (2007), que tratam, respectivamente, do uso do pronome ‘eles’ pleno *vs.* nulo, e do processo de redução morfofonológica do pronome ‘eles’ que resulta na forma reduzida ‘es’, conforme já mencionamos anteriormente. Outros trabalhos que integram o rol de estudos investigados e que são pioneiros nessa área de investigação são os estudos de Duarte (1993, 1995, 2003), que investigam o aumento de preenchimento no PB por meio de formas pronominais plenas. Portanto, o objetivo principal da tese é mostrar que a análise de construções impessoais de 3^a. pessoa do plural, como uma classe que pode ser tratada como não

homogênea constitui um tópico importante para a compreensão do processo não apenas de impessoalização do sujeito como também do fenômeno de preenchimento do sujeito, que teve início nas construções de referência definida e avançou para os contextos de sujeito de referência arbitrária. Essa discussão encontra-se então diretamente alinhada à discussão que envolve a alteração na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo no PB que, segundo vários autores (TARALLO, 1983, 1985; GALVES, 1993; DUARTE, 1993, 1995; FIGUEIREDO SILVA, 1996; KATO, 1999), entre outros, teria afetado o modo como o sujeito é expresso em PB, registrando-se o aumento de preenchimento do sujeito de referência tanto arbitrária quanto não arbitrária.

Esta pesquisa desenvolve-se dentro do quadro da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968), e está ancorada nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972), além de usar como ferramenta estatística o Programa de Regras Variáveis *GOLDVARB 2001* – versão organizada por Robinson, Lawrence & Tagliamonte (2001), que oferece os resultados probabilísticos de ocorrências das variáveis independentes que são usados para a análise quantitativa dos resultados.

Esta tese vai se organizar do seguinte modo: no capítulo 1, formulamos o problema a ser investigado e apresentamos uma síntese dos estudos que versam sobre o sujeito de referência arbitrária (CAVALCANTE, 1999; VARGAS, 2010) e também apresentamos uma síntese da contribuição dos estudos de Duarte (1993, 1995), que tratam do sujeito de referência não arbitrária, e Duarte (2003), que mostra o avanço do aumento de

preenchimento de sujeito com itens não referencias. Neste capítulo, um conjunto de perguntas mais gerais é formulado a fim facilitar a delimitação do problema:

- √ Os chamados sujeitos arbitrários constituem uma classe homogênea?
- √ Que itens preenchem a posição de sujeito de referência arbitrária?
- √ Haveria alguma diferença estrutural entre itens que preenchem sujeitos de referência arbitrária e itens que preenchem sujeitos de referência definida?

O capítulo 2 apresenta o referencial teórico no qual a pesquisa se insere, isto é, os princípios da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968). Os pressupostos metodológicos, porém, serão apresentados no capítulo 4, quando se discutem os resultados da análise variacionista.

O capítulo 3 trata da pesquisa tipológica, buscando uma definição de impessoalidade. Neste capítulo são apresentadas várias tipologias de construções impessoais em diferentes línguas (CABREDO HOFHERR, 2003, 2006; SIEWIERSKA, 2007; CREISSELS, 2008; SIEWIERSKA & PAPASTATHI, 2011). É também apresentado um quadro de construções impessoais no Português Brasileiro. Neste capítulo, propõe-se então uma discussão com base no quadro dos estudos tipológicos, buscando: (a) conceituar construções impessoais do ponto de vista tipológico, (b) apontar as dificuldades encontradas para conceituar tais construções.

O capítulo 4 trata das construções impessoais que se realizam com o pronome 'eles' na posição de sujeito. Conforme tipologias descritas no capítulo 3, tais construções configuram impessoais simples não marcadas. Elas assim se denominam por apresentar o

sujeito na posição canônica e este se coordenar em número e pessoa com o verbo. Neste capítulo, vamos mostrar, porém, que algumas dessas propriedades podem não ocorrer, o que nos leva a revisar a categorização até então obtida.

O capítulo 5 propõe um novo estudo do uso variável do pronome ‘eles’. Nesta etapa da pesquisa discute-se o uso do pronome ‘eles’ em posição de sujeito, buscando mostrar que a ocorrência de uma variante inovadora - a forma reduzida ‘es’ -, em posição de sujeito de construções impessoais provavelmente revela um novo padrão de concordância no PB. Este novo padrão seria fortemente condicionado por uma escala de referencialidade atestada para o pronome ‘eles’ (cf. SOUZA, 2007), que manifesta diferentes arranjos de traços, chamando a atenção principalmente para os traços de especificidade e definitude, revelando então o quão expressiva pode ser uma descrição tipológica de construções com o pronome ‘eles’ impessoal na posição de sujeito, em termos de traços.

No capítulo 6, discute-se a impessoalidade como gradação, uma vez que defendemos que o processo de preenchimento de sujeito no PB obedece a uma escala de referencialidade, conforme propõem Cyrino, Duarte e Kato (2000), entretanto, essa hierarquia precisa ser redefinida de modo a abrir o leque para a inserção da impessoalidade como gradação e não apenas como classe homogênea. Por fim, serão apresentadas as conclusões da tese.

CAPÍTULO 1

O PROBLEMA A SER INVESTIGADO

A investigação sobre as realizações de sujeito no Português Brasileiro tem ocupado a agenda de muitos pesquisadores. Estudos quantitativos sobre sujeitos de referência arbitrária têm sido empreendidos e seus resultados comparados a vários outros resultados de pesquisas que tratam da realização do sujeito de referência definida. Algumas questões em relação ao alcance teórico dos resultados obtidos nestas pesquisas são:

- (a) os chamados sujeitos arbitrários constituem uma classe homogênea?
- (b) quais itens preenchem a posição de sujeito de referência arbitrária?
- (c) haveria alguma diferença estrutural entre itens com referência arbitrária que preenchem a posição de sujeito e itens com referência definida?

Vários são os estudos que têm se dedicado a investigar a representação do sujeito no Português Brasileiro, tanto os sujeitos de referência definida (cf. DUARTE, 1993, 1995, entre outros) quanto os sujeitos de referência arbitrária (cf. VARGAS, 2010; CAVALCANTE, 1999), mas falta um estudo que investigue os sujeitos de referência arbitrária como uma classe não homogênea e, conseqüentemente, trata a impessoalidade como gradação. Vejamos a seguir uma síntese de alguns estudos que tratam o sujeito de referência arbitrária como uma classe homogênea.

1.1 Estudos de sujeitos de referência arbitrária

A fim de encontrar respostas para as questões inicialmente formuladas, selecionamos dois estudos que tratam da representação de sujeitos arbitrários no PB: o estudo de Cavalcante

(1999), que mostra claramente uma diferença na representação de sujeitos de referência arbitrária na escrita e na fala, e o estudo de Vargas (2010), que analisa a distribuição de ‘se’ e de outras formas pronominais de referência arbitrária na diacronia do PB.

1.1.1 O estudo de Cavalcante (1999)

O estudo de Cavalcante (1999) tem por objetivo oferecer uma descrição diacrônica das formas de representação dos sujeitos de referência arbitrária no Português Brasileiro não padrão. Um dos aspectos importantes do estudo de Cavalcante (1999) é verificar a partir de resultados de pesquisas já realizadas sobre o tema, quais são as estratégias para indeterminar o sujeito (formas pronominais e usos do ‘se’ em sentenças finitas e não-finitas) na língua escrita veiculada pela imprensa do Rio de Janeiro.⁴ Por meio de uma análise comparativa de seus resultados com resultados de outras pesquisas, a autora busca explicitar um quadro de distribuição das diferentes estratégias de sujeito com referência arbitrária tanto na modalidade falada do Português Brasileiro quanto na modalidade escrita do português padrão. Nesta pesquisa, Cavalcante se dedica ao levantamento e à quantificação das seguintes realizações de construções com sujeito indeterminado: (i) com pronome ‘se’ e (ii) sem o pronome ‘se’. O corpus analisado compõe-se de sentenças extraídas de textos de jornais cariocas dos séculos XIX e XX, divididos em cinco períodos distintos (entre 1848 e 1998).⁵ Vejamos as ocorrências:

⁴ Os gêneros de textos analisados são: editorial, opinião, crônica.

⁵ Um detalhamento dos cinco períodos de tempo delimitados encontra-se em Cavalcante (1999, p. 44). Adiante, na tese, esse detalhamento será explicitado.

- (1) a. Mas a dramaticidade da situação só **se pode perceber** no dia-a-dia das escolas. (CAVALCANTE, 1999, p. 60)
- b. No entanto, se em vez de **se haver** publicado que o Brasil arrendara seis destroyers aos Estados Unidos [...], o fato não despertaria maiores comentários. (CAVALCANTE, 1999, p. 60)
- (2) Mas **nós** chegamos a um estado em que o governo nem sequer permite que o jornalista tenha honra. (CAVALCANTE, 1999, p. 52)
- (3) **A gente** vê de tudo. (CAVALCANTE, 1999, p. 52)
- (4) Se **voce** se considera um cristão, ou é adepto de alguma outra religião teísta, a agonia não é menor. (CAVALCANTE, 1999, p. 67)
- (5) Quando você pensa que já pode escolher, com certeza, o seu favorito, **eles lancam**, só para confundi-lo, uma tolice nova. (CAVALCANTE, 1999, p. 53)

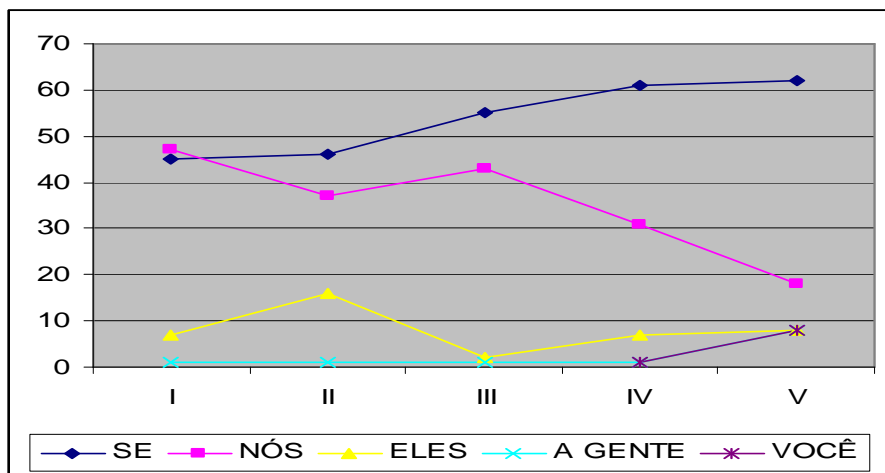
Um quadro dessas estratégias pode ser assim organizado:

Quadro 1. Estratégias de indeterminação encontradas por Cavalcante (1999) no português escrito padrão

Construções com ‘se’	
Sentenças finitas	Sentenças não finitas
(1a) Mas a dramaticidade da situação só se pode perceber no dia-a-dia das escolas. (CAVALCANTE, 1999, p. 60)	(1b) No entanto, se em vez de se haver publicado que o Brasil arrendara seis <i>destroyers</i> aos Estados Unidos [...], o fato não despertaria maiores comentários. (CAVALCANTE, 1999, p. 60)
Construções sem ‘se’	
Sentenças finitas e não-finitas	
Forma pronominal ‘nós’	(2) Mas nós chegamos a um estado em que o governo nem sequer permite que o jornalista tenha honra. (CAVALCANTE, 1999, p. 52)
Forma pronominal ‘a gente’	(3) A gente vê de tudo. (CAVALCANTE, 1999, p. 52)
Forma pronominal ‘você’	(4) Se voce se considera um cristão, ou é adepto de alguma outra religião teísta, a agonia não é menor. (CAVALCANTE, 1999, p. 67)
Forma pronominal ‘eles’	(5) Quando você pensa que já pode escolher, com certeza, o seu favorito, eles lancam , só para confundi-lo, uma tolice nova. (CAVALCANTE, 1999, p. 53)

A partir de uma análise quantitativa da distribuição geral das estratégias com formas verbais finitas, a autora encontrou o seguinte perfil para as ocorrências exemplificadas no quadro 1.

Gráfico 1. Distribuição das estratégias de indeterminação com formas verbais finitas por período de tempo



[Fonte: CAVALCANTE, 1999, p. 66]

Os cinco períodos de tempo delimitados foram:

Quadro 2. Períodos de tempo analisados por Cavalcante (1999)

Período I	Período II	Período III	Período IV	Período V
1848-1869	1891-1910	1935-1942	1964-1968	1996-1998

O gráfico traz informações muito interessantes sobre o perfil de representação de estratégias de indeterminação do sujeito na língua escrita. Veja-se que contrariamente ao que se observa na fala, a forma 'se' apresenta um aumento significativo em detrimento, primeiro da forma 'nós', sua concorrente mais direta e em seguida das demais formas (eles, a gente, você).

A autora observa que é no início da segunda metade do século XX (período IV) que se define a preferência pelo uso de ‘se’ na escrita em detrimento da forma nós. Adicionalmente, Cavalcante (1999, p. 103) afirma: “o lugar onde a mudança na representação dos sujeitos de referência arbitrária⁶ na escrita padrão começa a se implementar é nas crônicas, apresentando certa propagação pelos artigos de opinião nos anos 90”. As outras estratégias⁷, porém, se mostram tímidas na escrita, com percentuais de frequência sempre baixos ao longo dos cinco períodos. É interessante observar que a forma ‘você’, uma estratégia muito usada na língua falada, começa a ser identificada na escrita somente no séc. XX, mais exatamente a partir do período IV (1964 a 1968). Conclui-se, portanto, que o uso de ‘se’ na escrita é superior ao uso das demais estratégias em quatro dos períodos analisados. Diferentemente, na fala, Cavalcante observa a preferência de uso de outras estratégias de formas pronominais plenas na seguinte ordem: você > zero > a gente > nós > eu, não tendo sido encontrada qualquer ocorrência como o clítico ‘se’. Vejamos um exemplo de cada uma destas estratégias verificadas por Cavalcante (1999, p. 23).

(6) Depois que **você** termina o comércio, **você** vai na área residencial.

(7) Então ___ **chega** numa rua, não é, a rua é grande.

(8) E se **a gente** falar que não tem?

(9) E se **eu** pego aquela rua ali, então **eu** chego lá mais rápido.

[CAVALCANTE, 1999: 23]

⁶ (construções com ‘se’) – observação nossa.

⁷ (construções sem ‘se’).

Para se ter uma visão mais ampla da distribuição de sujeitos com referência arbitrária na modalidade falada do Português Brasileiro, Cavalcante (1999, p. 25) apresenta uma tabela que reúne os resultados de vários estudos realizados por outros autores na década de 1990. A tabela mostra a distribuição de estratégias de sujeitos com referência arbitrária com pronomes que normalmente aparecem em contextos de interpretação anafórica e dêitica.

Tabela 1. Distribuição de sujeitos com referência arbitrária com formas verbais finitas em cinco amostras de fala.

	A gente	Você	Eles	Nós	Se	Zero
Almeida (1992)	34%	26%	22%	9%	4%	5%
Cunha (1993)	23%	48%	-	29%	-	-
Duarte (1995)	13%	44%	16%	2%	8%	17%
Cavalcante (1999)	37%	4%	8%	32%	2%	17%

[Fonte: CAVALCANTE, 1999, p. 25]

Estes resultados mostram que há, de fato, no PB diferentes estratégias para tornar o sujeito impessoal. Veja-se que na fala os percentuais de ocorrências dessas estratégias, excluindo ‘se’ e ‘zero’, obviamente, são mais expressivos do que na escrita padrão. Sendo assim, conclui-se que “o PB falado encontra-se num estágio de mudança avançada no que tange ao Parâmetro do Sujeito Nulo, indo em direção a uma língua negativamente marcada para tal parâmetro, tanto nos sujeitos de referência definida quanto arbitrária” (CAVALCANTE, 1999, p. 101).

Na próxima seção, explicitamos o trabalho de Vargas (2010), que investiga a implementação da mudança em direção aos sujeitos referenciais arbitrários plenos, buscando observar se o percurso de formas pronominais nominativas expressas em substituição ao uso de ‘se’ indefinido (apassivador/indeterminador) e de sujeito nulo com

verbo na 3^a. pessoa do plural para representar os sujeitos de referência arbitrária no PB acompanha o preenchimento de sujeitos de referência definida, conforme apontado por Cavalcante (1999).

1.1.2 O Estudo de Vargas (2010)

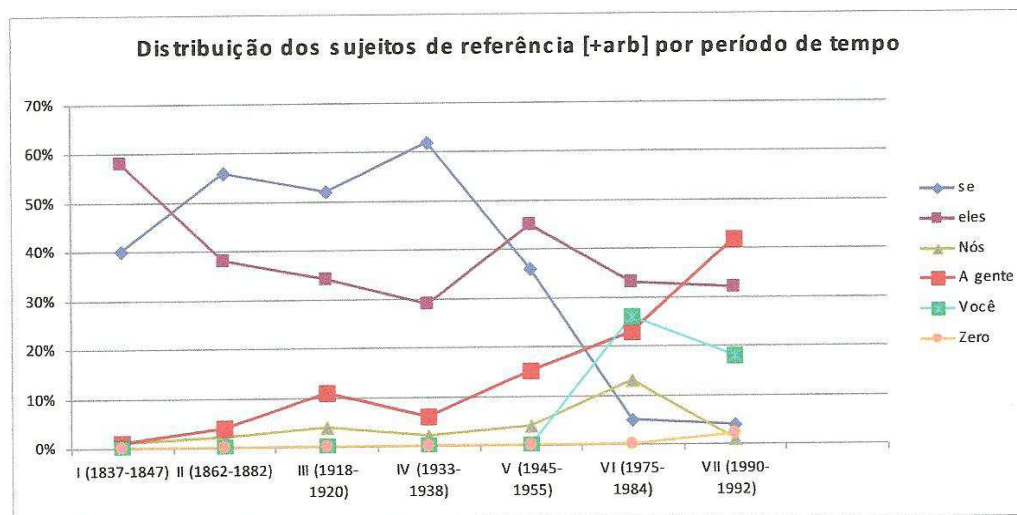
Diferentemente de Cavalcante (1999), que analisa textos de jornais da imprensa carioca, isto é, textos de escrita padrão, Vargas (2010) selecionou como amostra peças de teatro de cunho popular, escritas nos séculos XIX e XX, durante o período de 1845 e 1992.⁸ A hipótese de Vargas é que as peças mais antigas deveriam revelar uma preferência pelo uso de ‘se’ indefinido e de sujeito nulo com verbo na 3^a. pessoa, plural, e que as peças mais recentes deveriam apresentar maior percentual de ocorrências de outras estratégias de indeterminação.⁹ Vejamos os resultados de Vargas (2010).

Inicialmente, Vargas (2010) faz um levantamento de 958 ocorrências de sentenças com sujeitos de referência arbitrária, sendo 859 dados de estruturas com sujeitos arbitrários em sentenças finitas e 99 dados em sentenças não-finitas. Nas sentenças finitas, observa-se a seguinte distribuição das estratégias identificadas. Veja-se o gráfico.

⁸ É importante observar que o recorte temporal do estudo de Vargas (2010) e de Cavalcante (1999) é praticamente o mesmo, i. e. compreendem o período de 1845 a 1998. Esse recorte, porém, não é aleatório, ele se justifica já que ambos os estudos de Vargas e Cavalcante buscam dialogar com os estudos de Duarte (1993, 1995), a fim de poder interpretar os resultados encontrados com maior clareza, além de dar continuidade à investigação de Duarte sobre o preenchimento da posição de sujeito no PB.

⁹ Cabe aqui observar que tanto no estudo de Cavalcante quanto no estudo de Vargas as terminologias ‘sujeito indeterminado’ e ‘sujeito arbitrário’ são usadas como formas equivalentes. Por isso mesmo, o conceito de sujeito arbitrário usado por ambas as autoras reflete o conceito de sujeito indeterminado.

Gráfico 2. Distribuição dos sujeitos de referência arbitrária [+arb] por período de tempo em sentenças finitas



[Fonte: VARGAS, 2010, p. 60]

De acordo com os resultados mostrados no gráfico acima, observa-se que, num primeiro momento, há uma competição muito visível entre as formas de indeterminação ‘se’ e a terceira pessoa do plural (eles) até a década de 50, que corresponde ao período V. Vejam que no período I há uma preferência pelo uso da forma ‘eles’ (58%), enquanto o ‘se’ aparece em segundo lugar com percentual de 40%. Depois há uma inversão no emprego dessas estratégias e o ‘se’ passa a liderar até o período IV. Vejam que o emprego de ‘se’ nas peças teatrais nos períodos II, III e IV se assemelha ao emprego de ‘se’ na escrita padrão, considerando os resultados de Cavalcante (1999), discutidos na seção anterior. Do período V em diante, observa-se uma queda brusca na frequência de uso de ‘se’ e o pronome de 3^a. p.p. volta a ser a estratégia mais utilizada. Esse perfil é no mínimo curioso, pois de acordo com os estudos de Duarte (1993, 1995), a 3^a. pessoa é apontada como contexto de resistência ao preenchimento do sujeito. O estudo de Vargas (2010) mostra,

portanto, que é extremamente necessário analisar os contextos de sujeito com referência arbitrária e não arbitrária, separadamente.

Os resultados de Vargas (2010) mostram que há um aumento gradativo de outras formas pronominais com referência arbitrária, quais sejam, ‘nós’, ‘a gente’, ‘eles’, ‘você’, conforme já havia sido atestado por Duarte (1993, 1995) e Cavalcante (1999), entre outros. Nota-se que o *ranking* de estratégias que aparece no período VI e principalmente no período VII confirma a queda brusca de uso de ‘se’ e a implementação de outras estratégias. A forma pronominal ‘a gente’ é a estratégia que apresenta maior percentual de ocorrências no período VII, seguida por ‘eles’ (3ª. pessoa, plural) e depois pelo pronome ‘você’, enquanto as formas ‘nós’ e ‘zero’ apresentam percentuais muito baixos, revelando uma tendência já identificada no PB falado.

No estudo de Vargas (2010), confirma-se a hipótese de que as peças mais antigas têm como padrão o uso de ‘se’ e da 3ª. pessoa do plural, em sua forma nula, enquanto as peças mais recentes revelam um padrão diferente, isto é, observa-se um conjunto de novas formas pronominais plenas - ‘a gente’, ‘eles’, e ‘você’-, como estratégias de sujeito arbitrário no PB, em sentenças finitas.

Os resultados de Vargas (2010) confirmam, portanto, o surgimento de novas estratégias de preenchimento de sujeito com referência arbitrária ao mesmo tempo que se verifica o quase desaparecimento de ‘se’ e a baixa produtividade de uso da 3ª. pessoa do plural em sua forma nula, caracterizando um novo perfil de representação de sujeitos de referência arbitrária no Português Brasileiro contemporâneo.

Os trabalhos de Vargas (2010) e Cavalcante (1999) são muito importantes para as discussões que propomos nesta tese. Entretanto, embora os resultados sejam muito interessantes, identificamos algumas limitações. Com relação ao preenchimento de sujeito por meio do pronome ‘eles’, observa-se uma ampla oscilação de percentuais no eixo temporal, no Português Brasileiro. Repetimos, a seguir, parte dos resultados mostrados no Gráfico 1 para efeito de clareza.

Tabela 2. Preenchimento de ‘eles’ arbitrário em cinco períodos de tempo

	Período I	Período II	Período III	Período IV	Período V
	1848-1869	1891-1910	1935-1942	1964-1968	1996-1998
Eles	5%	17%	2%	7%	9%

[Fonte: CAVALCANTE, 1999, p. 66 – adaptado]

Tabela 3. Preenchimento de ‘eles’ arbitrário em sete períodos de tempo

	Período I	Período II	Período III	Período IV	Período V	Período VI	Período VII
	1837-1847	1862-1882	1918-1920	1933-1938	1945-1955	1975-1984	1990-1992
Eles	1%	2%	0%	3%	22%	10%	13%

[Fonte: VARGAS, 2010, p. 60 - adaptado]

A comparação destes resultados frustra, de certo modo, as expectativas do leitor, porque não permite depreender um padrão no preenchimento de sujeito no PB por meio do pronome ‘eles’ no Português Brasileiro. A inconsistência decorre dos próprios dados ou de uma limitação metodológica da análise? Uma inconsistência semelhante é observada quando se compara a ocorrência do pronome ‘eles’ com outras formas pronominais plenas, como mostra a tabela 4, a seguir:

Tabela 4. Preenchimento de ‘eles’ arbitrário comparado a outros pronomes

Estratégias de preenchimento	Almeida (1992)	Cunha (1993)	Duarte (1995)	Cavalcante (1999)
A gente	34%	23%	13%	37%
Você	26%	48%	44%	4%
Eles	22%	-	16%	8%
Nós	9%	29%	2%	32%
Se	4%	-	8%	2%
Zero	5%	-	17%	17%

[Fonte: CAVALCANTE, 1999, p. 25 - adaptado]

Veja-se que uma oscilação de 22% a 8% não informa quase nada sobre o preenchimento de sujeito quando o verbo está na terceira pessoa do plural. Nossa hipótese é que os chamados sujeitos de referência arbitrária não formam um conjunto homogêneo. Para reunir evidências a favor de nossa hipótese, vamos buscar em estudos de tipologia linguística informações sobre as chamadas construções impessoais, conforme veremos no capítulo 3.

1.1.3 A contribuição dos estudos de Duarte (1993, 1995)

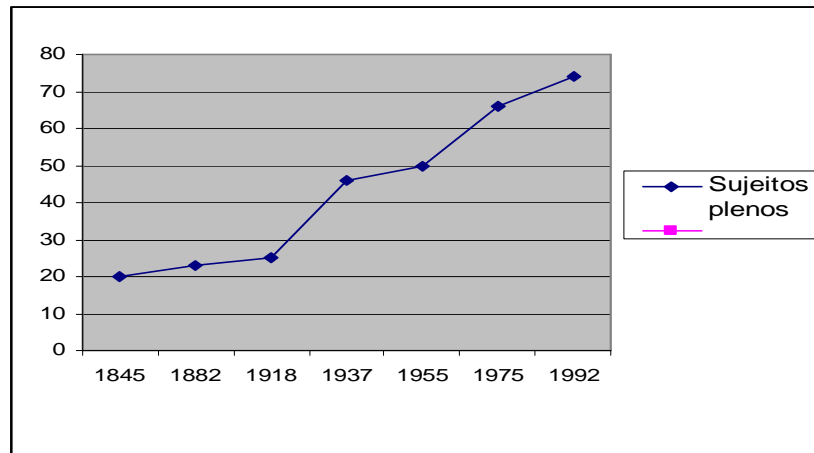
Esta seção mostra que os resultados até então apresentados dialogam diretamente com os resultados de Duarte (1993, 1995), os quais atestam o aumento de sujeitos pronominais plenos na posição de sujeito. De modo geral, os estudos de Duarte (1993, 1995) mostram que houve aumento de preenchimento de sujeito por formas pronominais plenas em todos os contextos, destacando-se o aumento de preenchimento de sujeito nos contextos de 1^a. e 2^a. pessoas gramaticais. Segundo a autora, o aumento visível de preenchimento de sujeito no PB está intimamente relacionado a várias mudanças ocorridas na língua que teriam afetado a marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo.

Dentre as mudanças ocorridas no sistema do Português Brasileiro destaca-se a alteração do sistema pronominal, cuja perda da 2ª. pessoa indireta, por volta de 1937, e a inserção de ‘a gente’ como uma forma concorrente do pronome nós, podem ser apontadas como reflexos da alteração do sistema pronominal, que passa a exibir apenas três pessoas gramaticais em oposição a um sistema composto por seis pessoas (cf. DUARTE, 1993, 1995; LOPES, (1999), entre outros. Para Duarte (1993), a redução do paradigma flexional e a alteração do paradigma pronominal estão diretamente relacionadas à mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo no PB.

1.1.3.1 Os resultados de Duarte (1993, 1995)

Duarte (1993) analisou dados retirados de trechos de peças de teatro de cunho eminentemente popular, escritas no Brasil, nos séculos XIX e XX, entre os anos de 1845 e 1992, por autores cariocas. Neste estudo, por meio de análise quantitativa dos dados, a autora procurou observar a evolução na expressão do sujeito pronominal de referência definida, buscando estabelecer uma correlação entre a redução do paradigma flexional do PB e o aumento de sujeitos plenos na língua. Os resultados alcançados pela autora encontram-se resumidos no gráfico a seguir:

Gráfico 3. Ocorrência de sujeito pleno em sete períodos de tempo



[Fonte: Duarte (1993 *apud* Cavalcante (1999, p. 17) – adaptado.]

Os resultados mostram que de 1845 a 1937 prevaleceu o uso de sujeito nulo, mas a partir de 1937 houve uma alteração na expressão do sujeito pronominal no Português Brasileiro, visivelmente percebida a partir da curva de mudança em progresso delineada no gráfico que mostra o aumento de preenchimento pronominal para a posição de sujeito. Com a perda da 2ª. pessoa direta (*tu/vós*), o Português Brasileiro deixa de exibir as características de uma língua tipicamente de sujeito nulo e passa a apresentar índices cada vez mais altos de sujeitos preenchidos, conforme se observa uma quase inversão de frequência nos índices de 1992 comparados aos de 1945. Os resultados de Duarte (1993) mostram ainda que nos dois últimos períodos, o paradigma torna-se ainda mais reduzido com o uso de ‘*a gente*’ em concorrência com o uso do pronome de 1ª. pessoa do plural – ‘*nós*’.

Resumindo, a autora teria chegado à conclusão de que existe uma correlação direta entre a redução de morfemas flexionais no PB e o uso cada vez mais frequente de sujeitos plenos,

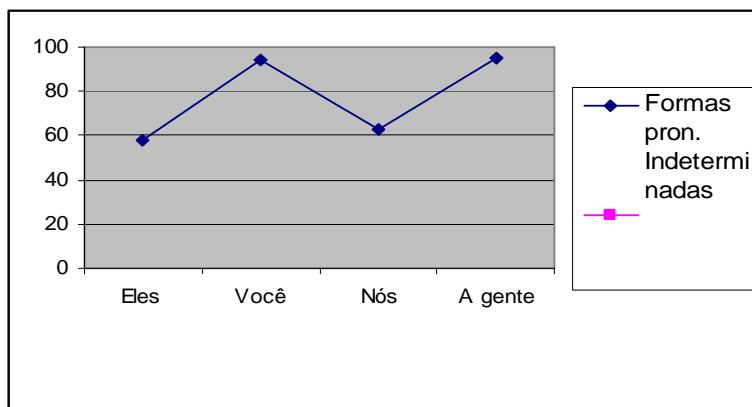
o que evidencia um período de transição do PB de língua *pro-drop* para língua não *pro-drop*.

Segundo Duarte (1993),

os resultados da pesquisa evidenciam o fato de que a redução no quadro de desinências verbais alterou as características de língua de “*pro-drop*” que o português do Brasil apresentava antes de 1937. Embora o sujeito nulo continue sendo licenciado por AGR – prova disso é a existência de sujeito nulo não-referencial-, a identificação do sujeito nulo referencial ficou comprometida, transformando-se a ocorrência de *pro* num fenômeno externo ao elemento de concordância. (DUARTE, 1993, p. 23)

Em estudo posterior, Duarte (1995) analisou uma amostra de fala espontânea do acervo do Projeto NURC/RJ e verificou uma tendência de preenchimento de sujeito em todas as pessoas do discurso, como mostra o gráfico adaptado a partir da tabela apresentada por Cavalcante (1999, p. 25).

Gráfico 4. Distribuição das formas pronominais plenas de indeterminação



[Fonte: Duarte (1995 *apud* Cavalcante, 1999, p. 25) – adaptado.]

O perfil apresentado no gráfico 4 não deixa dúvidas de que o aumento de preenchimento atingiu todas as pessoas gramaticais com percentuais que ultrapassam 50%, mesmo na 3ª.

pessoa que é apontada por Duarte como contexto de resistência ao preenchimento do sujeito. Esse alcance revelaria, segundo Duarte (1995), uma tendência geral no PB e não uma característica particular. Sendo assim, Duarte (1995) chegou, portanto, à conclusão de que as mudanças ocorridas para o sujeito de referência definida acabaram por afetar a representação do sujeito de referência arbitrária.

1.1.3.2 A pesquisa de Duarte (2003)

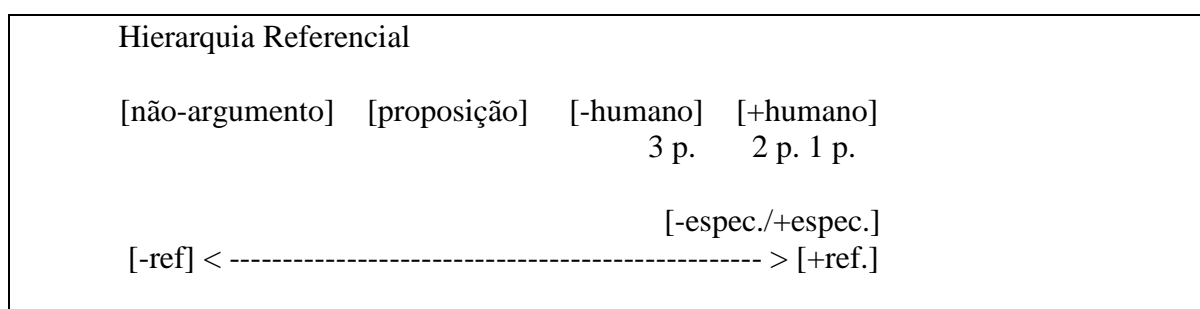
Dando sequência aos seus estudos, Duarte (2003), ao analisar construções existenciais, observa que há também uma tendência de preenchimento da posição de sujeito nessas construções. Entretanto, diferentemente dos estudos anteriores nos quais verificou o aumento de preenchimento de sujeito por um elemento lexical, a autora chama a atenção para uma possível mudança que estaria a se insinuar no sistema, qual seja, um preenchimento da posição de sujeito por elementos não referenciais. Segundo Duarte (2003, p. 4), *uma vez implementada uma das propriedades das línguas de sujeito não-nulo – o preenchimento dos sujeitos referenciais – o sistema começa a caminhar no sentido do preenchimento dos sujeitos não-referenciais*. De acordo com a autora, dado o aumento de preenchimento da posição de sujeito por itens referenciais plenos não apenas com referência definida como também com referência arbitrária, como é o caso de (1-9), cria-se uma expectativa de que o avanço de preenchimento alcance os itens não referenciais, isto é, itens expletivos.

Entretanto, embora nossa pesquisa revele de certa forma essa tendência, uma vez que atestamos o aumento de preenchimento de sujeito de 3^a. pessoa por meio do pronome

‘eles’ com referência arbitrária, nosso estudo mostra que o pronome ‘eles’ em PB não atingiu ainda o estatuto de item não-referencial, portanto, não podemos tratá-lo aqui como um elemento expletivo. Reconhecemos a emergência de elementos pronominais à esquerda do verbo com perda de informação semântica, conforme já haviam sinalizado Vitral e Ramos (1999), revelando uma reorganização estrutural do sistema do Português Brasileiro, mas, não temos dados suficientes para tratar o pronome ‘eles’, em PB, como um item expletivo.

De acordo com os estudos de Duarte (*op. cit.*), a ocorrência de itens lexicais na posição de sujeito em PB obedece uma hierarquia referencial, ou seja, a mudança em direção ao preenchimento do sujeito se implementa da direita para a esquerda, atingindo primeiro a 1ª. e 2ª. pessoas gramaticais para depois alcançar a 3ª. pessoa, conforme mostra a hierarquia postulada por Cyrino, Kato e Duarte (2000: 50), apresentada a seguir:

Gráfico 5. Hierarquia referencial de Cyrino, Duarte e Kato (2000)



[Fonte: Cyrino, Duarte e Kato (2000: 59)]

De acordo com as autoras (*op. cit.*), os traços [+h], [+esp.] e [+ref.] são os que mais favorecem ao preenchimento, sendo possível perceber como se dá a implementação do sujeito expresso ao longo dessa hierarquia. No capítulo 6, vamos retomar essa hierarquia a

fim de discutir a impessoalização do sujeito por meio do pronome ‘eles’ no PB como uma gradação.

1.1.4 Considerações sobre o capítulo

Neste capítulo, buscamos apresentar um conjunto de resultados que mostram a ocorrência de formas pronominais plenas, tanto com referência definida quanto arbitrária que favorecem o preenchimento da posição de sujeito no Português Brasileiro. Esses estudos são importantes na medida em que apontam para a direção ao preenchimento da posição sujeito. Entretanto, os resultados apresentados não permitem depreender um padrão no preenchimento de sujeito no PB por meio do pronome ‘eles’ no Português Brasileiro. Como já foi mostrado na tabela 4 deste capítulo, a oscilação de 22% a 8% não informa quase nada sobre o preenchimento de sujeito quando o verbo está na terceira pessoa do plural, reforçando nossa hipótese de que os chamados sujeitos de referência arbitrária formam uma classe não homogênea.

CAPÍTULO 2

REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho fundamenta-se nos princípios da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968; LABOV, 1972) e nos pressupostos teórico-metodológicos desenvolvidos no quadro da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1994, 2001). No âmbito da Teoria da Variação e Mudança, parte-se do princípio de que “a língua é um sistema heterogêneo ordenado, regulado por um conjunto de regras, do qual a variação é parte inerente” (LABOV, 1972, p. 223). Tomando por base esta premissa, assume-se que as variações linguísticas identificadas nas mais variadas línguas são governadas por um conjunto de fatores (linguísticos e extralinguísticos)¹⁰, que têm por função regular aquilo que é variável na língua de modo a regular a heterogeneidade, tornando-a estruturalmente ordenada. Segundo Weinreich, Labov & Herzog,

the description of language as a homogenous object is itself needlessly unrealistic and represents a backward step from structural theories capable of accomodating the facts of orderly heterogeneity. It seems to us quite pointless to construct a theory of change which accept as its input unnecessarily idealized and counterfactual descriptions of language states. Long before predictive theories of language change can be attempted, it will be necessary to learn to see language as an object possessing orderly heterogeneity (WEINREICH, LABOV E HERZOG, 1968, P.100).

Portanto, diferentemente da corrente estruturalista que defende o caráter homogêneo das línguas e vê a variação como um desarranjo linguístico, a Sociolinguística Variacionista

¹⁰ Entende-se por fatores linguísticos internos aqueles que são próprios à estrutura interna da língua, i. e., fatores que regulam a morfossintaxe, a morfologia, a fonologia, etc. Os fatores externos, por sua vez, são aqueles que se referem aos aspectos sociais, tais como idade, escolaridade, gênero do informante, etc., também chamados de fatores extralinguísticos.

concebe a língua como um sistema heterogeneamente ordenado, sendo esta uma condição *sine qua non* para o estudo da variação e mudança linguística.

Evidentemente o reconhecimento do PB como heterogêneo, uma conjunção de falares social e geograficamente diferenciado, antecede e em muitos estudos baseados nos postulados de Weinreich, Labov e Herzog (1968). A inovação possibilitada por estes autores está exatamente no termo “ordenada”, que permite atribuir à variação um caráter sistemático e controlado que até então lhe fora negado. Cabe ao lingüista entender, descrever e explicar essa sistematicidade, depreender os padrões que a governam (PAIVA E DUARTE, 2006, p. 133).

Com os avanços dos estudos labovianos, principalmente a partir da década de 60, tornou-se possível esclarecer que o que era visto como um verdadeiro caos sob a ótica do estruturalismo não passava de um sistema em variação do qual é possível depreender a sistematicidade das variações. Com o advento da sociolinguística laboviana, houve uma quebra na identificação da estruturalidade e da homogeneidade, tornando-se possível desvendar o misterioso processo de transição de um estado da língua para outro, uma vez que os fatos da heterogeneidade deixaram de ser vistos como impedimento para a aquisição de uma língua, tampouco para seu estudo.

Outro princípio teórico que fundamentalmente ancora os estudos variacionistas está relacionado à dicotomia variação e mudança linguística, que estabelece que nem toda variação linguística resulta em mudança, mas toda mudança linguística pressupõe variação (cf. Weinreich, Labov & Herzog, 1968).¹¹ Sendo assim, fica fácil predizer que toda mudança linguística implica um período de variação e disso decorre que uma mudança,

¹¹ Nas palavras de Weinreich, Labov & Herzog, not all variability and heterogeneity in language structure involve change, but all change involves variability and heterogeneity (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968, p. 188).

uma vez implementada, produz efeitos (encaixamento) no sistema linguístico como um todo. Isso acaba por propiciar o aparecimento de outras estruturas associadas a ela de forma não aleatória. Portanto, a partir do estudo da sistematicidade das variações linguísticas é também possível reconhecer o que está apenas em processo de variação e o que está efetivamente em processo de mudança na língua. Para depreender estes processos de variação e mudança dois tipos de estudos são comumente realizados. Trata-se dos estudos em tempo real e o estudo em tempo aparente, que devem ser vistos como estudos complementares, pois afinal de contas se, por um lado, o estudo do passado (diacronia) pode fornecer indícios para explicar o presente, o estudo em tempo aparente (sincronia), por outro lado, permite fazer previsões sobre as mudanças que estão em curso na língua.

2.1 A escolha do tipo de estudo

2.1.1 O estudo em tempo aparente

Labov (1994) afirma que o primeiro método e o mais simples para estudar a mudança linguística em progresso é traçar o perfil da mudança no tempo aparente, isto é, um estudo feito a partir da análise da distribuição das variáveis linguísticas por faixas etárias.¹² Um estudo em tempo aparente deve considerar, no mínimo, três faixas etárias: velhos, medianos e jovens. Este tipo de estudo prevê que a distribuição de índices mais altos de ocorrências de formas em variação na faixa etária dos mais jovens evidencia um processo de mudança na língua. Uma das vantagens da análise com base no tempo aparente é a possibilidade de observar o contexto social em que o fenômeno linguístico ocorre. Isso é possível porque os fatores que atuam nos fenômenos em variação podem ser mais

¹² According to Labov, the first and most straightforward approach to studying linguistic change in progress is to trace change in apparent time: that is, the distribution of linguistic variables across age levels (LABOV, 1994, p. 45-46)

facilmente percebidos nas mudanças em progresso do que nas mudanças completadas, pois, seguindo o Princípio do Uniformitarismo, “os mesmos princípios que propiciaram uma mudança no passado podem ser os mesmos que atuam no presente” (LABOV, 1972, p. 161).

Em geral, os estudos em tempo aparente são realizados a partir de um recorte sincrônico de tempo e está baseado no pressuposto de que diferenças linguísticas entre gerações podem espelhar desenvolvimentos diacrônicos. Sendo assim,

o comportamento linguístico de cada geração reflete um estágio da língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas alternantes que, gradativamente, substituirão aquelas que caracterizam o desempenho linguístico dos falantes de faixas etárias mais avançadas (PAIVA E DUARTE, 2003, p. 14).

Portanto, o estudo aqui realizado é feito com base no estudo do tempo aparente e a análise aqui empreendida tem por objetivo mostrar qual é o comportamento da comunidade de fala belo-horizontina no que diz respeito ao uso do pronome ‘eles’ com referência arbitrária.

A próxima seção trata do estudo em tempo real.

2.1.2 O estudo em tempo real

Os estudos em tempo real permitem identificar mudanças que ocorreram no percurso diacrônico. O estudo em tempo real leva em conta intervalos de tempo entre duas sincronias e pode ser considerado como sendo

um recurso essencial não só para identificar o aparecimento ou morte de uma determinada variante linguística como também para verificar a regularidade na ação dos princípios que regem a variação e subjazem à implementação da mudança. Essas duas formas de estudo se complementam, fornecendo evidências mais seguras acerca do estatuto dos padrões de variação em um dado recorte sincrônico (PAIVA E DUARTE, 2003, p. 181-182).

Nos termos de Labov (1994 *apud* PAIVA e DUARTE, 2003, p. 3), “a combinação de evidências no tempo aparente e no tempo real é o método básico para o estudo da mudança em progresso”. A conjugação desses dois tipos de estudos permite a comparação de um fenômeno variável em diversos pontos do tempo, já que a atividade humana da linguagem caracteriza-se por um conflito entre duas faces aparentemente contraditórias: de um lado, uma aparência de estabilidade e, de outro, a constante variação e mudança tanto no indivíduo como na comunidade.

A conjugação entre essas duas faces tem sido o foco de interesse da Teoria da Variação [...], que tem como um dos seus principais axiomas o de que as línguas humanas estão em constante mudança, que se propaga de forma gradativa e implicam períodos mais ou menos longos de variação em diversos eixos sociais (PAIVA E DUARTE, 2003, p. 3).

O presente estudo lida exatamente com essas duas faces: sincronia/diacronia, pois, embora a análise dos dados da presente pesquisa seja constituída com base no estudo em tempo aparente, recorreremos a resultados de estudo na perspectiva diacrônica a fim de oferecer uma análise mais ampla do fenômeno investigado.

2.2 A força dos Fatores Sociais e Linguísticos

Conforme postula a teoria da variação, existem vários fatores que atuam num fenômeno em variação. De um lado, encontram-se os fatores linguísticos ou estruturais: as variáveis internas que atuam no nível sintático, fonológico, morfológico, semântico, discursivo e lexical. Esses fatores atuam na estrutura interna das línguas e são responsáveis pelo controle dos possíveis arranjos linguísticos de cada língua. De um lado, estão os fatores sociais, as variáveis externas ou extralinguísticas que compreendem os fatores: gênero do

informante (masculino ou feminino), faixa etária, nível de escolaridade, estilo, nível sócio-econômico, localidade, entre outros. Esses fatores atuam no controle dos aspectos sociais da linguagem e são responsáveis por marcar as diferenças dialetais que caracterizam as diferentes comunidades de fala.¹³

A análise dos fatores internos e externos, assim como a interação entre eles, permite a compreensão dos fenômenos linguísticos, uma vez que se torna possível reconhecer quais fatores estão atuando direta e indiretamente nos fenômenos em processo de variação e mudança.

Buscando sistematizar o estudo da variação nas línguas, Labov (op. cit.) afirma que o estudo da língua falada só é possível a partir da observação do vernáculo - estilo em que o mínimo de atenção é atribuído à fala. Para Labov (1972), o vernáculo é exatamente a língua usada no dia a dia por uma mesma comunidade de fala; é também “o veículo de comunicação que as pessoas usam para falar com seus pares”.¹⁴ (LABOV, 1972, xiii).

Alguns fenômenos linguísticos sofrem maior ou menor interferência dos fatores externos. No caso das variações sintáticas, a atuação dos fatores externos é menos intenso, uma vez que as variáveis internas atuam mais diretamente no fenômeno. Nesta tese, faz-se necessário um controle cuidadoso das variáveis internas, uma vez que estaremos trabalhando com uma variação que pode ser descrita como uma variação sintática.

¹³ Uma comunidade de fala, segundo Gregory Guy (2001 *apud* BELINE, 2002, p.128-9), é formada por falantes que “compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros, comunicam-se relativamente mais entre si do que com outros e compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem.”

¹⁴ Cf. No original: “This is the vernacular” – a language as it is used in everyday life by members of social order, that vehicle of communication in which they argue with their wives, joke with their friends, and deceive their enemies (Labov, 1972, p.xiii).

2.3 Os princípios empíricos para a Teoria da Mudança Linguística

Um dos tópicos de estudo mais importantes na Sociolinguística Variacionista é a questão da mudança linguística. Para Labov (1994, 2001), é preciso considerar os cinco princípios empíricos que estão diretamente relacionados aos processos de mudança na língua: (i) o problema da restrição: as restrições universais em relação à mudança seriam independentes, conforme a comunidade linguística analisada; (ii) o problema da transição: trata-se de como e por quais caminhos um determinado processo de mudança linguística ocorre, o problema da transição refere-se à questão do espriamento da mudança na comunidade; (iii) o problema do encaixamento: que procura responder de que modo uma mudança linguística se encaixa no sistema de relações sociais e linguísticas; (iv) o problema da avaliação: que busca mostrar como uma mudança linguística é avaliada pelos falantes de uma determinada comunidade. A avaliação da comunidade é extremamente importante, pois ela determina o rumo da mudança; (v) o problema da implementação: que investiga a relação de um fenômeno em mudança com outras mudanças que estejam ocorrendo no sistema, procurando evidenciar o porquê, o espaço de tempo e o local da ocorrência de uma determinada mudança linguística.

O apontamento desses problemas se justifica na presente tese por um motivo muito simples: qualquer estudo que deseja dimensionar o alcance de um fenômeno linguístico precisa conhecer quais são os possíveis caminhos que as mudanças linguísticas podem percorrer, ou seja, ainda que o fenômeno estudado se mostre apenas em processo de variação estável na língua, faz-se necessário formular hipóteses sobre as possíveis direções que uma mudança pode tomar.

2.4 Considerações sobre o capítulo

A Teoria da Variação Linguística é de suma importância para a compreensão da sistematicidade das variações. Ela é capaz de fornecer os meios de lidar com a variação de forma a compreender em que medida as formas linguísticas variam, assim como perceber os fatores que condicionam essas variações. Na pesquisa empreendida nesta tese a análise dos fatores internos (linguísticos) e externos (extralinguísticos) permitirá analisar a variação no uso do pronome ‘eles’ pleno e reduzido como sujeito de construções impessoais no PB. O uso do programa de regras variáveis *GOLDVARB 2001* constitui, por sua vez, uma ferramenta eficaz para a quantificação dos dados, que permite revelar a influência do condicionamento dos fatores internos e externos. A partir da análise estatística dos resultados é possível obter uma visão ampla do comportamento das variantes investigadas, tornando possível desvendar os mistérios que envolvem os fenômenos de variação e mudança nas mais variadas línguas.

CAPÍTULO 3

PESQUISA TIPOLOGICA

O que são construções impessoais? Vários autores reconhecem que não há uma definição única que responda a essa pergunta, a exemplo de Creissels (2008). Na investigação deste tema, têm sido formuladas tipologias que visam à explicitação de propriedades semânticas, sintáticas e morfológicas do conjunto das diferentes construções. O próprio conjunto de construções varia, conforme veremos neste capítulo. Inicialmente vamos apresentar definições de impessoalidade. A seguir vamos descrever quatro tipologias. Por fim, vamos compará-las de modo a obter um quadro geral a partir do qual vamos descrever construções impessoais identificadas em estudos quantitativos sobre o Português Brasileiro.

3.1 Em busca de uma definição de impessoalidade

Para buscar definir impessoalidade, vários caminhos têm sido apontados. Alguns autores partem da definição de propriedades canônicas de sujeito e definem as construções impessoais como aquelas em que tais propriedades estariam ausentes. Siewierska (2007) associa a impessoalidade à ausência de propriedades de um sujeito canônico: “Um sujeito canônico é aquele realizado por um argumento verbal que é completamente referencial e manifesta propriedades morfossintáticas de sujeito” (SIEWIERSKA, 2007, p. 2) - tradução

minha.¹⁵ A autora associa a noção de impessoalidade a outras duas noções: (a) ausência de agentividade humana e (b) agentividade humana não específica. Segundo Siewierska (2007), as construções que se qualificam como impessoais em virtude da carência de um agente humano que controla a situação ou evento retratado incluem: fenômenos da natureza, sensações físicas e emoções, etc. Já as construções impessoais do tipo (b) retratam situações e eventos que denotam um agente humano, porém não específico. Ambas as interpretações semânticas incluem em seu escopo referentes potenciais. *As construções impessoais são identificadas por ter um verbo principal, normalmente diferenciado para pessoa, que carece de qualquer especificação de pessoa* (SIEWIERSKA, 2007, p. 30), como veremos adiante ao discutir a tipologia de construções impessoais proposta por Siewierska (2007) e Siewierska & Papastathi (2011). Há, porém, modos distintos de tratar a impessoalidade. Vejamos a definição de impessoalidade de Kitagawa e Lehrer (1990).

Para Kitagawa & Lehrer (1990), a noção de impessoalidade implica necessariamente a presença de um antecedente, tal como ‘anyone’ ou ‘everyone’, com possível inclusão do falante e do ouvinte. Segundo Kitagawa & Lehrer (1990), construções de 3ª. pessoa plural jamais poderiam ser qualificadas como impessoais, uma vez que elas são apenas ‘vagas’. Entende-se o termo ‘vago’ como “um grupo específico de indivíduos que não é identificado ou identificável pelo falante e que também exclui o falante e ouvinte”¹⁶ (*apud* SIEWIERSKA, 2007, p. 33).

¹⁵ “A canonical subject is to be understood as one that is realized by a verbal argument which is fully referential and manifests the morphosyntactic properties of subjects in a language” (SIEWIERSKA, 2007: 116).

¹⁶ “[...] a specific group of individuals who are not identified or identifiable by the speaker and exclude the speaker and addressee” (SIEWIERSKA, 2007, p. 33).

Para outros autores, como Cinque (1988), Cardinaletti & Starke (1998), Alonso-Ovalle (2002), tratar a impessoalidade significa também assumir que, essencialmente, o falante não tem um indivíduo concreto ou grupos de indivíduos em mente.

Diferentemente de Kitagawa & Lehrer (1990), Cavadas Afonso (2003) defende que as construções de 3ª. pessoa do plural não devem ser excluídas do domínio da impessoalidade. A autora (op. cit.) sugere que a classe de ‘construções vagas’, considerada por Kitagawa & Leher (1990), merece ser subdividida, tendo em vista: (i) a distinção entre a especificidade de um grupo e (ii) a especificidade dos indivíduos que constituem o grupo. Segundo análise de Cavadas Afonso (2003), a referência ‘vaga’ ocorre quando assume-se que o falante tem em mente um grupo específico, mas não os indivíduos específicos que compõem aquele grupo.

Siewierska (2007, p. 33) esclarece que “no caso de referência impessoal, não apenas os indivíduos, mas também o grupo de indivíduos é não especificado”¹⁷ - tradução minha -, o que provavelmente leva as construções de 3ª. pessoa do plural a serem interpretadas como ‘vagas’ ou simplesmente ‘impessoais’. As sentenças apresentadas a seguir ilustram essas diferentes interpretações.

- (1) Well my father’s best friend was a grocer but he unfortunately died and *they* put a manager into the shop and I got a job as an apprentice, well an authorized apprentice. (SIEWIERSKA, 2007, p. 34)

¹⁷ In the case of impersonal reference, on the other hand, not only the individuals but also the group is unspecified (SIEWIERSKA, 2007, p. 33)

(2) What was the toilet, we were one of the lucky ones. *They*'d just started flush toilets in ordinary houses. (*Idem*)

Segundo análise de Siewierska (2007), em (1), o falante sabe qual grupo de pessoas está envolvido no arranjo de uma empresa, mas não a identidade dos indivíduos que compõem o grupo. Por outro lado, em (2), a natureza do grupo também é desconhecida pelo falante. Sendo assim, a forma de 3ª. pessoa, plural realizada pelo pronome 'eles', no PB, correspondente com o pronome 'they', no inglês, poderia designar: autoridades do consulado, construtores, encanadores, pessoas na Grã Bretanha, etc.

Para Cinque (1988) e Cardinaletti & Starke (1998), a definição de impessoalidade assim como a distinção entre 'impessoal' e 'genérico' pode ser capturada dependendo da interpretação dada à construção, em termos de contrastes, apenas. Cardinaletti & Starke (1998 *apud* SIEWIERSKA, 2007, p. 35) estabelece a distinção 'impessoal' vs. 'genérico' a partir de quatro contrastes, a saber:

- a. referência impessoal deve ser vista como um fenômeno que envolve quantificação quase existencial, enquanto referência genérica está associada à quantificação quase universal¹⁸ - tradução minha;
- b. referência impessoal exige referência específica de tempo, enquanto referência genérica não exige¹⁹ - tradução minha;
- c. a referência impessoal é incompatível com a inclusão do falante, enquanto a referência genérica admite essa inclusão²⁰ - tradução minha;

¹⁸ "impersonal reference may be seen as involving quasi-existential quantification, while generic reference is associated with quasi-universal quantification";(SIEWIERSKA, 2007, p. 35)

¹⁹ "impersonal reference requires specific time reference while generic reference precludes it". (*Idem*)

- d. referência impessoal proíbe restrições sobre o sujeito, mas a referência genérica exige uma gama de restrições sobre o sujeito²¹ - tradução minha. (*Idem*)

Considerando o conjunto de contrastes apresentados por Cardinaletti & Starke (1998 *apud* SIEWIERSKA, 2007), pode-se dizer que uma construção de 3ª. pessoa, plural poderia receber tanto uma interpretação impessoal quanto genérica, como demonstram as sentenças a seguir.

- (3) a. They have cleaned a cow today in Switzerland. (SIEWIERSKA, 2007, p. 53)
b. The usually clean cows in Switzerland. (*Idem*)

Seguindo as proposições de Cardinaletti & Starke (1998), pode-se dizer que a identidade do pronome ‘*they*’ impessoal em (3a) seria verdadeiramente desconhecida, já a identidade de ‘*they*’ genérico em (3b) estaria restrita aos habitantes da Suíça. Seguindo esta lógica, a sentença (3a) poderia ser parafraseada substituindo-se ‘*they*’ por ‘alguém’ (*somebody*), enquanto em (3b), o pronome ‘*they*’ poderia ser parafraseado por ‘pessoas que vivem na Suíça’, como na sentença “*People who inhabit Switzerland clean cows*”.

Siewierska (2007), entretanto, esclarece que a distinção entre ‘impessoal’ vs. ‘genérico’ não seria assim tão simples. A autora sugere, tomando por base a análise de dados do inglês britânico falado, que o uso impessoal de construções de 3ª. pessoa é muito mais comum que seu uso genérico. A autora assume que, para distinguir as construções vagas

²⁰ “impersonal reference is incompatible with the inclusion of the speaker, while generic reference allows for the inclusion of the speaker” (*Idem*)

²¹ “Impersonal reference forbids but generic requires a range restriction on the subject” (SIEWIERSKA, 2007, p. 53).

das construções genéricas faz-se necessário um estudo que leve em conta não só os aspectos discutidos por Cardinaletti & Starke (1998), há outros aspectos que merecem ser observados. Contudo, após várias ponderações, conclui-se que o termo impessoal pode ser usado tanto em sentido amplo, i.e, “para designar uma construção que denota um agente não específico, independentemente se o agente pode ou não pode receber uma interpretação genérica” e, no sentido restrito do termo, quando “impessoal significa não genérico”, esclarecendo em cada caso a leitura relevante.

Egerland (2003b) chama a atenção para uma outra dificuldade na identificação e descrição de construções impessoais. Trata-se do fato de que um único item pode admitir uma leitura genérica, existencial (ou arbitrária) e mesmo uma leitura específica. O autor cita construções do sueco nas quais se observa a presença do item *man*.

I) Leitura genérica²²

- (4) *Man måste arbeta för att förtjäna uppehållet* . (Egerland, 2001: 1)
'Man must work to earn a living'
(Sueco)

II) Leitura existencial²³

- (5) *Man arbetade i tre månader för att lösa problemet*. (idem)
'Man worked for three months to solve the problem'
(Sueco)

III) Leitura específica²⁴

- (6) *I går pa eftermiddagen blev man fast anställd*. (idem)
'Yesterday afternoon was man permanently employed'
(Sueco)

²² Generic reading. (EGERLAND, 2003b, p. 73-74)

²³ Existential reading. (*Idem*)

²⁴ Specific reading. (*Idem*)

Em (4) o item *man* apresenta uma leitura genérica, já que se refere a um conjunto quase universal de indivíduos, aproximadamente equivalente a ‘people’, ‘everyone’ ou ‘anyone’. Em (5), *man* possui uma leitura existencial ou arbitrária, ou seja, a expressão *man* denota um grupo de indivíduos não específicos, equivalente a ‘some people’ ou ‘someone’. Vejam que a referência de tempo nesta sentença é episódica. Já em (6), o sujeito *man* corresponde a 1ª. pessoa do singular, ‘I’, e, portanto, apresenta leitura específica.

Para minimizar essa dificuldade de distinguir as diferentes leituras, o autor sugere um critério: o uso de paráfrases que denotem a possibilidade de boa formação com os termos abaixo seria um diagnóstico para distinguir os tipos os tipos de leitura:

- (i) paráfrases com as expressões: ‘people’, ‘everyone’ ou ‘anyone’, que possibilitam uma leitura genérica, uma vez essas expressões indicam um conjunto de indivíduos quase universal.
- (ii) paráfrases com as expressões: ‘some people’, ‘impersonal they’, ‘someone’ → possibilitam uma leitura existencial ou arbitrária, já que indicam um grupo não específico de indivíduos.
- (iii) paráfrases com ‘I’ ou com outro pronome pessoal → possibilitam leitura específica, pois indicam um conjunto específico de indivíduos equivalente ao pronome.

3.1.1. Conclusões

Nestas subseções, vimos que as discussões que tratam da impessoalidade apresentam conflitos no que diz respeito à inclusão de construções genéricas e vagas no mesmo rótulo. Vimos também que nas tipologias descritas as construções vagas e genéricas aparecem no rol das construções impessoais. Nas seções subsequentes, vamos adotar uma definição ampla, tratando como impessoais as construções genéricas e as construções vagas. Vimos também que as noções implicadas pelos traços [específico], [genérico] e [arbitrário] têm um estatuto importante na definição de impessoalidade. Vamos adotar as seguintes definições destes traços nesta tese:

[+específico]: indica que o falante tem em mente uma entidade específica ao se referir a ela.

Ex. Comprei uma casa Linda! (o falante tem em mente o referente)

[- específico]: a não especificidade é a falta de uma pessoa concreta, isto é, a ausência de um indivíduo concreto em mente ou grupo de indivíduos, ou ainda qualquer pessoa (*'anyone'*, *'everyone'*, *etc.*).

Ex. Preciso falar com alguém da coordenação. (o falante não tem em mente o indivíduo concreto)

[+ genérico]: um item linguístico possui referência genérica quando se refere a uma classe de seres e objetos (indivíduos/espécies), que não podem ser identificados separadamente; apesar de o referente não ser identificado individualmente, tanto o falante quanto o ouvinte são capazes de saber sobre quem está se referindo.

Ex. Brasileiro gosta de futebol. (refere-se a uma classe e não a um membro desta classe)

[+arbitrário]: a noção de arbitrário envolve o total desconhecimento de indivíduos ou grupo de indivíduos, ou seja, pressupõe-se a falta de uma identificação única de seus referentes para uma dada expressão linguística

Ex. Você tem o Palácio das Artes em BH.

Feitas essas considerações, vamos passar agora aos estudos tipológicos. Nosso propósito de agora em diante é buscar parâmetros para identificar e descrever formalmente um conjunto de construções impessoais no Português Brasileiro.

3.2 Tipologias de construções impessoais

3.2.1 A Tipologia de Siewierska (2007)

A autora distingue três tipos de construções em que há carência de agente humano na situação ou evento retratado no verbo. De acordo com Siewierska (2007, p. 27), *constructions which qualify as impersonal by virtue of the lack of a human agent controlling the situation or event include:*²⁵

a) fenômenos da natureza²⁶

(7) *Está chovendo.*²⁷ (Siewierska, 2007: 27) (Português)
'It is raining'²⁸

b) sensações físicas e emoções²⁹

(8) *Tá ocras orm.* (*idem*) (Irlandês)
'I'm hungry'³⁰

²⁵ Segundo Siewierska (2007, p. 27), “construções que se qualificam como impessoais pela capacidade de omitir um agente humano, controlando a situação ou evento, incluem:” – tradução minha.

²⁶ Those expressing weather phenomena. (SIEWIERSKA, 2007, p. 27)

²⁷ Este tipo de construção está presente no Galêgo e também em muitas línguas européias, incluindo o inglês, segundo Siewierska (2007).

²⁸ Está chovendo – tradução minha.

²⁹ Bodily sensations and emotions. (SIEWIERSKA, 2007, p. 27)

³⁰ Estou com fome – tradução minha.

c) modalidade³¹

(9) *Trzeba odejść. (idem)* (Polonês)
'It's necessary to leave'³²

Quanto à realização do sujeito, há quatro tipos.

a) aquelas com um sujeito que não é completamente referencial;

(10) *Mér likar ág cetlega vid hann.* (BARÐAL, 2005: 108 *apud* SIEWIERSKA, 2008: 4)
Me:DAT like:3SG well with him: (Islandês)
'I like him'³³

(11) *Nuka-ta-ka uma-ta nana-wa-n-mi.* (HERMON, 2001: 151 *apud* SIEWIERSKA, 2008: 4)
Me-ACC-TOP head-ACC hurt-Obj-PRES-3-VAL (Quechua)
'My head hurts me'³⁴

b) aquelas que apresentam sujeitos sem propriedades canônicas de sujeito;

(12) Ø ãñbw lãi-sã-ãjã má-twçãã (Dulong; Sun 1982: 164, *apud* Siewierska, 2008: 3)
'It is not hard to plant rice.'³⁵

c) um sujeito que não é um argumento verbal - um expletivo -, i.e., o sujeito pode ser realizado não como argumento verbal, mas meramente como um lugar preenchido sem manifestar propriedades semânticas ou propriedades referenciais;

(13) *Er wurde getanzt.* (SIEWIERSKA, 2007: 29) (Alemão)
'There was dancing'³⁶

(14) *Bad dimmer. (idem)* (Islandês)
'It is getting dark.'³⁷

³¹ Modality. (SIEWIERSKA, 2007, p. 27)

³² É necessário partir – tradução minha.

³³ Eu gosto dele – tradução minha.

³⁴ Minha cabeça me oprime – tradução minha.

³⁵ Não é difícil plantar arroz – tradução minha.

³⁶ Estava dançando – tradução minha.

³⁷ Está ficando escuro – tradução minha.

* Em construções existenciais:

- (15) *Hay tres estudiantes atrasados*. (Gillaspy Marsh, 2002: 421 *apud* SIEWIERSKA, 2007: 29) ‘Hay três estudantes atrasados’ (Espanhol)
‘There are three students late’³⁸

d) aquelas sem um sujeito visível.

- (16) Wolmo (nam) wracać do domu. (SIEWIERSKA, 2008: 6) (Polonês)
‘One is allowed to return home.’/‘We are allowed to return home.’³⁹

* Quando há agente humano, mas este não é o sujeito da oração:

- (17) *Vaik bũvo miėgama sodė*. (Ambrazas, 1997: 282 *apud* Siewierska, 2007: 28)
‘The children slept in the garden’⁴⁰ (Lituano)
‘(Lit. By the children was being slept in the garden)’

* Quando há agente humano, mas este é apenas um referente potencial, o que se confirma através do uso de ‘one’ na tradução para o inglês.

- (18) Corta-se cabelo às terças. (Cavadas Afonso, 2003: 17 *apud* SIEWIERSKA, 2007: 28)
‘One cuts hair on Tuesdays’ (Português Europeu)

* Quando há um sujeito, mas é expletivo.

- (19) *Er wurde getanzt*. (SIEWIERSKA, 2007: 29)
‘There was dancing’ (Alemão)

* Em construções existenciais.

- (20) *Hay tres estudiantes atrasados*. (Gillaspy Marsh, 2002: 421 *apud* SIEWIERSKA, 2007: 29) ‘Hay três estudantes atrasados’ (Espanhol)
‘There are three students late’

³⁸ Há três estudantes atrasados – tradução minha.

³⁹ Deixaram-nos voltar para casa – tradução minha.

⁴⁰ As crianças dormiram no jardim – tradução minha.

* Em construções locativas.

(21) *Il est tombe um enfant dans le canal.* (Hoekstra & Mulder: 43 *apud* SIEWIERSKA, 2007: 9)
'A child has fallen into the canal',⁴¹ (Francês)

3.2.2 Tipologia com base em traços morfossintáticos

Creissels (2008) apresenta uma tipologia de construções impessoais, adotando critérios morfossintáticos. O autor afirma que, devido à heterogeneidade das construções impessoais prefere não formular uma definição única de impessoalidade. Três tipos de construções impessoais foram descritas, cada uma reunindo subtipos. Cada classe aparece descrita a seguir.

Classe 1: Construções impessoais simples

O conjunto de construções impessoais simples *inclui* aquelas construções cujo verbo ocorre tal como em construções predicativas canônicas e não envolve nenhuma mudança na estrutura argumental ou na codificação de outros termos da sentença (cf. CREISSELS, 2008). A descrição das construções impessoais simples necessita apenas de uma regra que permite uma interpretação arbitrária dos sujeitos ausentes. Sua única particularidade é que uma interpretação arbitrária do sujeito é engatilhada por outros meios e não pelo uso de um NP indefinido canônico na função de sujeito. Este tipo de construção se divide, por sua vez, em outros dois grupos: construções não marcadas, como em (22) e construções marcadas, como em (23).

(22) Tocan a la porta. (CREISSELS, 2008, p. 6)

(23) Se encontraron los ladrones. (CREISSELS, 2008, p. 9)

⁴¹ Um criança caiu no canal – tradução minha.

Em (22), há um sujeito nulo com verbo na terceira pessoa do plural e, em (23), há uso de ‘se’ passivo.

Classe 2: Construções impessoais especiais

As construções impessoais especiais envolvem verbos que não podem combinar com NPs referenciais com características de sujeito canônico, e verbos que, embora possam ocorrer em construções com sujeito preenchido, a introdução de um NP referencial resulta em alterações formais no restante da construção ou em modificação em sua estrutura argumental, como em (24).

(24) Il vendra une femme. (CREISSELS, 2008, p. 30)

Em (24), tem-se uma construção impessoal especial cuja interpretação corresponde a ‘there will be a woman coming’.

Classe 3: Construções impessoais encobertas

As construções impessoais encobertas incluem um termo não ‘dummy’ que codifica características de sujeito canônico, pois recebe Caso e concorda com o verbo. Entretanto não apresentam a propriedade de receber papel temático.

(25) Gli elettori si corruero deliberadamente. (CREISSELS, 2008, p. 28)

Em (25), há uma passiva impessoal com ‘SI’ em italiano, que superficialmente se assemelha às chamadas construções médias (‘middle’ SI) nas quais o NP argumento do verbo transitivo possui todas as propriedades de sujeitos canônicos.

Descritas as três classes, vejamos agora, no Quadro 1, um detalhamento das classes apontadas por Creissels (2008). Após a enumeração das subclasses, aparece a exemplificação com numeração do próprio autor.

Quadro 1: Tipologia de Creissels (2008)

A. Construções impessoais simples não marcadas	
1. Verbo na 3ª. pessoa do plural com sujeito nulo,	(7) <i>Včera tancevali na stole.</i> (Russian) ‘Yesterday people were dancing on the table’
2.1 Referente [+humano]	(10a) <i>Hier soir ça dansait sur la table.</i> (French) ‘Yesterday evening people were dancing on the table’
2.2 Referente [-humano]	(10b) <i>Ça cogne dans lê moteur.</i> (French) ‘Something is knocking in the motor’
3.1 Sujeito nulo e Verbo na 3ª.p. singular	(8) <i>Tässä istuu mukavasti.</i> (Finnish) ‘One can sit comfortably here’
3.2 Sujeito preenchido com pronomes especializados para ocupar a posição de sujeito	-----
3.3 Sujeito preenchido com pronomes geralmente usados para interpretação anafórica e dêitica	(11a) <i>Yanggai qichuang.</i> (Mandarin chinese) ‘One should rise’
B. Construções impessoais simples marcadas	
1.1) verbo com marca de reflexivo	(12b) <i>Se encontraron los ladrones.</i> (Spanish) ‘The thieves met’
1.2) marca de passiva	(15c) <i>Il a été pris une decision.</i> (Franch)
1.3) marca morfológica específica de impessoalização	(13) <i>Aqui não se pode nadar</i> (Eur. Portuguese) ‘One can’t swim here’
2.1) sujeito nulo	-----
2.2) sujeito ‘dummy’	-----
3) reflexivos impessoais	(18b) <i>Tu sie pije wódke.</i> (Polish) ‘One drinks vodka here’
4) passivas impessoais	(25) <i>Stenu razbilo molniej.</i> (Russian) ‘The wall was destroyed by a thunderbolt’
5) passivas impessoais simples envolvendo verbo de formas específicas	(17) <i>Täällä puhu-taan saksaa.</i> (Finish) ‘German is spoken here’
C. Construções impessoais encobertas	
1) Passiva impessoal com ‘se’:	(55a) <i>Stanotte si scrutinamo i voti.</i> (Italiano)
1.1 reflexivos impessoais	
1.2 passivos impessoais	(55b) <i>I libri si ripongono negli scaffali.</i> (Italiano)
1.3 ativas impessoais	(56b) <i>Li si accusò.</i> (Italiano)

3.2.3 Tipologia de Cabredo Hofherr (2003, 2006)

Cabredo Hofherr (2003, 2006) propõe uma tipologia de cinco classes para dar conta da interpretação de referência arbitrária de sujeito em construções impessoais. A autora não inclui as construções de referência genérica e analisa somente as construções em que o verbo está flexionado na terceira pessoa do plural.

I. Leitura existencial específica⁴²

(26) *Tocan a la puerta.* (CABREDO HOFHERR, 2006, p. 18)
'(They) knock at the door' (=someone is knocking...)

Neste caso, o sujeito da sentença equivale a 'alguém', que não é do conhecimento do falante, tampouco do ouvinte e a sentença deve estar ancorada no tempo.

(II) Leitura existencial vaga⁴³

(27) *Han encontrado una motocicleta en el pátio.* (*Idem*)
'(They) have found a motorbike in the courtyard'

Observa-se que para esse tipo de leitura a sentença não está ancorada no tempo.

(III) Leitura existencial inferida⁴⁴

(28) *Aquí han comido mariscos.* (*Idem*)
'Here (they) have eaten seafood'

Neste caso, pressupõe-se a inferência de um resultado.

(IV) Leitura corporativa⁴⁵

⁴² No original, "specific existential reading (temporally anchored)". (CABREDO HOFHERR, 2006, p. 18).

⁴³ No original, "vague existential reading (not temporally anchored). (*Idem*)

⁴⁴ No original, "inferred existential reading (inferred from a result). (*Idem*)

- (29) *Volvieran a aumenta él IVA.* (CABREDO HOFHERR, 2006, p. 18).
'(They) raised the VAT again'

Observa-se que neste tipo de sentença, pressupõe-se a existência de predicados com sujeitos designados.

(V) Leitura locativa/universal

- (30) *En España hablan español.* (*Idem*)
'In Spain, (they) speak Spanish'

Observa-se que neste tipo de sentença pressupõe-se a presença de um item locativo.

A tipologia de Cabredo Hofherr (2003, 2006) privilegia, portanto, os critérios semânticos. De acordo com a autora, esta classificação permite distinguir a interpretação de leitura existencial (I-III), de um lado, da leitura não existencial (IV-V), de outro lado, sendo que, as construções do tipo (I-III) podem ser parafraseadas pelo uso de um sujeito que corresponde a 'alguém' (*someone*), enquanto as construções do tipo (IV-V) não oferecem essa possibilidade. Adicionalmente, o grupo de sentenças com leitura existencial se distingue dos demais dependendo do ancoramento do evento no tempo. Para uma leitura existencial específica, o evento deve estar ancorado em um ponto particular no tempo. Em (27), a autora esclarece que o evento está ancorado em um ponto dêitico no tempo, neste caso, o tempo presente. Já para as leituras existências vaga e inferida é necessário apenas que um evento do tipo descrito em (28-29) aconteça, uma vez que estes tipos de leitura são obtidos por meio de uma quantificação dos eventos instanciados. A leitura vaga, como o próprio nome sugere, não implica um ancoramento do evento em um ponto específico no tempo e a leitura inferida só é possível se o evento pode ser inferido de um resultado

⁴⁵ No original, "corporate reading (predicates with a designated subject, see Kaerde, 1943)"- (CABREDO HOFHERR, 2006, p. 18).

considerado. A classificação acima apresentada permite ainda distinguir dois tipos de leitura não existencial. O grupo de leitura de corporação (*corporate*), exemplificado em (31), ocorre com predicados associados a um grupo designado que realiza a atividade. O termo *corporate* é usado para se referir a um pronome que identifica algum grupo de pessoas socialmente designado, prototipicamente, governos, gerentes, criminosos ou lojistas. O exemplo a seguir ilustra isso.

(31) *Ils ont encore augmenté lês impôts.* (KLEIBER, 1994 *apud* CABREDO HOFHERR, 2006, p.

1) 'They raised taxes again' (Francês)

A interpretação esperada para a sentença (31) consegue prever que se as taxas sofreram aumento, é possível inferir (referente inferido a partir do contexto locativo) qual órgão foi responsável por aumentá-las: 'o governo' ou algum 'órgão' que se presta a este fim.

Por fim, Cabredo Hofherr (2003, 2006) diferencia a leitura locativa/universal em (30) da leitura de corporação em (29), levando em conta dois aspectos: (a) ela não impõe uma restrição sobre o tipo de predicado e (b) ela depende da presença de uma expressão locativa. A interpretação das referidas construções exige, necessariamente, o traço [+humano] do sujeito.

3.2.4 Tipologia de Siewierska & Papastathi (2011) – reinterpretando a tipologia de Cabredo Hofherr (2003, 2006)

Com base na tipologia desenvolvida por Cabredo Hofherr (2003, 2006), Siewierska & Papastathi (2011) buscam estabelecer as bases para um estudo da tipologia das construções

impessoais de 3ª. pessoa, plural. A proposta inicial das autoras é aplicar a tipologia de Cabredo Hofherr (2003, 2006) a um conjunto de dez línguas europeias, a fim de verificar sua adequação descritiva. As línguas analisadas foram: holandês, inglês, francês, alemão, grego, húngaro, italiano, polonês, russo e espanhol. O conjunto de dados delimitado por Siewierska & Papastathi (2011) aparece exemplificado a seguir.

- | | | |
|------|---|--------------------------|
| (31) | a. <i>They're</i> knocking on the door. | (Existencial/específico) |
| | b. <i>They've</i> been frying chips here. (idem) | (Inferencial) |
| | c. <i>They've</i> found his bike in the back of a barn.(idem) | (Vago) |
| | d. <i>They</i> changed the tax laws last year. (idem) | (Corporação) |
| | e. In Spain, <i>they</i> eat late. | (Universal/Locativo) |

[SIEWIERSKA & PAPASTATHI, 2011: 576]

Uma das primeiras observações feitas pelas autoras diz respeito à distinção entre (a-c), de um lado, e (d-e) de outro. Cabredo Hofherr (2003, 2006) propõe uma distinção entre estes dois grupos em termos de paráfrases com 'someone', conforme já mencionado. Todavia, Siewierska & Papastathi (2011) argumentam que a distinção em termos unicamente de paráfrases é problemática, pois (a-c) são construções impessoais, mas (d-e) podem ser vistas como construções apenas semi-impessoais. Essa distinção pode ser feita com base na oposição de uma expressão coletiva (grupo) do referente *versus* uma expressão individual. Adicionalmente, Siewierska & Papastathi (2011) julgam ser mais esclarecedora a distinção dos cinco tipos de impessoais de 3ª. pessoa, plural em termos de traços. O quadro a seguir apresenta essa distribuição.

Quadro 2. Distinção dos cinco tipos de impessoais de 3pl em termos de traços

Propriedades	Universal	Coletivo	Vago	Inferencial	Específico
Necessidade de interpretação de grupo	+	+	-	-	-
Delimitação do grupo pelo locativo	+	-	-	-	-
Delimitação do grupo pelo predicado	-	+	-	-	-
Ancoramento no tempo	-	+	+	+	+
Especificidade do referente	-	-	-	-	+
Inferido pelo resultado	-	-	+	+	-

[Fonte: SIEWIERSKA & PAPASTATHI, 2011, p. 583]

Ambas as distinções serão retomadas adiante quando será apresentada uma tipologia a partir de traços para os impessoais de 3ª. pessoa do plural no Português Brasileiro. Na próxima subseção, delinearemos alguns aspectos importantes ao tratamento das construções impessoais em termos de traços.

3. Tipos de construções impessoais no Português Brasileiro

Na seção anterior foi traçado um quadro das construções impessoais sob as perspectivas semântica, sintática e morfológica, a partir de quatro propostas tipológicas (cf. CABREDO HOFHERR, 2003, 2006; SIEWIERSKA, 2007; CREISSELS, 2008; SIEWIERSKA & PAPASTATHI, 2011). Nesta seção, vamos elencar construções impessoais no Português Brasileiro. Nosso objetivo é mostrar o leque de realizações morfofonológicas do sintagma que ocupa a posição de sujeito. Para isso retomaremos a tipologia de Creissels (2008), por ser esta a que de modo mais conciso engloba exemplos de um número maior de construções impessoais em várias línguas. Ao lado da exemplificação fornecida por Creissels (2008), acrescentaremos um exemplo do Português Brasileiro.

Quadro 3: Tipologia de Creissels (2008) com dados do PB

A. Construções impessoais simples não marcadas		
	Outras línguas	Português Brasileiro
1. Verbo na 3ª. pessoa do plural com sujeito nulo,	(Russian) (7) <i>Včera tancevali na stole.</i> 'Yesterday people were dancing on the table'	Contam o caso da Fiat Lux. (CORRÊA, 1998)
2.1 Referente [+humano]	(French) (10a) <i>Hier soir ça dansait sur la table.</i> Yesterday evening people were dancing on the table'	As pessoas que ficam lá nas repúblicas são muito legais. (SOUZA, 2007: 111)
2.2 Referente [-humano]	(French) (10b) <i>Ça cogne dans lê moteur.</i> 'Something is knocking in the motor'	Sem querermos vamos levados por aquelas coisa <i>pro</i> que estamos sempre a ouvir. (DUARTE, 1995: 12)
3. Sujeito nulo e Verbo na 3ª.p. singular	(Finnish) (8) <i>Tässä istuu mukavasti.</i> 'One can sit comfortably here'	Aquilo que desejo é nunca ficar doente. (DUARTE, 1995: 13)
3. Sujeito preenchido com pronomes especializados para ocupar a posição de sujeito	(French) <i>On frappe à la porte.</i> (Creissels) 'Somenone is knocking at the door'	-----
3. Sujeito preenchido com pronomes geralmente usados para interpretação anafórica e dêitica	(Mandarin and Chinese) (11a) <i>Yanggai qichuang.</i> 'One should rise'	Você não fala de igual pra igual com um político europeu. (CAVALCANTE, 1999: 69)
B. Construções impessoais simples marcadas		
1.1) verbo com marca de reflexivo	(Spanish) (12b) <i>Se encontraron los ladrones</i> 'The thieves met'	Vejo que multiplicaram-se os problemas.
1.2) marca de passiva	(French) (15c) <i>Il a été pris une decision.</i>	Alugam-se bicicletas. (Bechara, 2005: 416)
1.3) marca morfológica específica de impessoalização	(European Portuguese) (13) <i>Aqui não se pode nadar</i> 'One can't swim here'	-----
2.1) sujeito nulo		Riscaram o meu carro. (SOUZA, 2011)
2.2 sujeito 'dummy'		-----

3) reflexivos impessoais	(Polish) (18b) <i>Tu sie pije wódke.</i> 'One drinks vodka here'	Aí se tem portanto rapidamente esboçadas duas soluções para o impasse em que se acha o DL 157. (CAVALCANTE, 1999: 77)
4) passivas impessoais	(Russian) (25) <i>Stenu razbilo molniej.</i> 'The wall was destroyed by a thunderbolt'	Foi tomada uma decisão. (CAVALCANTE, 1999: 77)
5) passivas impessoais simples envolvendo verbo de formas específicas	(Finish) (17) <i>Täällä puhutaan saksaa.</i> 'German is spoken here'	-----
C. Construções impessoais cobertas		
1) Passiva impessoal com 'se': 1.1 reflexivas impessoais	(Italiano) (55a) <i>Stanotte si scrutinamo i voti.</i>	Eleitores se corrompem deliberadamente.
1.2 passivas impessoais	(Italiano) (55b) <i>I libri si ripongono negli scaffali.</i>	Esta noite contam-se os votos deliberadamente.
1.3 ativas impessoais	(Italiano) (56b) <i>Li si accusò.</i>	-----

A coluna três aponta algumas lacunas. Veja-se que diferentemente do que se observa nas outras línguas, no PB não se verificam: (i) pronomes especializados para ocupar a posição de sujeito, nem (ii) expletivos lexicalizados. Verifica-se, por outro lado, a possibilidade de ocorrência de 'se' ou 'nulo' em passiva impessoal, conforme já havia sido observado por Holmberg et al. (2009), ao apontarem o seguinte contraste⁴⁶ entre o português brasileiro e o espanhol:

⁴⁶ A explicação para este contraste é atribuída a uma diferença referente ao conjunto de traços da categoria T nas duas línguas. Ver Holmberg et al (2009).

- (32) a. Aqui não se usa saia.
b. Aqui não usa saia.

- (33) a. Aquí han comido mariscos.
b. *Aquí ha comido mariscos

Outra propriedade visível no quadro três é a possibilidade de ocorrência do verbo na terceira pessoal do plural, com sujeito pronominal nulo ou foneticamente realizado. Essa última estratégia de impessoalização será nosso objeto de análise no próximo capítulo.

4. Conclusões

Nesta subseção apresentamos quatro tipologias de construções impessoais, a saber: Cabredo Hofherr (2003, 2006), Siewierska (2007), Creissels (2008), Siewierska & Papastathi (2011). A primeira delas inclui construções genéricas e construções arbitrárias ou vagas. As duas últimas incluem apenas construções vagas ou arbitrárias. Em todas essas construções observa-se um conjunto de traços semânticos e sintáticos que é capaz de fazer menção ao referente, ainda de que de forma vaga ou não específica, o que nos leva a postular que as chamadas construções arbitrárias não formam, de fato, uma classe homogênea.

Outro aspecto importante identificado é que dentre as construções que exibem leitura arbitrária encontram-se aquelas em que o verbo se realiza na terceira pessoa do plural. Do conjunto de línguas analisadas, esse tipo de construção produz contrastes, conforme aponta

Siewierska (2007, p. 32)⁴⁷: “em algumas línguas, formas pessoais de 3ª. pessoa do plural podem ser interpretadas de modo distinto: NP sujeito de referência não específica, se o sujeito é nulo; ou NP sujeito com referência específica se o sujeito é preenchido. Vejamos dois exemplos do Islandês e do Polonês, respectivamente.

Islandês

(32) peir eru búnir að loka veginum einusinni enn. (SIEWIERSKA, 2007, p. 32)
'They've closed the road once again.'

Polonês

(33) Musze kończy niestety, bo czekają na mnie z biadem. (*Idem*)
'Unfortunately, I must end (our conversation) because they're waiting for me at dinner table.'

Nas línguas pro-drop, como o polonês, a leitura impessoal de 3ª. pessoa está vinculada à falta de uma forma livre de 3ª. pessoa correspondente. Em (33), por exemplo, bastou-se a presença da forma *oni*, expressa por *mnie*, que corresponde ao pronome 'they', para que a sentença recebesse uma interpretação com referência específica.

Nos capítulos que se seguem, veremos que o Português Brasileiro apresenta um padrão que não coincide nem com o Polonês nem com o Islandês. É desse padrão que trataremos no capítulo 4, ou seja, quer preenchido ou não preenchido, a terceira pessoal do plural pode realizar uma construção impessoal. Em outras palavras, pode preencher a posição de sujeito de referência arbitrária.

⁴⁷ “In some languages person forms of the 3.pl may be interpreted as [non-specifically] in other than as [subject] function under some set of circumstances, here we will be concerned only with non-specific uses of the 3pl as subjects”. (SIEWIERSKA, 2007, p. 32)

*Em vão percorremos volumes,
viajamos e nos colorimos.
[...]*

*Visito os fatos, não te encontro.
Onde te ocultas, precária síntese,
penhor de meu sono, luz
dormindo acesa na varanda?
Miúdas certezas de empréstimo , nenhum beijo
sobe ao ombro para contar-me
a cidade dos homens completos.*

*Calo-me, espero, decifro.
As coisas talvez melhorem.
São tão fortes as coisas!*

*Mas eu não sou as coisas e me revolto.
Tenho palavras em mim buscando canal,
são roucas e duras,
irritadas, enérgicas,
comprimidas há tanto tempo,
perderam o sentido, apenas querem explodir[...]*

Carlos Drummond de Andrade
Fragmentos do poema *Nosso Tempo*.
Antologia Poética, 2004.

CAPÍTULO 4

VARIAÇÃO EM CONSTRUÇÕES IMPESSOAIS COM O PRONOME ‘ELES’ NA POSIÇÃO SUJEITO

Estudos acerca do Português Brasileiro mostram que construções impessoais com verbos na terceira pessoa do plural podem ser realizadas tanto com sujeito nulo quanto com sujeito pleno. Nos estudos descritos no capítulo 1, vimos que o percentual de uso do pronome ‘eles’ oscila entre 8% e 22% em construções impessoais (cf. Cavalcante, 1999; Almeida 1992, Cunha 1993, Duarte 1995). Neste capítulo veremos os resultados de estudos que tomaram por objeto o pronome ‘eles’ e suas variantes em posição de sujeito.

4.1 As diferentes realizações do pronome ‘eles’

Conforme mencionamos na introdução deste capítulo, o pronome ‘eles’ apresenta diferentes realizações. Uma das variações observadas é a realização de sujeito nulo *versus* sujeito pleno, que revelam os seguintes tipos de estruturas: [\emptyset + V. 3^a. p.pl] vs. [eles + V. 3^a. p.pl]. O estudo de Souza (2007) investigou exatamente esse par de estruturas concorrentes, mostrando que o pronome ‘eles’ apresenta diferentes possibilidades de realização como sujeito indeterminado no PB. Outro trabalho que também se mostra relevante para as discussões propostas neste capítulo é o estudo de Corrêa (1998), que investiga os processos de redução dos pronomes de 3^a. pessoa com foco especial nas construções de 3^a. pessoa, masculino, plural, em suas formas plena e reduzida. Buscaremos

nos resultados apresentados nos estudos de Corrêa (1998) e Souza (2007) evidências quantitativas que comprovam a natureza não homogênea das construções arbitrárias no PB. Vamos, inicialmente, retomar as discussões propostas por Corrêa (1998), em seguida, vamos retomar o estudo de Souza (2007).

4.1.1 A realização do pronome ‘eles’ pleno e reduzido – ‘es’

4.1.1.1 A propósito da redução ‘eles > es’

A redução fonológica é um termo genérico que abrange vários processos, caracterizados pela queda de um ou mais de um segmento. Neste capítulo, discutiremos um tipo específico de redução: a redução silábica, caracterizada pela queda total de uma sílaba, que ocorre com o pronome pessoal de 3ª pessoa, masculino plural, a saber: ‘**eles > es**’.

O processo de redução ‘**eles > es**’ aqui investigado é tratado como um processo de redução silábica atípico, já que a queda da sílaba final favorece um processo de ressilabificação, ou seja, a marca ‘S’ não cai junto com a sílaba; ao contrário, junta-se à sílaba inicial, formando uma nova sílaba. Temos, portanto, o seguinte processo: **eles > e(le)s > es**, isto é, a forma plena ‘eles’ primeiro perde a sílaba /le/ e depois o /s/ se junta à sílaba inicial /e/, formando uma nova sílaba ‘es’ – uma forma átona. Tal processo estaria relacionado, segundo Corrêa (1998), ao processo de cliticização do par ‘eles/es’. Vejam-se duas ocorrências do par ‘eles/es’, que evidenciam o processo de variação atestado por essas duas formas variantes.

(1) **Eles** assim impõem muito. (CORRÊA, 1998, p. 18)

(2) É só **ês** mandá funcionário. (*Idem*)

Conforme se observa, a alternância entre as formas plena e reduzida do pronome ‘eles’ pode ser tomada como um processo variável por apresentar propriedades que permitem defini-la como uma variação sociolinguística: primeiro “por configurarem duas maneiras de dizer a mesma coisa, considerando o mesmo tipo de contextos linguísticos” (LABOV, 1972a, p. 271). Estamos, portanto, diante de uma variação entre a forma pronominal plena – *eles* (FP) e a forma pronominal reduzida – *es* (FR), frequentemente encontrada no PB falado.

Nosso interesse aqui é verificar se o processo de redução do pronome ‘eles’ favorece sua realização na posição de sujeito de construções impessoais e se há também algum tipo de motivação sintática para o processo de redução do pronome ‘eles’, assim como para a realização de [es + V singular]. Vejamos a seguir uma síntese de alguns trabalhos que trataram do processo de redução que envolve o pronome ‘eles’ no PB.

4.1.1.2 Investigações sobre a redução ‘eles > es’ no PB

Estudos recentes, Corrêa (1998), Ramos (2006), Oliveira (2006), mostram que a redução ‘*eles>es*’ está amplamente inserida num quadro geral de reduções fonológicas que ocorrem no Português Brasileiro. Corrêa (1998) analisa dados do dialeto mineiro e mostra que a alternância entre as formas plena e reduzida dos pronomes de 3ª pessoa pode ser caracterizada por:

- a) queda do fonema /e/ final no masculino singular: *ele* > *el*;
- b) queda do fonema /l/ medial no feminino singular: *ela* > *éa*;
- c) queda do fonema /l/ medial e anteriorização da vogal final /e/ no masculino plural, o que resulta nas formas: *eis*, *eiz*, *ês*, *êz*, *ezi*.

Oliveira (2006), por sua vez, investiga a variação entre itens lexicais com sílaba final átona formada por /l/ + vogal na região de Itaúna/MG. O autor busca identificar e analisar quais fatores influenciam a variabilidade de reduções encontradas em todas as pessoas pronominais. Oliveira observa que:

Diversos estudos têm mostrado que o segmento lateral /l/ é bastante sujeito a processos de variação sonora no português do Brasil, tanto na posição de *coda*, conforme Vandresen (1999), Cristófar-Silva e Oliveira (2001) Tasca (2002), Espiga (2003), quanto no ataque silábico, conforme Corrêa (1998) e Martins (2001). Além disso, os fenômenos que atingem o segmento lateral também podem ser identificados em estudos históricos da língua portuguesa, como em Williams (1975), Câmara Jr. (1985), Maia (1986), Tessyer (1997), Zágari (1998) e Coutinho (2004), (p.16).

Para Oliveira, o apagamento do segmento lateral /l/ e de suas variantes pode ser assim caracterizado:

1. Realização plena da sílaba formada por lateral alveolar seguida de vogal, como *aquele*;
2. Realização da lateral alveolar e não realização da vogal seguinte, como *aquel*;
3. Velarização da lateral e não realização da vogal seguinte, como *aquel*;
4. Não realização da sílaba formada por lateral + vogal, como em *aquê*.

Sendo assim, os processos variáveis por ele analisados compreendem:

- (a) O apagamento da sílaba final átona formada por /l/ + vogal;
- (b) O apagamento da vogal da sílaba formada por /l/ + vogal;
- (c) O apagamento da vogal e a velarização da lateral da sílaba formada por /l/ + vogal.

A partir da caracterização feita por Corrêa (1998) e Oliveira (2006), nota-se que o processo de redução ‘**eles>es**’ deve ser entendido como um processo de apagamento da sílaba final átona formada por /l/ + vogal. Esse processo seria muito produtivo nos pronomes, conforme afirma Oliveira (2006). O autor verifica que o apagamento na classe de pronomes é duas vezes maior do que para itens de outras classes. Esse resultado possivelmente está relacionado a algumas propriedades, a nosso ver, sintáticas, para que as reduções ocorram de forma tão expressiva. Oliveira (2006), no entanto, discorda que a redução do pronome ‘eles’ é favorecida por algum fator de natureza sintática. O autor defende que a redução ‘eles/es’ resulta de processo de redução fonético-fonológico, propriamente.

Ramos (2006), por sua vez, defende que a redução ‘eles/es’ é condicionada por fatores sintáticos. A autora analisa o par ‘eles > es’ sob o enfoque da perspectiva sintática e chega à conclusão de que “o paradigma pronominal do português brasileiro apresenta, para a terceira pessoa, formas que variam em número e gênero” (p. 71). Vejamos alguns exemplos:

- (3) a. E **el** falou que eu não podia mais dar aula. (CORRÊA, 1998, p.i)
b. E **ele** falou que não podia mais dar aula.
- (4) a. O albergue tava lotado, **eis** num registravam mais ninguém. (*Idem*)
b. O albergue tava lotado, **eles** num registravam mais ninguém.
- (5) a. Se não fosse eu, **éa** tinha matado o colega. (*Idem*)
b. Se não fosse eu, **ela** tinha matado o colega.

Ramos (2006) chama a atenção para o fato de que tais construções já tinham sido referidas por gramáticos e filólogos, como Joaquim J. Nunes (1951), Coutinho (1954), Vasconcelos (1959), e que seu uso não é novo na língua, como muitos pensam; ao contrário, como diz Matos e Silva (1989, p. 220-221), “a forma apocopada *el* é muito antiga no português”, ou

seja, a forma apocopada *el* “ultrapassa de muito a forma *ele*” no português arcaico e, nesse período, a forma pronominal reduzida não tinha comportamento clítico, pois *el* tem posição acentuada na frase. Ramos esclarece que a passagem do estatuto de não clítico para clítico no PB moderno seria um processo bem mais recente na língua. Sendo assim, o par ‘*eles>es*’ reflete uma alteração no estatuto gramatical do pronome ‘*eles*’.

(6) **Eles** já viajam pra casa. (CORRÊA, 1998, p. 18)

(7) **Es** acha que todas as mulheres [...]. (*Idem*)

Temos em (6-7) duas formas de expressar o sujeito pleno, entretanto, o que não conseguimos perceber imediatamente é que para essas duas formas existem pro-formas distintas quando olhamos para a estrutura interna dos pronomes. Essa questão, porém, não será tratada nesse momento.

Retomando a proposta de Ramos (2006), assumimos que a redução ‘*ele >es*’ não constitui um caso de redução fonético-fonológica, apenas, pois, segundo Ramos (op. cit. p. 74), “é possível propor que esteja ocorrendo um processo gramatical em que a forma reduzida ‘*es*’ assume um caráter quase afixal”, ou seja, o pronome ‘*eles*’ assume um novo estatuto ao sofrer a redução, tornando-se um clítico.⁴⁸ O simples fato de ser um ‘clítico’ revela a natureza sintática envolvida no processo de redução ‘*eles > es*’. Outra evidência sintática pode ser apontada por meio do fator ‘contiguidade do pronome com o verbo’, pois o fato de o pronome não estar contíguo ao verbo é uma evidência do estatuto sintático do pronome ‘*eles*’.

⁴⁸ Ver Corrêa (1998), Vitral e Ramos (2006), entre outros.

Essas discussões revelam a complexidade que envolve a redução do pronome ‘eles’. Vamos, portanto, a partir de uma análise quantitativa dessa variação na língua, buscar esclarecer algumas das questões mais intrigantes do processo de redução do pronome ‘eles’, qual seja, porque a forma reduzida ‘es’ ocorre, em geral, com o verbo no singular.

4.1.1.3 Os resultados do estudo de Corrêa (1998)

Corrêa (1998) tem por objeto de análise a variação entre as formas ‘eles’ e ‘es’, identificando-as, respectivamente, como formas plenas e reduzidas. Vejamos como se dá a distribuição dados analisados pelo autor.

Tabela 1. Distribuição dos dados no corpus
Analisado: Corrêa (1998)

Variante	Nº/ocorrências	%
FP	952	70,1
FR	407	29,9
Total	1359	-

[Fonte: CORRÊA, 1998, p. 45 – adaptado]

Esses resultados foram obtidos a partir de um levantamento de 1.359 dados, coletados em 27 entrevistas, com informantes naturais de Belo Horizonte. Desse total, 70,1% das ocorrências são de ‘eles’ pleno e 29,9% são de ‘eles’ reduzido. O autor identificou ainda 161 ocorrências de uso das formas ‘eles’ e ‘es’ como sujeito indeterminado. Outro fato observado pelo autor é que formas plena e reduzida retomavam naturalmente NPs de tipos semânticos distintos.

- (8) A polícia não dava sossego, cê tava andando na rua, êz te parava, te revistava. (CORRÊA, 1998, p. 54)
- (9) As pessoas que vão tendo essa formação profissional ês disputam o mercado. (CORRÊA, 1998, p. 35)
- (10) Acabaram com a alegria do pessoal ês num aceitaram. (CORRÊA, 1998, p. 19)
- (11) a. Ês tinha que ampliar um plano assim (...) porque ês tem que pensar no futuro,
os menino tá crescendo. (CORRÊA, 1998, p. 26)
- b. Eles já viajam pra casa. (CORRÊA, 1998, p. 18)

Veja-se que em (8), a forma ‘es’ retoma um NP feminino, singular – ‘a polícia’. Em (9), verifica-se um NP plural – ‘as pessoas’ - também feminino. Já em (10) o pronome retoma um antecedente sintaticamente singular, porém com sentido plural – ‘o pessoal’. Por último, em (11a), ‘es’ aparece como sujeito tanto da oração matriz quanto da encaixada, sem fazer referência a qualquer sintagma nominal visivelmente expresso no contexto linguístico. Em (11b) tem-se a forma plena ‘eles’ exercendo a mesma função de (11a). Corrêa identifica tais casos como uma estratégia de indeterminação do sujeito cujo item ‘eles’ recebe leitura genérica. Dado o alcance de uma leitura genérica, podemos concluir que receber leitura genérica é também dizer que o pronome ‘eles’ pleno ou reduzido é licenciado como sujeito de construções impessoais.

Certamente, um dos pontos mais importantes do trabalho de Corrêa (1998) para nossa análise é justamente esse: o par ‘eles>es’ poder ocorrer com verbo não apenas no plural, mas também no singular, atestando a ausência de concordância de número entre o pronome sujeito e o verbo. Vejamos alguns exemplos:

(12) a. **Eles** anunciaram festa pra depois do jogo. (CORRÊA, 1998, p. 18)

b. De maneira nenhuma **eles** num aceita. (CORRÊA, 1998, p. 50)

(13) a. **Êz** foram lá reclamar do barulho. (CORRÊA, 1998, p. 82)

b. **Êz** inventa um bocado de coisas. (CORRÊA, 1998, p. 50)

As sentenças (12-13) constituem um conjunto de evidências que leva a elaboração de algumas questões:

(i) Por que haveria redução fonética do pronome nas construções impessoais?

(ii) O que explicaria a tendência de não concordância de número entre verbo e sujeito nas construções impessoais?

(iii) Por que a marca de plural persiste no pronome, mas não no verbo, em construções impessoais no PB?

Estas e outras questões serão detalhadas oportunamente, por enquanto passamos à resenha do trabalho de Souza (2007).

4.1.1.4 A variação ‘eles’ e ‘zero’ e suas diferentes possibilidades de leituras

Souza (2007) analisa a variação entre sujeito nulo e sujeito pleno com verbos de terceira pessoa do plural. As variantes investigadas encontram-se ilustradas em (14).

(14) a. Riscaram o meu carro.

b. Eles riscaram o meu carro.

A amostra analisada por Souza (2007) foi composta por 36 informantes nascidos em Belo Horizonte ou residentes na capital mineira por um período igual ou superior a 2/3 de suas vidas. A amostra apresenta a seguinte estratificação: 18 informantes para cada gênero –

masculino e feminino; três faixas etárias: (I) jovens (15-29 anos), (II) adultos (30-45 anos) e (III) velhos (46-76 anos); dois níveis de escolaridade: alta escolaridade (ensino médio ou superior), baixa escolaridade (ensino fundamental). A partir de entrevistas do tipo DID (diálogo entre documentador e informante), o corpus foi constituído de 616 dados. O programa estatístico utilizado para dar suporte à análise dos dados foi o Programa de Regras Variáveis *GoldVarb 2001*, versão organizada por Robinson, Lawrence & Tagliamonte (2001). No total, foram analisados nove grupos de fatores, seis internos: referência [\pm determinada] do sujeito, tipo de referência do SN antecedente retomado pela variante ‘eles’, traço [\pm humano] do sujeito, tipo de oração, concordância de gênero entre o pronome ‘eles’ e seu antecedente e concordância de número entre o pronome ‘eles’ e o SN antecedente; e três fatores externos: gênero do informante (masculino ou feminino), faixa etária do informante (jovens, adultos e velhos) e grau de escolaridade (alta e baixa). Foram selecionados como estatisticamente significativos os seguintes grupos de fatores: referência [\pm indeterminada] do pronome, tipo semântico do SN antecedente retomado pela variante ‘eles’, tipo de oração, faixa etária e escolaridade do informante.

A análise quantitativa mostrou que do total de 616 dados analisados, obteve-se um percentual de 80% de sujeitos realizados *versus* 19% de sujeitos nulos. Portanto, do total de 493 ocorrências de sujeitos não nulos, Souza (2007) verificou a ocorrência de 254 dados que, de acordo com os termos usados neste estudo, constituem-se construções impessoais.

Utilizando paráfrases como critério para identificar tipos de construções impessoais, Souza (2007) analisa dados do tipo (10-12), testando a boa formação da paráfrase:

(a) com passiva,

(b) com o clítico ‘se’ e verbo no singular,

(c) com \emptyset e verbo no plural.

(15) Tô num momento que eu vou te falar, é aquela brincadêra que *eles* fazem.
O Brasil só tem duas saídas: *Galeão e Cumbica*. (DID. 4F)

(16) Ninguém tem onde morá, então *eles* vão pros bairros mais próximos. (DID. 6F)

(17) *Eles* servem uns crepes ótimos, aqui. (DID. 35F)

Buscando aplicar os critérios (a-c), podemos verificar que a sentença (15) admite como paráfrase: “È aquela brincadeira que fazem”, em que o uso da 3ª. pessoa do plural indicaria o desconhecimento do agente, tal como “Bateram na porta”. Em (16), ‘eles’ tem como referente ‘todos’ os membros de uma classe – um genérico, o que permite uma interpretação de sujeito impessoal. A sentença (17) teria como paráfrase - “Servem-se crepes”, cujo ‘eles’ pode ser perfeitamente substituído pelo ‘se’ indeterminador. Vejam que remetendo às discussões do capítulo 3, encontramos em Souza (2007) evidências empíricas para atestar que o pronome ‘eles’ constitui uma classe arbitrária não homogênea, dada a variabilidade de interpretações admitidas pelo pronome ‘eles’.

Outro aspecto importante discutido por Souza (2007) é se o pronome ‘eles’ tinha algum antecedente expresso no contexto linguístico ou se o pronome ‘eles’ ocorria mesmo sem fazer menção a qualquer antecedente anteriormente expresso no contexto linguístico. Em geral, observam-se dois tipos de ocorrências, como mostram as ocorrências retiradas de Souza (2007).

- (18) Na Bahia, **eles** num temperam feijão. (SOUZA, 2007, p. 116)
- (19) Esse povo de antigamente, **eles** eram severos demais. (SOUZA, 2007, p. 113)
- (20) a. Universitário num qué ganhá pouco **es** qué ganhá muito. (SOUZA, 2007, p. 112)
b. O cara malandro com jeitão de carioca, cê vê que **eles** pegam uma ginga.
(idem)
- (21) **Eles** param muito é ônibus do Paraguai. (SOUZA, 2007, p. 22)

Em (18) o pronome ‘eles’ tem como antecedente um conjunto de pessoas cujo domínio se define por meio do locativo - “Na Bahia”. Em (19), o pronome recupera um grupo indefinido de pessoas, i.e, um grupo de pessoas apenas vagamente apresentado, mencionado por meio de uma referência coletiva. Em (20a), há a retomada de um NP nu, genérico. Em (20b) há também a retomada de um NP genérico, singular, porém não nu. Por fim, em (21), o pronome ‘eles’ ocupa a posição de sujeito da sentença sem fazer menção a qualquer antecedente anteriormente expresso no contexto linguístico. Sua referência é também arbitrária. Entende-se por locativo, “o caso que indica o lugar em que se processa a ação verbal” (JOTA, 1976, p. 67). A referência locativa depende, portanto, da presença de um adjunto de lugar na oração, que, em geral, aparece na periferia esquerda da sentença.

A distinção entre cada um dos tipos de ocorrências, entretanto, não é tarefa fácil, principalmente entre itens de referência coletiva e genérica, dada a semelhança que estes dois tipos de construções apresentam. Antes de passar à análise dos resultados, vamos retomar o conceito de cada tipo de construção aqui investigado. Segundo Du Bois (1995), define-se o coletivo por meio de “um traço distintivo da categoria de número que indica a representação de um grupo de entidades, isoláveis, consideradas como um todo”, já a

definição de genérico, segundo Câmara JR. (1981), refere-se a “uma classe natural de seres e objetos de cada um dos quais, tomado separadamente, recebe uma denominação particular”. Adicionalmente, segundo Pereira (2011, p. 198), “expressões genéricas como ‘gatos’, em ‘Gatos são mamíferos’, não são específicas porque se referem a uma classe e não a um membro”. Já as construções com referência coletiva estariam relacionadas a substantivos que se apresentam morfologicamente no singular, mas indicam pluralidade de seres (cf. JOTA, 1976, p. 66). Diferentemente de (18-20), em que o pronome ‘eles’ está associado a um antecedente expresso no contexto lingüístico, em (21) o pronome ‘eles’ ocupa a posição canônica de sujeito, mas não possui qualquer antecedente expresso visivelmente. A dimensão dessas questões será discutida juntamente com a apresentação dos resultados que se seguem.

A tabela, a seguir, mostra a frequência dos quatro tipos de construções impessoais. Para efeito de comparação foram incluídos os casos em que o pronome ‘eles’ aparece em construções com referência definida, isto é, seu antecedente possui referência definida e específica.

Tabela 1: Distribuição da variante ‘eles’ foneticamente realizado e ‘eles’ nulo, segundo o tipo de SN antecedente.

Var. Dep.	Definido		Genérico		Coletivo		Locativo		Indefinido		Total
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%	
Forma Plena	217	85	56	84	102	82	59	79	99	58	533
Forma Nula	38	14	10	15	22	17	15	20	70	41	155
Total	255		66		124		74		169		688

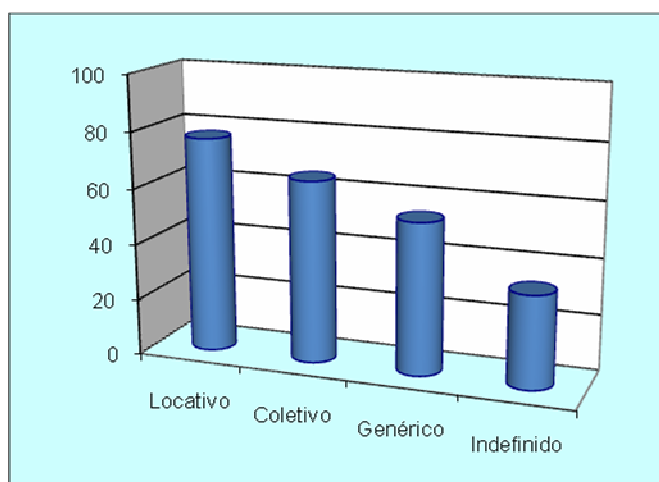
[Fonte: Banco de dados selecionados por Souza (2007)⁴⁹]

⁴⁹ Essa tabela foi construída a partir de dados selecionados por Souza (2007), mas que naquela ocasião não integraram sua dissertação de mestrado.

A distribuição das ocorrências conforme o tipo de referência mostra que o uso do pronome ‘eles’ pleno supera o uso da forma nulo em todos os contextos, entretanto, o mais surpreendente é notar que mesmo quando o pronome ocorre com referência [-definida], o pronome ‘eles’ ocupa a posição que era antes ocupada por um sujeito nulo. Outro resultado desta tabela é que o sujeito ‘eles’ foneticamente realizado alcança um percentual acima de 50%, em todos os tipos analisados na tabela, quer a construção seja canônica ou impessoal. Isso mostra que a mudança se encontra em estágio avançado na língua.

Os percentuais das realizações em que o verbo na terceira pessoa do plural é precedido de pronome ‘eles’ foneticamente realizado, no rol das construções impessoais, permitem traçar uma hierarquia que será mostrada a seguir. Vejamos os resultados.

Gráfico 1. Perfil das construções impessoais com o pronome ‘eles’ foneticamente realizado



[Fonte: Souza, 2007, p. 103 – adaptado]

Este gráfico mostra que o grupo dos SNs [+locativo] é o que mais favorece o preenchimento, i.e, a ocorrência de construções impessoais de 3ª. pessoa, plural, com

sujeito pleno; em seguida, tem-se o grupo dos antecedentes [+coletivo], seguido pelo grupo [+genérico] e do grupo [+indefinido]. Esse percurso da variante plena mostra que o pronome ‘eles’ está adquirindo a possibilidade de se referir a uma classe inteira de indivíduos, e também a uma classe inferida a partir de um item anteriormente expresso no texto e, mais ainda, a uma classe ou grupo inferido, ainda que nenhum item expresso no contexto linguístico possa ser apontado como seu antecedente.

(17) Locativo (.77) > Coletivo (.65) > Genérico (.54) > Indefinido (.33)

[Fonte: SOUZA, 2007, p. 90]

As investigações feitas sobre construções impessoais com verbo na terceira pessoa do plural com sujeito nulo ou foneticamente realizado vistas acima contribuem para formular uma hipótese sobre a própria noção de impessoalidade. Impessoalidade seria uma questão de grau e essa gradação se manifestaria morfologicamente.

Com essa hipótese em mente, passemos ao próximo capítulo. Nele buscaremos responder as três questões pendentes formuladas no início deste capítulo e reunir evidências a favor da hipótese formulada aqui.

CAPÍTULO 5

NOVO ESTUDO SOBRE O USO VARIÁVEL DO PRONOME ‘ELES’

Nesta nova etapa da pesquisa, elegemos como variável dependente a realização do pronome ‘eles’ como sujeito de construções impessoais. As variáveis independentes são a forma plena (eles) e a forma reduzida (es), como já o fez Corrêa (1998). Estamos, portanto, novamente diante do par ‘*eles>es*’, sendo a forma plena ‘eles’ a variante conservadora e a forma reduzida ‘es’ a variante inovadora. Nossa hipótese aqui é que o uso da variante inovadora revela um novo padrão no Português Brasileiro, qual seja: [3^a. p. pl + V sing]. Assumimos aqui que a alternância entre essas duas formas variantes constitui um fenômeno linguístico variável por apresentar propriedades que permitem defini-la como uma variação sociolinguística, já que as ambas as ocorrências podem ser encontradas nos mesmos ambientes linguísticos, qual seja, a posição de sujeito de construções impessoais, conforme mostram os exemplos a seguir.

- (1) Quando o Palácio das Artes fez 30 anos, eles fizeram uma revista. (DID. F)
- (2) Tem pinga com pitanga, com não sei o quê, com uva, com todos os sabores. Es dão o copinho pra você experimentar. (DID. F)

A presença destes tipos de ocorrências no *corpus* mostrou-se recorrente. Antes, porém, de analisar detalhadamente o conjunto das construções impessoais, fizemos um levantamento de todas as ocorrências das variantes plena e reduzida no *corpus*, a fim de se ter uma visão mais geral do fenômeno investigado. Vejamos a tabela a seguir.

Tabela 1. Distribuição das ocorrências do pronome ‘eles’ em suas formas plena e reduzida no *corpus*.

<i>Variantes</i>	<i>Nº. ocorrências/Total</i>	<i>%</i>
Eles pleno	293/433	67
Eles reduzido	140/433	32

A distribuição das ocorrências no *corpus* mostra que, em geral, a ocorrência da variante plena é praticamente duas vezes superior à ocorrência da variante reduzida. Entretanto, precisamos lembrar que estamos apresentando aqui a distribuição de formas plenas e reduzidas considerando todas as sentenças com o pronome ‘eles’ e não apenas as construções impessoais, ou seja, a tabela 1 inclui também a distribuição dos sujeitos de referência definida. Nossa expectativa é de que quando forem analisadas somente as construções ditas impessoais, vamos encontrar um quadro diferente, já que o índice percentual de redução do pronome ‘eles’ (32%) está em conformidade com resultados de outros estudos, como Corrêa (1998), por exemplo, que apresenta índices de reduções pronominais com sujeitos impessoais em torno de 30%. Vejamos como se deu a organização do *corpus*.

5.1 A seleção da amostra

Para a realização deste estudo, selecionamos uma amostra de fala composta por um conjunto de 18 entrevistas realizadas com informantes de Belo Horizonte. As diretrizes usadas na composição da amostra, assim como na seleção dos dados, seguem os princípios metodológicos da Sociolinguística Variacionista, também difundida como sociolinguística laboviana (cf. LABOV, 1972). A amostra apresenta a seguinte estratificação: 18

informantes do sexo feminino, divididos em 3 faixas etárias – jovens (15 – 29 anos) , adultos (30 - 45 anos) e velhos (46 à 76 anos); dois níveis de escolaridade - baixa escolaridade e alta escolaridade, ou seja, o primeiro reúne falantes que possuem apenas ensino fundamental, enquanto o segundo é formado por falantes que possuem ensino médio ou superior. Temos, o seguinte quadro da amostra estratificada.

Quadro 1: Estratificação da amostra⁵⁰

Informante	Código	Gênero do Informante	Faixa Etária	Escolaridade	Naturalidade
CAGM	E.7 – DID. 7F				Belo Horizonte
DSSB	E.8 – DID. 8F			Baixa	Belo Horizonte
KCS	E.9 – DID. 9F	Feminino	Jovens		Belo Horizonte
KGM	E.10 – DID. 10F				Belo Horizonte
FCS	E.11 – DID. 11F			Alta	Belo Horizonte
IDS	E.12 – DID. 12F				Belo Horizonte
GEG	E.19 – DID.19F				Belo Horizonte
RGS	E.20 – DID. 20F			Baixa	Belo Horizonte
DO	E.21 – DID. 21F	Feminino	Adultos		Belo Horizonte
AHGP	E.22 - DID. 22F				Belo Horizonte
WAR	E.23 – DID. 23F			Alta	Belo Horizonte
MFP	E.24 – DID. 24F				Belo Horizonte
SMG	E.31 – DID. 31F				Teófilo Otoni
FaCaS	E.32 – DID. 32F			Baixa	Belo Horizonte
ADSS	E.33 – DID. 33F	Feminino	Velhos		Belo Horizonte
ASAC	E.34 – DID. 34F				Belo Horizonte
SRFF	E.35 – DID. 35F			Alta	Belo Horizonte
SMS	E.36 – DID. 36F				Diamantina

⁵⁰ As entrevistas que compõem essa amostra foram gentilmente cedidas Leonardo Eustáquio Siqueira Araújo, Mestre em Estudos Linguísticos/UFMG e fazem parte do acervo do NuPeVar (Núcleo de Pesquisa em Variação), coordenado pela Dra. Jânia Ramos.

Como podemos observar, dentre todos os informantes entrevistados, apenas dois não são naturais de Belo Horizonte, mas isso não constituiu um problema, já que esses dois informantes residem na capital mineira desde a infância, o que não os distingue dos demais informantes em termos de vernáculo.

Outra informação importante, com relação à composição da amostra, é que a amostra é composta somente por mulheres. Diferentemente de Souza (2007), que analisou um conjunto de 36 entrevistas, sendo 18 informantes do gênero masculino e 18 do gênero feminino, no presente estudo, optou-se por analisar apenas o conjunto de 18 entrevistas realizadas com as mulheres. Essa escolha tem uma explicação. No estudo de Souza (2007), a variável dependente analisada apresentava duas formas de realização de sujeito indeterminado - a realização plena do pronome 'eles' *versus* a forma vazia de 3ª. pessoa, masculino, plural. Naquela ocasião, interessamo-nos por investigar a realização do pronome 'eles' pleno na posição de sujeito como variante inovadora no processo de indeterminação do sujeito *versus* o uso de 3ª. pessoa do plural, sem sujeito gramatical expresso, como forma conservadora. Entretanto, não era crucial detalhar se o pronome 'eles' era absolutamente pleno ou se era realizado de forma reduzida. O interesse principal era verificar se o pronome 'eles' indeterminador do sujeito podia ser tomado como uma estratégia de realização de sujeito pleno e se contribuía para o aumento de preenchimento da posição de sujeito identificado no Português Brasileiro - o que se confirmou. Um fato, porém, já naquela ocasião nos chamou a atenção: o fator gênero do informante não foi apontado como estatisticamente significativo, revelando que este fator não favorecia nem desfavorecia a ocorrência do pronome 'eles'. Por esse motivo e também pelo fato de o conjunto de entrevistas com os homens apresentar uma qualidade acústica ruim para a

identificação das ocorrências da forma reduzida do pronome, optamos por analisar apenas o conjunto de entrevistas realizado com as mulheres.

5.2 O levantamento dos dados e a montagem do *corpus*

Após a composição da amostra, fizemos o levantamento de dados. Como já foi mencionado anteriormente, primeiramente fizemos um levantamento de todas as sentenças com o pronome ‘eles’ na posição de sujeito. No total foram levantados 433 dados, sendo 293 ocorrências do ‘eles’ pleno (67%) e 140 ocorrências de ‘eles’ reduzido – a forma ‘es’ (32%). No decorrer da análise, apresentaremos um novo quadro de distribuição das formas plena e reduzida considerando somente as construções impessoais. É interessante observar que na amostra selecionada por Corrêa (1998) foram identificadas outras formas reduzidas do pronome ‘eles’, tais com ‘ez’, ‘ezi’, ‘eis’, o que não foi observado na amostra por nós selecionada. Esse fato é bastante interessante, pois pode ser indício de que a forma reduzida ‘es’ na atualidade nada tenha a ver com estigma, como parece apontar os resultados encontrados nesta pesquisa. Esse tipo de investigação, porém, merece ser mais aprofundada.

5.3 A escolha dos fatores linguísticos e sociais

A escolha dos fatores internos (linguísticos) e externos (extralinguísticos) deve sempre ocorrer em função do objeto de estudo. Sabemos que, de acordo os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1994, 2001), tanto os fatores internos quanto os fatores externos exercem papel crucial para o estudo de fenômenos em variação.

Em geral, as variações e mudanças que se observam nas línguas naturais sofrem interferência direta dos fatores sociais e linguísticos. Sendo assim, entender como a língua funciona é também entender como a sociedade que usa essa língua se organiza, uma vez que os fatores sociais condicionam o modo como cada comunidade linguística faz uso da língua. Em geral, diferentes grupos sociais apresentam comportamentos linguísticos distintos. Assim, compreender o papel de fatores externos como faixa etária do informante, grau de escolaridade, etc., contribui satisfatoriamente para que haja melhor compreensão dos fenômenos linguísticos.

5.3.1 Os fatores sociais

Como fatores extralinguísticos serão analisados apenas os dois fatores sociais nesta etapa da pesquisa: faixa etária dos informantes e grau de escolaridade. O fator gênero do informante não será investigado, conforme já esclarecemos. Na seção de análise de resultados, cada um destes fatores será discutido separadamente.

5.3.2 Os fatores linguísticos

A escolha dos fatores linguísticos deve acontecer em função dos objetivos do estudo. Sendo assim, elegemos como variáveis linguísticas os seguintes grupos de fatores.

1. Tipo de construção, impessoal e não impessoal

(3) a. Eles tão adequando o Estado.

b. Há professores que eles fazem questão de insistir.

2. Concordância verbal entre o pronome sujeito e o verbo: concorda e não concorda

(4) a. Então eles já trabalham assim.

b. Eles fala que te ama.

3. Contiguidade do pronome sujeito com o verbo: contíguo e não contíguo

- (5) a. Eles tão querendo mais é aproveitar.
- b. Eles só te mostram um tipo de apartamento.

4. Tipo de oração: matriz ou encaixada

- (6) a. Durante a audiência eles saem reconciliados.
- b. Houve casos em que eles foram pro exterior.

5. Tempo verbal: passado e não passado

- (7) a. Eles num deixavam de jeito nenhum.
- b. às vezes eles fazem coisa errada.

Cada um destes fatores linguísticos será discutido nas seções subsequentes e apresentaremos também uma análise detalhada dos fatores que foram apontados como estatisticamente significativos pelo Programa Golvarb 2001. Passamos adiante à discussão dos resultados.

5.4 Resultados

Primeiramente, fizemos uma rodada com todas as sentenças com o pronome sujeito ‘eles’, a partir da qual obtivemos os resultados que serão apresentados a seguir.

5.4.1 As variáveis linguísticas e extralinguísticas

Selecionamos para este estudo seis grupos de fatores linguísticos: (i) tipo de construção, se pessoal ou impessoal; (ii) concordância/ausência de concordância do verbo com o pronome sujeito ‘eles’; (iii) contiguidade do pronome sujeito com o verbo; (iv) tipo de oração, se

principal ou encaixada, (v) tempo verbal da sentença e (vi) traços de definitude e especificidade. Na primeira rodada, o fator linguístico ‘traço do referente’ não foi considerado. Como fatores extralinguísticos, selecionamos apenas dois grupos de fatores: (a) faixa etária do informante: velhos, adultos e jovens, e (b) nível de escolaridade do informante, i.e. se a pessoa possui apenas o ensino fundamental (baixa escolaridade), ou se o informante possui ensino médio ou formação superior (denominado alta escolaridade). Foram considerados estatisticamente significativos pelo Programa Estatístico *GOLDVARB* (2001) apenas os seguintes fatores:

1. Faixa etária do informante: velhos, adultos e jovens.
2. Nível de escolaridade do informante: ensino médio ou ensino superior.
3. Tipo de verbo: singular ou plural

Vamos, portanto, apresentar e discutir os resultados encontrados para cada um destes fatores. Em seguida, faremos algumas considerações sobre os fatores que não foram estatisticamente selecionados como significativos pelo Programa.

5.4.1.1 O fator externo: faixa etária do informante

De acordo com os princípios da Teoria da Variação, a análise do fator externo faixa etária do informante constitui uma tarefa importante para análises de fenômenos linguísticos. A partir de um estudo em tempo aparente é possível verificar se estamos diante de um fenômeno em variação estável ou se estamos diante de uma mudança em progresso na língua. De acordo com os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística

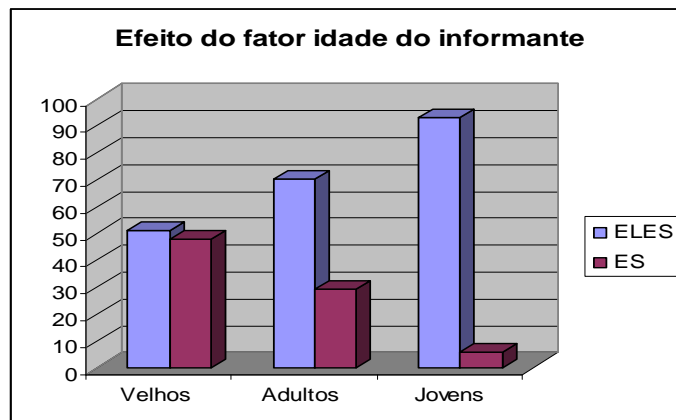
Variacionista (LABOV, 1972, 1994, 2001), quando encontramos percentuais de uso semelhantes da variante inovadora em detrimento da variante conservadora nas diferentes faixas etárias, estamos diante de uma variação estável na língua na língua. Por outro lado, índices mais altos na faixa etária dos jovens indicam uma mudança em progresso na língua. O perfil de variação estável mostra que pessoas de diferentes faixas etárias apresentam comportamento linguístico semelhante diante de um fenômeno linguístico. Já o perfil de mudança em progresso na língua apresenta distinção na fala de diferentes gerações, com maior percentual de uso da variante inovadora entre os jovens. Vejamos os percentuais de uso da variante inovadora nas diferentes faixas etárias analisadas.

Tabela 2. Efeito do fator faixa etária do informante para a variante inovadora – A forma reduzida ‘es’

Fator faixa etária	Nº. de ocorrências/ Total	Porcentagens	Pesos Relativos
Velhos	87/180	48%	.70
Adultos	47/160	29%	.44
Jovens	6/93	6%	.20
Total	140/433	-	-

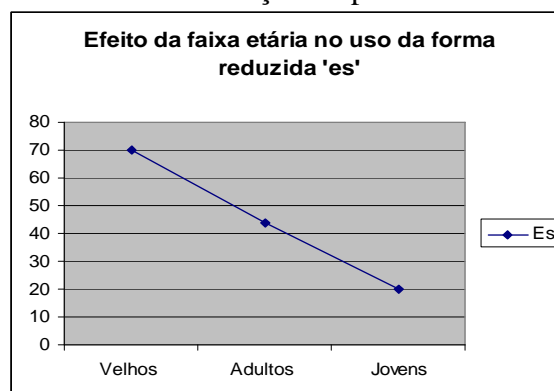
Conforme descrevemos no capítulo 2, o estudo em tempo aparente prediz que índices mais altos de uso da variante inovadora pela faixa etária dos jovens, decrescendo até atingir a faixa etária dos velhos indicam uma mudança em progresso na língua, enquanto o perfil inverso evidencia uma variação estável na língua. Vejamos o perfil encontrado para a variação ‘eles > es’ aqui investigada.

Gráfico 1. Efeito do fator faixa etária do informante



O gráfico mostra que a variante conservadora - a forma 'eles'-, apresenta índices mais baixos na faixa etária dos velhos e aumenta até atingir a faixa etária dos jovens, enquanto o uso da variante inovadora – a forma 'es', apresenta um comportamento exatamente contrário, sendo possível identificar menor percentual de uso da forma inovadora 'es' entre os jovens. Esse resultado revela que estamos diante de uma mudança em progresso na língua. Nossa expectativa, porém, é que esse resultado seja diferente quando analisarmos somente o conjunto das construções impessoais com o pronome 'eles'. Ao contrário do que imaginamos, o gráfico 1 apresenta um perfil descendente de uso da variante inovadora, mostrando que essa parece ser uma mudança que já se encontra consolidada na língua.

Gráfico 2. Efeito do fator faixa etária na redução do pronome 'eles'



Talvez uma questão importante que ainda permanece sem explicação diz respeito à **presença** *versus* a **ausência** de concordância entre o sujeito e o verbo nas construções com o pronome ‘eles’ ditas impessoais. Retomaremos essa questão adiante.

5.4.1.2 O fator externo: nível de escolaridade do informante

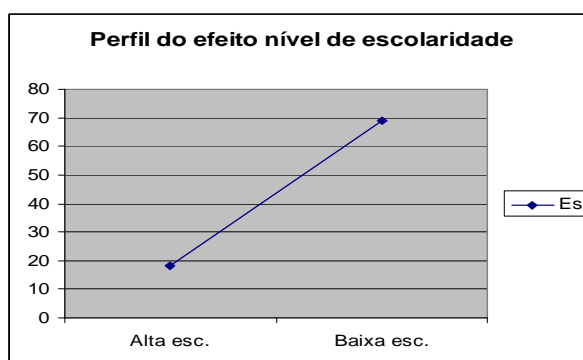
Outro fator externo que se mostrou estatisticamente significativo foi o nível de escolaridade.

Tabela 3. Efeito do fator escolaridade no uso da forma reduzida ‘es’

Fator externo: escolaridade	Nº. de ocorrências/ Total	Porcentagens	Pesos Relativos
Baixa Esc.	124/278	44%	.69
Alta Esc.	16/155	10%	.18
Total	140/433	-	-

De acordo com a tabela apresentada, o nível de escolaridade mais baixo favorece a ocorrência da forma reduzida ‘es’. Os pesos relativos de .69 e .18, para baixa escolaridade e alta escolaridade, respectivamente, mostram que os informantes com alta escolaridade tendem a usar a variante conservadora, enquanto os informantes com baixa escolaridade tendem a usar a variante inovadora – a forma reduzida ‘es’. Tal resultado é, de certa forma, uma surpresa. Esperávamos encontrar resultados semelhantes para ambos os níveis de escolaridade. Intuitivamente, tínhamos em mente a suposição de que a ocorrência da forma ‘es’ não parecia estar condicionada pelo fator nível de escolaridade. Adicionalmente, tal resultado mostrou que, embora bastante recorrente na fala, a forma ‘es’ parece ser estigmatizada. Vejamos o perfil do efeito do fator escolaridade no uso da forma reduzida ‘es’.

Gráfico 3. Efeito do fator escolaridade no uso da forma ‘es’



O gráfico mostra uma curva altamente ascendente para o uso da forma reduzida ‘es’ pelos informantes que possuem baixa escolaridade, mostrando ser esse um forte fator condicionador na escolha da variante plena ou reduzida. O gráfico mostra que o nível de escolaridade interfere na escolha que o falante faz ao usar a forma plena ou reduzida do pronome ‘eles’, entretanto, como já mencionamos no capítulo anterior não estamos certos de a forma ‘es’ é estigmatizada, provavelmente só a análise do fator escolaridade do informante não é suficiente para informar sobre o grau de estigma atribuído ao uso de ‘es’ no PB.

5.4.1.3 O fator interno: concordância verbal

Por fim, dentre todos os fatores internos verificados, apenas o fator interno ‘concordância verbal’ foi selecionado como estatisticamente significativo pelo programa estatístico. Surpreendentemente, a concordância do pronome fraco ‘es’ com verbo no plural não constitui o padrão preferido pelos falantes do PB. Vejamos o resultado para a concordância verbal.

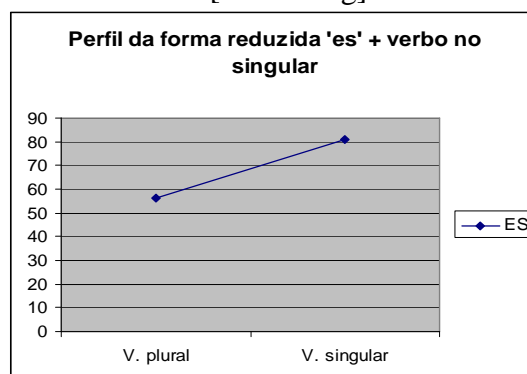
Tabela 4. Efeito do tipo de verbo no uso da forma reduzida ‘es’

Tipo de verbo	Nº. de ocorrências/ Total	Porcentagens	Pesos Relativos
Singular	84/103	81%	.91
Plural	56/330	16%	.31
Total	140/433	-	-

Veamos que os pesos relativos encontrados – .91 quando o verbo está no singular e .31 quando o verbo é plural -, mostram claramente que o pronome fraco ‘es’ ocorre preferencialmente com o verbo no singular.

O padrão depreendido a partir dos resultados mostrados na tabela 4 sugere que a simplificação do paradigma flexional parece se confirmar, isto é, provavelmente o que permite ao pronome de 2ª. pessoa tomar pra si a concordância de 3ª. pessoa, singular, parece afetar não só a relação dos pronomes de 2ª. pessoa + verbo de 3ª. pessoa. O perfil encontrado para a segunda pessoa também se aplica à 3ª. pessoa do plural. Os resultados confirmam nossa expectativa, já que a forma reduzida ‘es’, um pronome de 3ª. pessoa ocorre preferencialmente com verbo no singular. Esse resultado é muito significativo para a análise da redução ‘eles > es’, pois mostra que a redução do pronome ‘eles’ parece favorecer fortemente a ocorrência do verbo no singular, mostrando assim um avanço na simplificação do paradigma flexional no PB, além de atestar seu caráter impessoal. Veamos o perfil encontrado.

Gráfico 4. Perfil da forma reduzida
[es + V sing]



O perfil apresentado acima traz evidências que parecem confirmar que a reorganização do sistema pronominal está diretamente relacionada à simplificação do paradigma flexional no PB. Adicionalmente, o perfil que acabamos de mostrar abre espaço para discutir mais a fundo a questão da presença *versus* a ausência de concordância do pronome sujeito [eles' + verbo]. A tabela a seguir mostra os resultados de concordância verbal de [eles + verbo].

Tabela 5. Perfil de concordância verbal do pronome sujeito 'eles' + verbo

Tipo de estrutura	Pronome Pleno – Eles			Pronome Reduzido – Es		
	Nº./Total	%	PR	Nº./Total	%	PR
Suj. + V plural	274/330	83%	.68	56/330	16%	.31
Suj. + V singular	19/103	18%	.08	84/103	81%	.91
Total	293/433	-	-	140/433	-	-

Os resultados da tabela 5 são surpreendentes. Observa-se que a estrutura do tipo [Sujeito + Vpl] ocorre preferencialmente quando o pronome 'eles' é pleno, mas quando a estrutura é do tipo [Sujeito + Vsing], o pronome é preferencialmente reduzido. Os resultados em pesos relativos mostram isso claramente, temos .68 quando a estrutura é do tipo [Eles + Vpl] e

peso relativo de .91 quando a estrutura é do tipo [Es + V sing]. Conclui-se então que quando o pronome ‘eles’ é pleno, há concordância do sujeito com o verbo, por outro lado, quando o pronome ‘eles’ é reduzido, o verbo permanece no singular, i.e., a ocorrência da forma reduzida ‘es’ favorece significativamente a ausência de concordância entre o pronome fraco e o verbo. Os resultados em pesos relativos corroboram nossa hipótese de que o pronome fraco favorece a ocorrência de verbo no singular. Veja-se que a ocorrência de estrutura [Eles + V sing] é muito baixa - .08, enquanto a ocorrência de estrutura [Es + Vsing] é praticamente categórica - .91.

5.5 Primeiras conclusões

Inicialmente, embora nosso objeto de investigação trate aqui das construções impessoais, uma análise incluindo as construções não impessoais com o pronome ‘eles’ mostrou-se importante para maior compreensão do fenômeno em estudo. Os resultados mostram que possivelmente estamos diante de um novo padrão de concordância no PB que se estabelece a partir do caráter impessoal do pronome ‘eles’, principalmente em sua forma reduzida ‘es’ e mais uma vez somos levados a pensar que a marca /s/ em ‘es’, resultante da ressilabificação eles > e(le)s > es, não marca pluralidade simplesmente. Possivelmente o /S/ marca muito mais um traço especificidade do que de pluralidade propriamente.

Por outro lado, fomos surpreendidos ao perceber que o fator nível de escolaridade favorece a ocorrência do pronome reduzido, o que não esperávamos, pois não atribuímos ao fenômeno estigma social, portanto, faz-se necessário investigar esse fator mais detalhadamente. Nas seções subsequentes, serão apresentados os resultados da análise

somente das construções impessoais. Nossa expectativa é de que os resultados encontrados nos levem a conclusões mais contundentes.

5.6 Análise de ‘es’ em construções impessoais

Para esta segunda etapa da análise selecionamos apenas as ocorrências do pronome ‘eles’ em sua forma plena e reduzida em construções impessoais. Inicialmente, faremos a apresentação da variável dependente, assim como a distribuição das ocorrências no *corpus*. Dentre os fatores analisados na etapa anterior, acrescenta-se apenas o fator referencialidade do NP que antecede o pronome ‘eles’. Recapitulando, os demais fatores investigados são, portanto, os mesmos da análise preliminar, quais sejam: idade, escolaridade, concordância verbal, contiguidade do pronome com o verbo, tipo de oração – se matriz ou encaixada, tempo verbal – se passado ou não-passado. Nesta etapa de investigação, buscamos verificar se nossa hipótese de que a redução do pronome ‘eles’ está intimamente relacionada à impessoalização do sujeito no Português Brasileiro se confirma. Adicionalmente, buscaremos confirmar se a redução do pronome ‘eles’ leva ao enfraquecimento do verbo, i.e., se a ocorrência do pronome fraco ‘es’ engatilha concordância com o verbo no singular.

5.6.1 A variável dependente

A variável dependente são as construções impessoais com o pronome ‘eles’ cujas formas variantes são as formas plena e reduzida do pronome ‘eles’, i.e., o par ‘eles > es’. Vejamos a distribuição das ocorrências no *corpus* investigado, agora sem os sujeitos com referência definida.

Tabela 6. Distribuição das ocorrências do pronome ‘eles’ em suas formas plena e reduzida, em construções impessoais

<i>Variantes</i>	<i>Nº. ocorrências/Total</i>	<i>%</i>
Eles pleno	142/208	68
Eles reduzido	66/208	31

Observando a distribuição das ocorrências no *corpus*, verifica-se que o percentual de ocorrências da forma reduzida ‘es’ – 31%, encontra-se em conformidade com os índices de redução apresentados por outros autores, tais como Corrêa (1998), Ramos (2006), entre outros. Em princípio, o número total de dados da forma reduzida ‘es’ pode parecer ser pequeno e pouco relevante, entretanto, os resultados da análise quantitativa mostraram-se estatisticamente significativos. Dentre os grupos de fatores analisados, o programa *GOLDVARB 2001* selecionou como estatisticamente significativo quase todos os fatores, tendo sido excluído apenas o fator contigüidade entre o sujeito e o verbo. A não seleção do fator contigüidade do sujeito com o verbo pelo programa estatístico pode ser uma pista de que a redução do pronome ‘eles’ é condicionada por fatores sintáticos e não por fatores fonético-fonológicos simplesmente, pois, em geral, casos de variação no nível fonológico apresentam significância com relação ao fator contigüidade. Vejamos os resultados dos fatores selecionados.

5.6.1.1 Fatores extralinguísticos

5.6.1.1.1 O fator faixa etária do informante

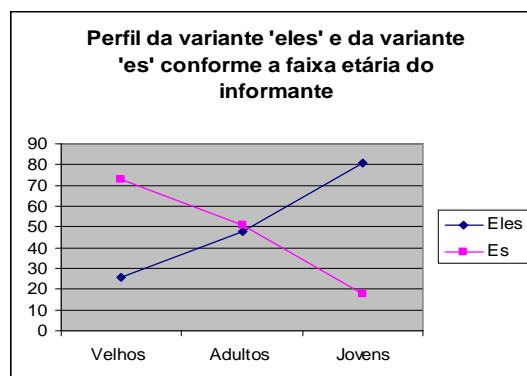
Os resultados encontrados para o efeito da faixa etária do informante mostram que, de fato, não estamos diante de uma mudança em progresso na língua, como mostra a tabela 7.

Tabela 7. Efeito do fator idade para a ocorrência de construções impessoais com o pronome ‘eles > es’

Fator idade do informante	Pronome Pleno – Eles			Pronome Reduzido – Es		
	Nº./Total	%	PR	Nº./Total	%	PR
Velhos	28/59	47	.26	31/59	52	.73
Adultos	71/103	68	.48	32/103	31	.51
Jovens	43/46	93	.81	3/46	6	.18
Total	142/208	-	-	66/208	-	-

Encontramos aqui um perfil muito interessante quando observamos os resultados em pesos relativos. Temos, de um lado, um perfil de mudança em progresso quando o pronome é pleno e um perfil de variação estável quando o pronome é reduzido. Embora um pouco obscuro, é possível depreender o perfil para a ocorrência do pronome ‘eles’ em construções impessoais.

Gráfico 5. Perfil da variação ‘eles/es’ conforme a faixa etária do informante



O gráfico mostra que os jovens preferem a variante ‘eles’ pleno, enquanto os velhos preferem a variante reduzida ‘es’. É interessante notar que os adultos parecem usar tanto uma forma quanto a outra sem revelar preferência significativa por uma variante ou outra. Esse comportamento possivelmente está relacionado ao grau de atenção que os adultos têm com a própria linguagem. Esses resultados mostram que os adultos de fato fazem parte da faixa etária que revela ter maior controle da própria linguagem, principalmente quando se encontra diante de uma variante que não se sabe ao certo seu grau de estigma.

5.6.1.1.2 O fator escolaridade do informante

Outra vez o fator escolaridade do informante mostrou-se estatisticamente significativo. Os resultados em pesos relativos de .77 e .13, respectivamente, mostram que o falante com baixa escolaridade está mais suscetível ao uso do pronome reduzido ‘es’, enquanto os informantes com alta escolaridade preferem usar a variante plena. Estão confirmados, portanto, os perfis de uso da variante inovadora conforme a faixa etária do informante e também conforme o nível de escolaridade.

5.6.2 Os fatores linguísticos

5.6.2.1 O fator concordância entre o pronome e o verbo

A análise das construções impessoais deixa claro que a redução do pronome ‘eles’ favorece significativamente a ocorrência da estrutura [pronome sujeito + verbo singular]. O peso relativo de .97, quando a redução ocorre com verbo no singular, confirma nossa hipótese de que o pronome fraco, i.e., a forma reduzido ‘es’ favorece a ausência de concordância entre o pronome sujeito e o verbo. Estamos convencidos de que o pronome ‘es’, em construções impessoais, possui um conjunto de traços muito mais subespecificado do que normalmente se supõe, ou seja, há diferentes arranjos de traços, o que permite supor uma tipologia que se estrutura gradualmente a partir da combinação dos traços [-definido] e [-específico] e [+definido] e [+específico], podendo apresentar arranjos que se diferem uns dos outros.

5.6.2.2 O fator tipo de oração

Segundo os princípios da Teoria da Variação, as mudanças atingem primeiro as orações principais, avançando, em seguida, para o contexto das orações encaixadas. Quando encontramos percentuais mais altos de ocorrência da variante inovadora nas orações encaixadas significa que estamos diante de uma mudança em estágio avançado na língua. É interessante observar que os resultados encontrados para o fator “tipo de oração” se aproximam de outros resultados encontrados para o fator “faixa etária do informante”. Temos aqui um percentual mais alto de ocorrência da variante inovadora ‘es’ nas orações encaixadas - .67, já as orações matrizes apresentam o peso relativo de .40. Portanto, o perfil de mudança em progresso se confirma mais uma vez. Tanto o resultado do fator

idade do informante quanto do tipo de oração, se matriz ou encaixada, convergem para o mesmo tipo de interpretação da concorrência ‘eles > es’, ou seja, não há dúvidas de que o fenômeno aqui analisado revela uma mudança em progresso na língua. Ademais, estamos diante de uma mudança em estágio bastante avançado no PB, quiçá consolidado no dialeto mineiro.

5.6.2.3 O fator tempo verbal da sentença

Os resultados encontrados para o condicionamento do tempo verbal da sentença mostraram que o tempo passado favorece a ocorrência da forma reduzida do pronome ‘eles’. Os pesos relativos de .66 quando o tempo é passado e .34 quando o tempo é não passado revela que a redução pronominal ‘es’ busca, de certa forma, seu ancoramento no discurso através do tempo passado.

5.6.2.4 O fator referencialidade do antecedente

Para analisar a referencialidade do antecedente que ocorre com o pronome ‘eles’, propomos uma distinção dos antecedentes em termos de diferentes arranjos de traços de definitude e especificidade. Inicialmente, teríamos quatro arranjos de traços distintos, levando em conta a referência do sujeito discutida por Souza (2007).

Vejamos como ficam os arranjos de traços.

- a) [+específico] [+definido]
- b) [+específico] [-definido]
- c) [-específico] [+definido]
- d) [-específico] [-definido]

Nesta etapa de análise dos dados, porém, excluimos todas as sentenças não impessoais, o que automaticamente exclui o arranjo do tipo (a). Adotamos de agora em diante, para a análise das construções impessoais somente os arranjos previstos nas opções (b-d). Em outras palavras, estamos propondo uma reorganização da tipologia de referencialidade do antecedente apresentada por Souza (2007), que previa a seguinte escala de referencialidade do antecedente:

(3) locativo > coletivo > genérico > indefinido

[SOUZA, 2007: 103]

A atual tipologia, reorganizada em termos de traços, é capaz de sanar uma dificuldade comumente encontrada quando formulamos a tipologia apresentada em (3), que se baseava muito mais nas condições semânticas do NP antecedente do que nas condições sintáticas do referente. Havia certa dificuldade de distinguir NP coletivo de NP genérico. Temos, portanto, a seguinte reorganização da tipologia em (3):

(b') NP locativo ↔ [+específico] [-definido]

(c') NP coletivo e NP genérico ↔ [-específico][+definido]

(d') NP indefinido ↔ [-específico][-definido]

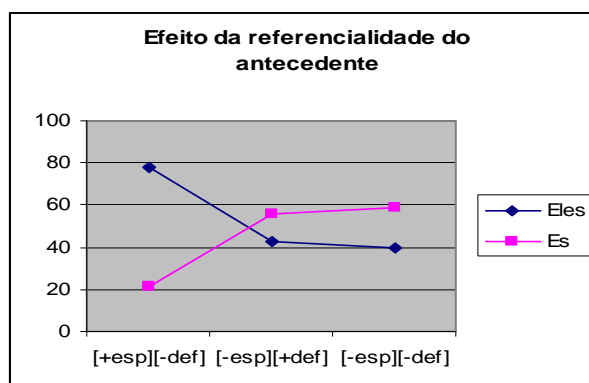
Acreditamos que a tipologia de traços nos permitirá uma análise mais refinada dos dados. Vejamos, a seguir, a distribuição dos dados conforme o tipo de referencialidade do antecedente.

Tabela 8: Distribuição das construções impessoais conforme a referencialidade do antecedente

Referencialidade	Pronome Pleno – Eles			Pronome Reduzido – Es		
	Nº./Total	%	PR	Nº./Total	%	PR
[+espec] [-def]	33/43	76%	.78	10/43	23%	.21
[-espec] [+def]	56/83	67%	.43	27/83	32%	.56
[-espec] [-def]	53/82	64%	.40	29/82	35%	.59
Total	142/208	68%	-	66/208	31%	-

Veja-se que a redução do pronome 'eles' é fortemente condicionada pela referencialidade do antecedente. Quanto mais subespecificados são os traços de definitude e de especificidade, maior é o percentual de ocorrência do pronome reduzido 'es', ou seja, o arranjo [-específico] [-definido] é o que mais favorece a redução do pronome. E é também o arranjo que evidencia o mais alto grau de impessoalidade do sujeito. O gráfico 6 mostra isso claramente.

Gráfico 6. Efeito da referencialidade do antecedente



O perfil encontrado confirma a hipótese de que a redução do pronome 'eles' é condicionada pela referencialidade do antecedente. Essa constatação traz evidências de que a pronome fraco 'es' é capaz de recuperar NPs distintos, seja um NP sintaticamente singular ou feminino, não exatamente por ser um pronome plural (default) de gênero não marcado, mas por carregar diferentes arranjos de traços de especificidade e definitude.

5.7 Conclusões

Neste capítulo, procuramos descrever e analisar o comportamento das construções impessoais com o pronome 'eles', buscando correlacionar o processo de redução 'eles>es' e o fenômeno de impessoalização do sujeito no Português Brasileiro.

Vimos neste capítulo que, em geral, a redução fonológica é um termo genérico que abrange vários processos, caracterizados pela queda de um ou mais segmentos. Vimos também que o processo de redução do pronome '*ele>es*' pode ser tratado como um processo de redução silábica atípico, já que a queda da sílaba final engatilha um processo de ressilabificação, ou seja, primeiro perde-se a sílaba /LE/, e depois a marca /S/ de plural se junta à sílaba inicial /E/, formando uma nova sílaba - /ES/, sendo possível enxergar o percurso das etapas

envolvidas neste processo: *eles* > *e(les)* > *es*, cujo /es/, sendo ‘es’ uma forma átona, i. e. um pronome fraco.

A análise preliminar dos resultados mostrou-se importante, mesmo tendo sido consideradas nesta etapa as construções não impessoais, pois ofereceu os primeiros resultados de que a redução do pronome ‘eles’ seria um desdobramento de uma mudança em progresso na língua, qual seja, o preenchimento da posição sujeito pelo pronome ‘eles’. Foi ainda nesta etapa da pesquisa que encontramos as primeiras evidências de que a redução do pronome ‘eles’ favorece a ausência de concordância entre o pronome sujeito e o verbo, levando-nos a pensar que provavelmente isso ocorre porque o pronome fraco ‘es’, resultante de um processo de ressilabificação da redução do ‘eles’ mantém a marca /S/ não apenas para marcar pluralidade, mas, possivelmente para marcar especificidade e definitude.

Por fim, para a análise das construções impessoais propriamente ditas, propusemos uma reorganização da tipologia de referencialidade do antecedente, formulada por Souza (2007), que previa uma escala de referencialidade baseada em critérios semânticos, ou seja, uma escala com referência Locativa > Coletiva > Genérica > Indefinida. Diferentemente, propusemos aqui uma tipologia constituída a partir de arranjos distintos de traços sintáticos de especificidade e definitude do referente.

Com base nessa tipologia, foi possível chegar à conclusão de que a redução do pronome ‘eles’ é fortemente condicionada pela referencialidade do antecedente. Os resultados mostraram que quanto mais o pronome ‘eles’ é subespecificado para os traços de especificidade e definitude, ou seja, [-específico] [-definido] maior é o índice percentual de

redução do pronome ‘eles’. Esse resultado confirma nossa hipótese de que a redução do pronome ‘eles’ está diretamente relacionada à impessoalização do sujeito no Português Brasileiro. Outra constatação importante é que a redução do pronome ‘eles’ favorece a ausência de concordância entre o pronome sujeito e o verbo.

CAPÍTULO 6

IMPESSOALIDADE COMO GRADAÇÃO

Este capítulo trata da impessoalização como gradação. A partir dos resultados quantitativos analisados exhaustivamente nos dois últimos capítulos, vamos propor que o processo de preenchimento de sujeito obedece a uma escala de impessoalidade, que pode ser expressa da seguinte forma: [-impessoal >...> + impessoal]. Estaremos assim detalhando o espaço em que se inserem os pronomes de terceira pessoa na escala de referencialidade proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000).

6.1 Comparando resultados

Fazendo uma retrospectiva dos trabalhos abordados nesta tese, foi possível verificar os seguintes resultados em relação ao uso variável do pronome ‘eles’ em construções impessoais. Repetiremos, a seguir, três tabelas para efeito de clareza.

Tabela 1: Preenchimento de sujeito de referência arbitrária em cinco períodos e tempo

	Período I	Período II	Período III	Período IV	Período V
	1848-1869	1891-1910	1935-1942	1964-1968	1996-1998
Eles	5%	17%	2%	7%	9%

[Fonte: CAVALCANTE, 1999, p. 66 - adaptado)

Tabela 2. Distribuição das estratégias de indeterminação com formas verbais finitas em cinco amostras de fala

	Almeida (1992)	Cunha (1993)	Duarte (1995)	Cavalcante (1999)
A gente	34%	23%	13%	37%
Você	26%	48%	44%-	4%
Eles	22%	-	16%	8%
Nós	9%	29%	2%	32%
Se	4%	-	8%	2%
Zero	5%	-	17%	17%

[Fonte: CAVALCANTE, 1999: 25 – adaptado]

Tabela 3. Preenchimento de ‘eles’ conforme a referência do sujeito

	Definido	Locativo	Coletivo	Genérico	Indefinido
Eles	93%	90%	84%	75%	64%

[Fonte: SOUZA, 2007, p 89. - adaptado]

Vejam os o que a comparação desses resultados revela. Diferentemente das duas primeiras tabelas, a terceira tabela apresenta as ocorrências subdivididas em classes. É apenas na terceira tabela que se obtém um padrão: veja-se que há uma diferença significativa entre definido (pessoal) e indefinido (impessoal): 93% para 64%. Outro resultado dessa tabela é a hierarquia em relação ao preenchimento. Veja-se que a classe dos definidos (pessoal) é sem dúvida o contexto que mais favorece o preenchimento da posição de sujeito de 3ª. pessoa. Esse resultado está em conformidade com outros estudos realizados (cf. ALMEIDA, 1992; CUNHA, 1993; DUARTE, 1993, 1995), entre outros, que comprovam que o aumento de preenchimento do sujeito atingiu primeiro a classe dos sujeitos com referência definida. Duarte (1993, 1995) encontra índices significativos de preenchimento de sujeito, principalmente de 1ª. e 2ª. pessoas, apesar de atribuir à 3ª. pessoa um preenchimento menos expressivo. Outros estudos, (cf. CORRÊA, 1998; CAVALCANTE, 1999; SOUZA, 2007, VARGAS, 2010) analisam a representação de sujeitos arbitrários e

confirmam a tendência de aumento de preenchimento de sujeito com referência também arbitrária. Falta, porém um detalhamento do que se convencionou chamar de classe de sujeitos ‘arbitrários’. Defendemos que há gradação nos grupo dos sujeitos não definidos (impessoal), como apontam os resultados apresentados até aqui. Veja-se que no estudo de Souza (2007), essa gradualidade já aparecia, porém, de forma menos clara, ou seja, verifica-se uma gradação que atinge regressivamente as classes dos locativos - 90%, coletivos – 86%, genéricos – 75% e indefinidos – 64%, com índices que variam entre 4% e 11%. Veja-se, por fim, que o resultado mais expressivo pode ser observado na classe dos indefinidos (impessoal): 64%. Esses resultados parecem confirmar nossa hipótese de que a impessoalidade deve ser tratada como uma classe que apresenta distribuição não homogênea. Os resultados em pesos relativos permitem avaliar quais diferenças são, de fato, significativas e quais não são. Retomemos a tabela 3, acrescentando os pesos relativos.

Tabela 4. Preenchimento de ‘eles’ conforme a referência do sujeito - Resultados em pesos relativos

	Locativo	Genérico	Genérico	Indefinido
Eles	.77	.65	.54	.33

[Fonte: SOUZA, 2007, p. 90 - adaptado)

Não há como negar a gradação na classe de sujeito de 3^a. pessoa com referência arbitrária. A hierarquia apresentada pode ser interpretada, a nosso ver, como uma forte evidência de que há diferentes graus de impessoalidade. Os chamados indefinidos ocupariam o grau mais alto, seguido pela classe dos genéricos, coletivos e locativos, segundo a descrição de Souza (2007). Veja-se que temos aqui apenas sujeitos referenciais. O próximo grau nessa escala seria ocupado pelos sujeitos não referenciais, como propõe Duarte (2003), mas seria

um espaço que ultrapassa os limites da referencialidade, ou seja, teríamos um preenchimento por itens expletivos. Entretanto, como se sabe, não temos itens expletivos no PB, tais como ‘it’, no inglês, e ‘il’, no francês, pelo menos por enquanto. A presença de expletivo no PB levaria ao acréscimo de uma coluna na tabela 4, o que resultaria a tabela 5, a seguir.

Tabela 5. Perfil da impessoalidade como gradação

	+Ref	+Ref	+Ref	+Ref	-Ref
	Locativo	Coletivo	Genérico	Indefinido	
Eles	.77	.65	.54	.33	-

Estamos interpretando a frequência de preenchimento de sujeito como manifestação morfossintática de graus de impessoalidade. Para isso é necessário tentar “traduzir” os rótulos das classes ao formato de traços. Retomemos a definição de cada rótulo, acompanhando-a de um exemplo e de uma paráfrase.

As ocorrências identificadas como “locativo” são aquelas em que o pronome ‘eles’ teve sua referência inferida através da delimitação de grupo não específico, a partir de um lugar. Haveria então na categoria “D” (determiner) do pronome ‘eles’ um componente dêítico, geralmente associado a pessoa⁵¹ (Cf. BIANCHI, 2001). Os dados a seguir ilustram a presença de um NP locativo.

- (1) a. Na Bahia, **eles** num temperam feijão. (SOUZA, 2007, p. 32)
 b. Na Bahia, não se tempera feijão.

⁵¹ “Só uma estrutura que contém o traço [+finito] licencia Pessoa . Pessoa caracteriza os participantes do evento narrado com referência aos participantes do evento de fala (Jackobson, 1971: 134); a 3ª.p. denota o conjunto complementar; qualquer outro ou qualquer outra coisa. Pessoa é o centro da dêixis, e contém: falante/destinatário/coordenadas espaço-temporais (cf. BIANCHI, 2001) - On finiteness as logophoric *Anchoring*.”

As ocorrências identificadas como “coletivo” seriam definidas como aquelas que contêm um traço distintivo da categoria Número, que indica a representação de um grupo de entidades isoláveis, consideradas como um todo (Du Bois 1995, p.166), mas não individualmente identificável.

- (2) a. Esse povo de antigamente, **eles** eram severos demais. (SOUZA, 2007, p. 113)
- b. Esse povo de antigamente, era-se severo demais.

As ocorrências identificadas como “genérico” seriam aquelas em que o pronome ‘eles’ pode ser visto como um quantificador universal.

- (3) a. Universitário num qué ganhá pouco **ês** qué ganhá muito. (SOUZA, 2007, p. 115)
- b. Universitário não quer ganhar pouco, quer ganhar muito.

As ocorrências identificadas como “indefinido” são aquelas em que o item ‘eles’ tem como referente “alguém não familiar ou não identificável pelo ouvinte” (LYONS, 1977, p. 57), ou segundo Christopher Lyons (1999, p. 2) *in the case of an indefinite noun phrase the speaker may be aware of what is being referred to and the hearer probably not.*⁵²

- (4) a. **Eles** falam que amizade de boteco não vale nada. (SOUZA, 2007, p. 68)
- b. Falam que amizade de boteco não vale nada.
- c. Fala-se que amizade de boteco não vale nada.

⁵² Nestes casos o falante sabe qual é o referente, mas o ouvinte provavelmente não sabe.

Um traço comum a todos os casos, exceto ao último é a não especificidade, isto é, *o referente não é identificável pelo falante* (Lyons, 1999, p. 2). Ao que se refere à última classe, a referência pode ser específica ou não.

Tais argumentos justificam, a nosso ver, a “tradução” das classes de construções impessoais em termos de traços, chegando-se assim a uma nova tipologia das construções impessoais de 3ª pessoa do plural no PB.

Quadro 1. Tipologia dos impessoais em termos de traços

(b') NP locativo ↔ [+específico] [-definido]

(c') NP coletivo e NP genérico ↔ [-específico][+definido]

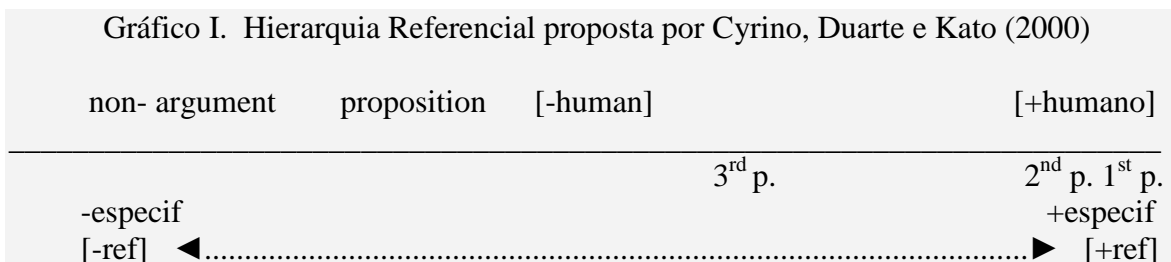
(d') NP indefinido ↔ [-específico][-definido]

Temos, portanto, uma nova tipologia das construções impessoais de 3ª. pessoa agora traduzida em termos de traços. Essa nova tipologia da impessoalidade como gradação exige de nós refletir a respeito da hierarquia de referencialidade de sujeitos visíveis em PB, proposta por Kato, Duarte e Cyrino (2000) de modo a inserir nesta hierarquia as construções impessoais de 3ª pessoa do plural. Este será o nosso próximo passo.

6.2 Escala de referencialidade

De acordo com Cyrino, Duarte e Kato (2000), argumentos [+N, + humano] ocupam uma posição mais alta na hierarquia referencial, enquanto os pronomes de 3ª pessoa, que se referem a uma proposição, ocupam uma posição mais baixa na hierarquia, como pode ser visto no gráfico a seguir.

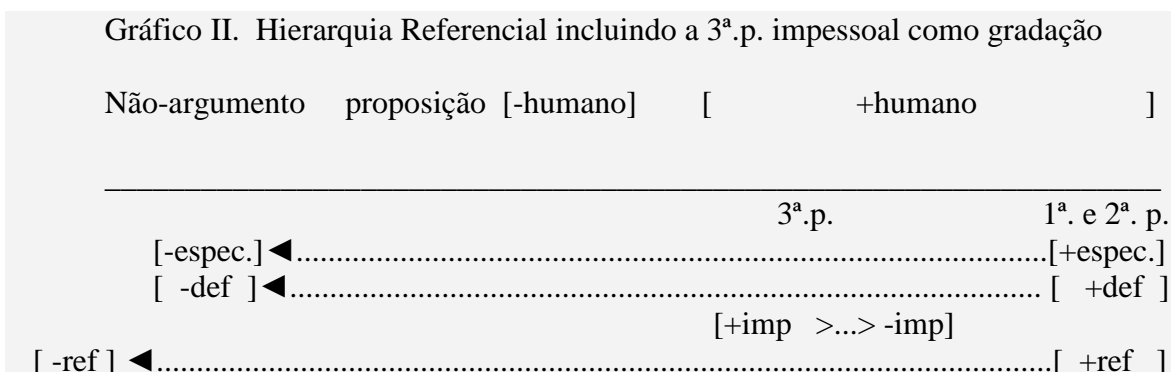
Gráfico I. Hierarquia Referencial proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000)



[Fonte: CYRINO, KATO & DUARTE, 2000, p. 59]

Nota-se, entretanto, que na hierarquia acima os elementos [-especif] e [-ref] ocupam uma posição semelhante. É importante observar que elementos [-ref] são elementos expletivos e, portanto, não deveria ocupar a mesma posição de elementos referenciais. O mais adequado é que a categoria [-ref] ocupe uma posição mais baixa na hierarquia para evitar interpretações inadequadas. Observa-se na verdade uma fronteira entre os elementos [=ref] e [-ref]. Souza (2007) já havia atentado para este fato, mas não chegou a propor uma hierarquia que colocasse em evidência a fronteira que existe entre elementos referenciais, de um lado, e elementos não referenciais, de outro lado. Vejamos então uma nova proposta de hierarquia referencial que coloca em evidência a inserção não somente da classe de expletivos, mas insere também a classe dos impessoais de 3^a. pessoa com sua devida gradação. Vejamos essa nova proposta de hierarquia.

Gráfico II. Hierarquia Referencial incluindo a 3^a.p. impessoal como gradação



Retomando as colocações de Duarte expostas no capítulo 1 sobre o avanço de preenchimento da posição sujeito no PB, poderíamos dizer que o pronome ‘eles’ caminha na direção de se tornar um item expletivo na língua, entretanto, nossos resultados mostram que sua ocorrência como sujeito arbitrário não ultrapassou ainda a fronteira que delimita os sujeitos referencias, de um lado, e os sujeitos não referenciais, de outro. Quando observamos a hierarquia de referencialidade com o detalhamento da inserção do pronome ‘eles’, percebemos que existe um *continuum* que vai do + específico para o – específico, do + definido para o – definido e, por fim, do + referencial para o – referencial. Esse contínuo corrobora a inserção do pronome ‘eles’ arbitrário na hierarquia de referencialidade como gradação.

6.3 Considerações sobre o capítulo

Neste capítulo, procuramos descrever e analisar o comportamento das construções impessoais e demonstrar que o reconhecimento da heterogeneidade de classes sob a denominação de “sujeitos de referência arbitrária” levaria a resultados metodologicamente mais adequados. Este capítulo mostrou é possível inserir na hierarquia de referencialidade de Cyrino, Duarte e Kato (2000), as construções impessoais de 3pl, com sua devida gradação, sendo possível fazer uma releitura dessa hierarquia, propondo a inserção ainda da classe de sujeitos [-ref] no nível abaixo dos sujeitos [+ref] para deixar claro a fronteira que existe entre elementos [+referencias], i.e. arbitrários e sujeitos [-ref], i.e. expletivos.

CONCLUSÃO

Esta tese se ocupou de examinar um caso de variação de sujeito de referência arbitrária, mais precisamente a realização do pronome ‘eles’ em sua forma plena e reduzida como sujeito de construções impessoais no Português Brasileiro.

Vimos inicialmente que em geral os sujeitos de referência arbitrária têm sido analisados como uma classe homogênea. Neste estudo, porém, apresentamos evidências quantitativas e qualitativas para mostrar que o que se convencionou chamar de classe homogênea de sujeito arbitrário, na verdade, carrega mais informações do que usualmente supomos. A descrição de construções impessoais em termos de tipologias, para descrever construções impessoais em diferentes línguas, serviu para mostrar que o rol de construções impessoais, nas mais variadas línguas, forma uma classe bastante heterogênea. As tipologias de Cabredo Hofherr (2003, 2006), Siewierska (2007), Creissels (2008) e Siewierska & Papastathi (2011) contribuíram para a formulação de argumentos que mostram que as construções com o pronome ‘eles’ no PB atestam a impessoalidade como gradação.

Os estudos de Corrêa (1998) e Souza (2007) já haviam mostrado de certa forma que era preciso investigar a 3ª. pessoa do plural mais detalhadamente, de modo a enxergar a gradação não só na expressão do sujeito de referência arbitrária como também poder detalhar o processo de redução que envolve o pronome ‘eles’, considerando a hipótese de que a forma reduzida ‘es’ constitui o mais alto grau de impessoalização da 3ª. pessoa, além de investigar a hipótese de que a estrutura [Es +V sing] revela um novo padrão de concordância no PB, o que se confirmou. Esse novo padrão reflete, por sua vez, dois

aspectos muito importantes do sistema linguístico do Português Brasileiro: primeiro, o uso de [Es + V sing] que reflete um avanço na redução do paradigma flexional do PB. Os resultados encontrados para a redução [Es + V sing] mostram que em construções impessoais de 3ª. pessoa do plural estão deixando de exibir um padrão de concordância com verbo no plural. O novo padrão seria exatamente [3ª. p. pl + V sing].

Por fim, discutimos a impessoalidade como gradação. Buscamos inserir a tipologia das construções impessoais de 3ª. pessoa do plural em termos de traços na hierarquia de referencialidade proposta por Cyrino, Duarte & Kato (2000), mostrando que a inserção da 3pl como gradação permite enxergar a classe de sujeito arbitrária como não homogênea.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. L. L. *Sujeito indeterminado na fala*. Tese (doutorado). Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.
- ALONSO-OVALLE, L. “Arbitrary-pronouns are not that indefinite”. In *Proceedings of Going Romance*, Amsterdam, 2002.
- ALONSO-OVALLE, L. & D’INTRONO, F. *Full and null pronouns in Spanish: the zero pronoun hypothesis*. Ms., University of Massachusetts at Amhaster, 2002.
- ANDRADE, C. D. *Antologia Poética*. 53ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- ARAÚJO, Leonardo Eustáquio Siqueira. *Variação em Locativos no Português de Belo Horizonte: estudo sociolingüístico*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2007.
- AUGUSTO, M. R. A. *Marcação de número e genericidade: interpretação genérica na aquisição do PB*. Letras de Hoje. Porto Alegre, v.42, n.1, 2007. p.35-51. Disponível em [HTTP://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/669/484](http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/669/484). Acesso em: 07 Jan. 2011.
- BARBOSA, P.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. *Null subjects in European and Brazilian Portuguese*. Journal of Portuguese Linguistics, v.4, p.11-52, 2006.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1977.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 2005.
- BEJAR, S. *Structural markedness in formal features: deriving interpretability*. Revue québécoise de linguistique, v.28, n.1, 2000.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística (I. Objetos teóricos)*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 121-140.
- BIANCH, V. *Antisymmetry and the Leftness Condition: leftness as anti-c-command*. Studia Linguistica 55.1, 2001
- BUTHERS, C. M. *Emergência da ordem [XP V (DP)] no PB Contemporâneo e o Parâmetro do Sujeito Nulo: uma abordagem minimalista*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da UFMG: Belo Horizonte, 2009.
- CABREDO HOFHERR, P. *Arbitrary reading of third person pronominals*. In Matthias Weisgerber (ed.). *Proceedings of the conference Sinn und Bedeutung 7 (sub 7) (Arbeitspapiere des Fachreichs Sprachwissenschaften 114)*, 2003.

CABREDO HOFHERR, P. "Arbitrary" pro and the theory of pro-drop. In Peter Ackema, Patrick Brandt, Maaïke Schoorlemmer & Fred Weermann (eds.). *Agreement and arguments*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

CÂMARA JR, J. M. Considerações sobre o gênero em português. In: *Dispersos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p.115-129, 1972.

CÂMARA JR, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 8ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

CÂMARA JR, J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. 10ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

CARDINALETTI, A.; STARKE, M.). The typology as structural deficiency: a case study of three classes of pronouns. In: Henk van Riemsdijk (ed.). *Clitics in the language of Europe*. Berlin & New York: Mouton ET Gruyter, 1998.

CARVALHO, D. S. *A estrutura interna dos pronomes em Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, UFAL, Alagoas, 2008.

CAVADAS AFONSO, S. P. *Impersonal constructions in Portuguese: A construction approach*. MA dissertation, Manchester University, 2003.

CAVALCANTE, S. R. O. *A indeterminação do sujeito na escrita padrão: A imprensa carioca nos séculos XIX e XX*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.

CAVALCANTE, S. R.O.; DUARTE, M.E.L. *The subject position in infinitival sentences in Brazilian portuguese: the embedding of a syntactic change*. University of Pennsylvania, Working papers in linguistics, v.14, p. 157-161, 2008.

CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 39ª ed. São Paulo: Nacional, 1994.

CINQUE, G. On Si constructions and the theory of arb'. *Linguist Inquiry*, 19, 521-581, 1988.

CORRÊA, L. T. (1998). *A forma clítica de pronome pessoal no dialeto mineiro: uma variante sociolinguística*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

CREISSELS, *Impersonal and related constructions: a typological approach*. This is the text of a series of 3 lectures the author gave at the University of Tartu, 2008. Disponível em: <http://www.deniscreissels.fr/public/Creissels-impers.constr.pdf>. Acesso em 25 Fev. 2012.

COUTINHO, I. S. *Gramática Histórica*. Rio, Ao Livro Técnico, 1954

CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, C. S. *Indeterminação pronominal do sujeito*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, UFRJ, 1993. [mimeo]

CYRINO, S. M. L., DUARTE, M. E. L. & KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. IN: Kato & Negrão (Ed.). *Brazilian Portuguese and null subject Parameter*. Madri: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Verveurt, 2000. p. 53-73

DU BOIS, Jean et al. *Diccionario de Lingüística*. 5ª.ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: Roberts & Kato (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: editora da Unicamp, 1993.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 1995.

DUARTE, M. E. L. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.). *Mudança Linguística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003a.

DUARTE, M. E. L. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI *et al.* (orgs.). *Português Brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7. Letras, 2003b.

DUARTE, M. E. L., KATO, A. & BARBOSA, P. *Sujeitos indeterminados em PE e PB*. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional da ABRALIN. Fortaleza, março, 2001.

DUARTE, M. E. L., LOPES, C. R. S. “Realizaram, realizou-se ou realizamos...? As formas de indeterminação do sujeito em cartas de jornais do século XIX. In: Duarte & Callou. (orgs.) *etti alli. Para a história do português Brasileiro. Notícias de corpora e outros estudos* - Vol. IV, Faculdade de Letras da UFRJ/FAPERJ, Rio de Janeiro, 2002.

EGERLAND, V. Impersonal pronouns in Scandinavian and Romance. *Working Papers in Scandinavian Syntax* 71:75-102, 2003a.

EGERLAND, V. Impersonal ‘Man’ and Aspect in Swedish. University of Venice. *Working Papers in Linguistics* 13. 2003. Disponível em <http://lear.unive.it/bitstream/10278/185/1/2003-3s-Egerland.pdf>. Acesso em: 11 Oct. 2011.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

GALVES, C. M. C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2ª ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.

GUY, G. R. Variation in the group and the individual: the case of final stop deletion. In: LABOV, W. (Ed.). *Location Language in Time and Space*. New York: Academic Press, 1980.

HOLMBERG, A.; NAYADU, A. & SHEEHAN, M. Three partial null-subject languages: a comparison of a Brazilian Portuguese, Finnish and Maratti. In: *Studia Linguistica* 63(1), 2009

HOPPER, J. *Some recent trends in grammaticalization*. Annual Review of Anthropology. October 1996, vol. 25, p. 217-236

JAEGGLI, O. Arbitrary plural pronominals. *Natural Language and Linguistic Theory* 4:43-79, 1986.

JOTA, Z. S. *Diccionario de Lingüística*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

KATO, M. A. *Strong pronominals in the subject parameter*. Probus: 11, p. 1-37, 1999.

KATO, M.A. *Pronomes fortes e fracos na gramática do português brasileiro*. Revista Portuguesa de Filologia. Coimbra, Portugal, v. xx, p. 101-122, 2002.

KITAGAWA, C.; LEHRER, A. Impersonal uses of personal pronouns. *Journal of Pragmatics* 14:739-759, 2009.

KRZEK, M. *Some aspects of subject of impersonal constructions in Polish*. Newcastle Working Papers in Linguistics. 16, 2010.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. (1972). Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

LABOV, W. (1994). *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford: Blackwell.

LABOV, W. (2001). *Principles of Linguistic Change: social factors*. Oxford: Blackwell.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, v.2, 1977.

LYONS, J. *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN-CM, 1989.

MÜLLER, A. A expressão da genericidade nas línguas naturais. In: Müller, Negrão e Foltran (orgs.). *Semântica Formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p.153-172

_____. *Genericity and the denotation of common nouns in Brazilian Portuguese*. Revista Delta, vol. 18 n°. 2, São Paulo, 2002.

_____. *Sentenças genericamente quantificadas e expressões de referência a espécies no português brasileiro*. Artigo escrito durante pós-doutoramento junto ao Departamento de Lingüística da University of Massachusetts-Amhaster, 1999.

NASCENTES, A. *O idioma Nacional*. Rio, Acadêmica, 1960.

NEELEMAN, AD., SZENDRÖI, Kriszta. (2006). Radical Pro Drop and the morphology of pronouns. *Linguistic Inquiry* 38, pp. 671-714

NUNES, J. J. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. 4ª.ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1951.

OLIVEIRA, A. J. *Variação em itens lexicais terminados em /l/ + vogal na região de Itaúna/MG*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2006.

PAIVA, M.C.A; DUARTE, M.E.L. *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003

PAIVA, M.C.A; DUARTE, M.E.L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolingüística brasileira. In: *Mudança Lingüística: fundamentos empíricos para uma teoria da variação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 131-149

RAMOS, J. Mais um pronome em processo de cliticização: o par eles/es. In: Vitral e Ramos (orgs.) *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; & TAGLIAMONTE, S. *GOLDVARB2001*. Disponível em <<http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/>>. Acesso em 26 de jun. 2008.

SIEWIERSKA, A. Ways of impersonalizing: pronominal vs. verbal strategies. In: Lachlan Mackenzie, Anne-Marie Simon—Vandenberg, Elsa Gonzáles Alvarez Maria de los Angeles Gomez-González (eds.). *Language and cultures in contrast and comparison*. Amsterdam John Benjamins, 2007.

SIEWIERSKA, A. Introduction: impersonalization from a subject-centered vs. agent-centered perspective. *Transaction of Philological Society*. Special issue Impersonal Constructions in Grammatical Theory. 106.2: 1-23, 2008.

SIEWIERSKA, A.; PAPASTATHI, M. *Towards a typology of third person plural impersonals*. Linguistics 49-3, p. 575-610, 2011.

SOUZA, E. M. (2007) *O uso do pronome 'eles' como recurso de indeterminação do sujeito*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.

SOUZA, E. M. *Pronomes no PB: a correlação entre o uso do pronome ‘eles’ e a alteração do parâmetro do sujeito nulo no Português Brasileiro*. In: *ReVeLe – Revista Virtual dos Estudantes de Letras, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2011*

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

TARALLO, F. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*, University of Pennsylvania, PhD dissertation, 1983.

TARALLO, F.L. *A Pesquisa Sociolinguística*. 7ª. Ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

VASCONCELOS, L. *Lições de Filologia Portuguesa*. 3ª.ed. Rio, 1959

VARGAS, A.S.C. *Estratégias Pronominais de indeterminação: um estudo diacrônico*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras. UFRJ. Rio de Janeiro, 2010

VITRAL, L.; RAMOS, J. M. *Gramaticalização de “você”*: um processo de perda de informação semântica? *Filologia e Linguística Portuguesa*. v.3. São Paulo, Humanitas Publicações, 1999.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: W. Lehmann & Y. Malkiel (eds.), *Directions for historical linguistics*, Austin, University of Texas Press, 1968.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos Empíricos para uma teoria da Mudança Lingüística*. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica de Carlos Alberto Faraco; posfácio de Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 151 p. Título original: *Empirical foundations for a theory of language change*.